

ORGÃO DA SECRETARIA DE CULTURA, DESPORTOS E TURISMO DO PIAUÍ  
ANO IV - Nº 8 JULHO/SETEMBRO 1983

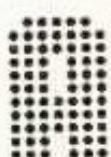
# RESENHA



- Interação Educação/Cultura**
- E a nossa identidade cultural?**
- O Chanceler Félix Pacheco**
- Os clamores dos cordelistas**
- Pixinguinha: a vez da prata da casa**
- Concursos:  
duas experiências vitoriosas**
- E a ressonância de nossa música?**



# **SEPLAN-PI coordena formação de Associações Municipais**



Secretaria de Planejamento do Piauí, que desenvolve a coordenação do processo de formação de Associações Municipais no Estado, promoveu, em Teresina, encontro entre prefeitos piauienses e membros da Associação dos Municípios da Microrregião do Vale do Rio Grande, de Minas Gerais — AMGRA.

A vinda dos representantes da AMGRA ao Piauí foi solicitada pela SEPLAN-PI, devido ao parecer da SAREM que aponta esta Associação Municipal como aquela que vem obtendo os melhores resultados em termos de associativismo no Brasil. Desta forma, a iniciativa foi consideravelmente produtiva, já que as presenças do sr. Wagner do Nascimento (presidente da AMGRA e atual prefeito de Uberaba) e do secretário executivo Cícero Romão Batista contribuíram, com inúmeras informações, para o aprimoramento do processo de formação de associações municipais no Piauí.

Participaram do evento o secretário de Planejamento Hélio Matos, o presidente da APPM, Manoel Lages Filho, e expressivo número de prefeitos piauienses.

## **ASSOCIAÇÕES MUNICIPAIS**

**Finalidades:** — Ampliar e fortalecer a capacidade administrativa, técnica e financeira dos municípios;

— promover a cooperação intermunicipal e intergovernamental para a implantação de programas e projetos de desenvolvimento.

**Atividades principais:** — Articulação entre os municípios e órgãos estaduais e federais;

— conservação e melhoria de estradas municipais;

— perfuração de poços;

— assessoria administrativa, jurídica e contábil;

— elaboração de projetos de engenharia;

— acompanhamento e fiscalização de obras;

— estudos e pesquisas relacionadas com o desenvolvimento sócio-econômico do meio rural.

No Piauí, estão formadas as Associações Municipais da Microrregião Centro Norte, com sede em Campo Maior, e da Microrregião Altos do Piauí Canindé, sediada em São João do Piauí. Encontram-se, atualmente, em formação, as Associações do Médio Parnaíba, Região de Picos e Extremo Sul Piauiense.

**SEPLAN — Secretaria de Planejamento  
do Estado do Piauí**



# EDITORIAL

realização do Encontro Nacional de Dirigentes de Educação, Cultura e Desporto, em Brasília, de 26 a 28 de setembro, sob o patrocínio do MEC, se não deu solução aos problemas do setor cultural, ao menos ensejou um novo discurso. E esse novo discurso, caracterizado pela unidade de pontos de vista, representa uma firme tomada de posição contra a marginalidade imposta à Cultura nos planos e programas governamentais.

Chamou a atenção dos participantes do Encontro o fato de o MEC aplicar apenas 5% de seu orçamento no setor cultural. E isto apesar de chamar-se Ministério da Educação e Cultura...

Ora, para falar em Cultura convém fixar alguns pontos fundamentais.

Nosso projeto cultural deve refletir nosso projeto de Nação. É preciso, e urgente, que se defina que tipo de Brasil estamos dispostos a construir. Se ele, para manter sua identidade, deve preservar seus valores básicos ou se, levado pelo cosmopolitismo, aceita esquecer suas raízes e submeter-se placidamente aos valores alienígenas. E perder-se como Nação.

Sem projeto definidor de nossos objetivos permanentes não há como indicar os meios para atingi-los, isto é, não há como falar em política cultural.

Dai a atividade cultural esboçar-se de forma episódica, eventual, dispersiva.

À falta de ações integradas e integradoras, que consubstanciem uma autêntica política cultural, descamba-se quase sempre para a mera promoção de eventos. À falta de recursos, alias sempre crônica, apela-se para o oportunismo do que pode e não do que deve ser feito.

Tal situação, evidentemente, não pode nem deve continuar, em nome, inclusive, de nossa existência como Nação.

Alertar é preciso!

Agir, muito mais!

Jesualdo Cavalcanti

## RESENHA

Órgão Oficial da Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo

Governador do Estado do Piauí  
HUGO NAPOLEÃO

Secretário de Cultura, Desportos e Turismo  
JESUALDO CAVALCANTI BARROS

Presidente do Conselho Estadual de Cultura  
BENJAMIN DO BEGO MONTEIRO NETO

Editor  
LENA MONTEIRO DE CARVALHO

### Conselho Editorial

Carlos Evandro Estrela  
Francisco Miguel de Moura  
Amaury Teixeira Nunes

### Editor Comercial

José Elias Martins Arôa Leão

### Secretaria

Sónia Maria Setebal Gómez e Silva

### Colaboradores

Cláudio, Osvaldo Lemos, Paixão  
Matusalém Souza, Edmar  
Rodrigues Júnior, José Pinheiro de  
Carvalho Filho, Hubervaldo  
Nascimento, Airton Sampaio  
Arriaga, Valter Soares, Virgílio  
Campelo, George Mendes,  
Dagoberto Carvalho Júnior, A. Tito

Filho, Carvalho Neto, Carlos  
Andrade, Cláudete Miranda Dias,  
Ana Miranda, Edison Gayoso  
Castelo Branco, Cunha e Silva Filho,  
Francisco Miguel de Moura, Carlos  
Evandro Estrela, Joenir Nunes,  
Félix Aires e Marcos Carreiro

### Endereço da redação

Av. Miguel Rosa, 3.300 - sul  
Fone: 223-4656 - 223-4657

Os conceitos e opiniões aqui  
emitidos são de responsabilidade  
exclusiva dos autores das textos.

Planejamento gráfico, compilação,  
fotolito e impressão  
Companhia Editora do Piauí  
— COMEPI

# SUMÁRIO

	ENTREVISTA Com o Secretário de Educação.	6
	E a nossa identidade cultural?	11
	Piracuruca de nossa Senhora do Carmo	14
	Teresina: 3 assuntos	19
	Abelheiras: um marco da Casa da Torre no Piauí	24
	DEPOIMENTO: Corre no meu sangue o sangue do meu rio	28
	Inauguração em Olarias	32
	FELIX PACHECO O chanceler de Artur Bernardes	34
	PIXINGUINHA: A vez da Prata da Casa	47
	IX Salão de Artes Plásticas	53

## CARTAS

Senhor Secretário,

Ainda sob a agradável e calida lembrança dos dias que marcaram a "Semana Cultural do Piauí" aqui no Memorial J.K., apresento-me em escrever-lhe, para felicitá-lo e ao Governo de seu Estado, pelo brilhantismo e alto padrão de qualidade apresentados pela simpática, inteligente e culta

equipe que veio nos trazer tão marcante evento.

As pessoas que participaram, tanto quanto o próprio acontecimento cultural, deixaram a melhor e mais significativa marca em todos nós que tivemos oportunidade desse convívio. — Esperamos que outras ocasiões surjam e que tenhamos novamente o prazer de tê-los conosco.

Peço ao ilustre Secretário que leve ao Exmo. Sr. Governador Hugo Napoleão, bem como a todos de sua maravilhosa equipe, os cumprimentos meus e de todo o pessoal do Memorial J.K.

Cordialmente,  
Affonso Heliódoro dos Santos  
Secretário Geral

# HUMOR



Galdino



# ENTREVISTA

**Com o Secretário de  
Educação do Piauí,  
Economista  
Atila Freitas Lira,**

**nascido em Piripiri,  
ex-Secretário de  
Trabalho e Ação Social.**

**Presença:** Quais as prioridades de sua gestão frente à Secretaria de Educação?

A.L.: Em educação, tudo é prioridade, notadamente em um Estado pobre como é o caso do Piauí. Entretanto, como os recursos limitam as ações necessárias ao atendimento à demanda pelos serviços educacionais, temos necessidade de trabalhar com prioridades preferenciais. Nesta perspectiva, o governo HUGO NAPOLEÃO elegeu as seguintes prioridades para o setor educacional:

## **Enfase especial nas quatro primeiras séries do 1º Grau**

- a) **Educação Básica**, com ênfase especial nas quatro primeiras séries do 1º Grau, e voltadas para as populações carentes da zona rural e periferias urbanas, sem subestimar os níveis pré-escolar e 2º Grau;
- b) **Valorização dos Profissionais da Educação**, através de capacitação permanente, melhoria salarial, atualização do Estatuto do Magistério e regularização funcional dos servidores sem regime jurídico definido;



- c) **Melhoria da Qualidade do Ensino**, em todos os níveis, através do desenvolvimento de novas metodologias, da produção de materiais de ensino-aprendizagem e de reestruturação didático-pedagógica;
- d) **Formação de Mão-de-Obra**, visando ao atendimento das necessidades do mercado de trabalho, de modo a possibilitar o engajamento do homem piauiense no processo de desenvolvimento do Estado;
- e) **Reestruturação Organizacional e Pedagógica do Sistema Estadual de Ensino**, de modo a dotá-lo de mecanismos capazes de assegurar a eficiência e eficácia do ensino.

**A função  
mais tradicional de  
qualquer sistema  
educacional é  
a preservação dos  
valores culturais**

**Presença:** Como vê a Integração Educação e Cultura?

A.L.: Só posso vê-las e cé-las de forma integrada: questões eminentemente racionais, estes dois segmentos são tratados de forma separada, mas não quer dizer que estejam integradas na execução de resultados. É mais uma questão para discussão de ações.

Ademais, não podemos querer que a função matricial de qualquer sistema educacional é a preservação de valores culturais, como elo de ligação das sociedades passadas, atual e futuras.

**O descompasso entre  
“educação e realidade”  
não é privilégio  
do Piauí**

**Presença:** Não acha que a Educação está dissociada da realidade piauiense?

A.L.: O descompasso entre “educação e realidade” não é privilégio do Piauí, e suas raízes só

contradas em um contexto social mais amplo, que somente pode ser analisado a partir dos aspectos políticos, sociais e econômicos, nas esferas local, regional, nacional e até mesmo internacional, notadamente se considerarmos, sociologicamente, as dependências a que estão submetidas as sociedades periféricas, como é o caso do nosso país, especialmente nosso Estado.

**Presença:** O que a Secretaria de Educação faz ou planeja para modificar este fato?

**A.L.:** A solução para esta problemática tem que ser encarada sob os aspectos internos e externos à Escola. Os fatores internos à própria Escola, ligam-se sobretudo, às questões do desapreparo do professor, inadequação curricular; escassez de materiais didático-pedagógicos; falta de espaços físicos em número satisfatório ao atendimento da demanda e as condições precárias de conservação que se encontram muitas dessas Escolas. Para estes problemas possíveis de solução pelo próprio Sistema Estadual de Ensino, a Secretaria de Educação, vem desenvolvendo um conjunto de ações que acreditamos minimizar esta situação, já que resolver na totalidade é um ideal a ser alcançado a médio e longo prazo. Assim, esta Secretaria vem desenvolvendo um Projeto de Revitalização das Escolas Normais, em número de 14 no Estado do Piauí, e que pretende gerar impacto no processo de formação dos professores de 1<sup>a</sup> a 4<sup>a</sup> séries, o que consequentemente, uma melhoria, na qualidade do ensino de 1º Grau.

Outras ações contempla o Projeto de Escolas Normais, como criação de "Colégios de Aplicação", objetivando uma melhor integração teoria x prática e a própria ampliação das funções dessas Escolas, transformando-as em "centro de desenvolvimento de recursos humanos para o Ensino do Pré-Escolar e do Primeiro Grau", numa ótica mais voltada para um processo de educação permanente dos professores que atuam nessas faixas de ensino.

Quanto a questão da inadequação curricular, a Secretaria

tem evoluído no trabalho de elaboração de materiais de ensino, principalmente no livro didático, que se constitui na própria proposta curricular. Observa-se que este material é elaborado a partir do universo social do aluno e do professor, inclusive com a participação destes na elaboração de textos. Essa experiência já tem sido vivenciada na zona rural de todo o Estado do Piauí, com bastante sucesso. No momento pretende-se estendê-la às zonas urbanas dos municípios piauienses. No que concerne a espaços físicos — construção e melhoria, no atual Governo já foram construídas 58 novas Unidades Escolares, com um total de 156 salas; ampliadas 71 Unidades, perfazendo um total de 96 salas e recuperadas 432 Unidades Escolares. Observa-se que este esforço do Governo cria, no Sistema Estadual de Ensino, mais 20.160 novas oportunidades educacionais e beneficia um número bastante superior a este quanto à melhoria de condições físicas das Escolas.

Estas evidências servem para comprovar o esforço da Secretaria de Educação, na solução de alguns dos problemas existentes no Sistema Estadual de Ensino. Isto não que concerne aos fatores de ordem interna à própria Escola.

Quanto aos fatores externos, estes ligam-se mais à questão de ordem socio-económica da própria população, e que a Escola muito pouco pode fazer para alterar esse estado de coisas, sofrendo as consequências deles decorrentes e que interferem, com maior ou menor intensidade, no processo ensino-aprendizagem.

**Presença:** Que dificuldades tem encontrado para exercer a Pasta?

**A.L.:** Administrar um Sistema Estadual de Ensino, é conviver, necessariamente, com problemas de toda ordem e porte. Entretanto, sem querer simplificar esta complexidade, eu diria que parcela significativa das dificuldades é determinada pela escassez de recursos, para a Educação, notadamente neste momento de maior crise econômica do País. Se tenho pela frente o desafio de fazer funcionar

bem o Sistema Estadual de Ensino, onde as necessidades reclamam por soluções que dependem de recursos, por outro lado tenho uma demanda reprimida nas ordens de 91% na pré-escola, 52% no ensino de 1º grau e de 93% no 2º grau, que reclama por mais Escolas e que igualmente depende de recursos para o seu atendimento.

**Presença:** Em que pontos poderia ser realizado um trabalho conjunto entre Secretaria de Cultura/Secretaria de Educação?

**A.L.:** Creio que em muitos. A existência de uma rede física escolar, nos mais diversos rincões do Piauí, pode ser utilizada pela Cultura, como instrumento eficaz para atingir a quase totalidade da população piauiense, notadamente em atividades culturais que, propiciem a recuperação e/ou preservação de valores culturais das comunidades onde essas Escolas estão inseridas e com as quais devem estar direta e imediatamente, comprometidas. Ao lado disso, o próprio currículo da Escola contempla áreas de conhecimento que podem ser perfeitamente desenvolvidas de forma integrada em atividades sócio-educativas e culturais. É o caso, por exemplo, da área de "Comunicação e Expressão", que na própria disciplina "Língua Nacional" podem ser utilizados textos ligados à cultura local, regional e nacional. Nessa mesma área temos as disciplinas "Educação Artística" e "Educação Física e Lazer", que se prestam perfeitamente para atividades integradas educação/cultura. Além disso, programas especiais podem ser criados e desenvolvidos a partir da Escola.

**Presença:** Já que a Secretaria de Cultura é agora ligada a desportos, como o Senhor vê a transferência do esporte para a pasta da Cultura?

**A.L.:** Considerando-se que o Governo do Estado, na atual administração, ampliou as atribuições da Secretaria de Cultura, agora extensiva a Desporto e Turismo; considerando, ainda, que o esporte, nas suas diversas modalidades, tem poder para mobilizar grandes públicos, tornando-se quase a "palco das massas", vejo a transferência do

Programa Esporte para Todos, da Educação para a Cultura, como uma medida acertada, principalmente pelo fato de que este Programa pode ser um excelente instrumento de mobilização de comunidade, quando então a Cultura poderá dele aproveitar-se para atingir objetivos paralelos e de natureza cultural mais amplos.

## Muitas crianças vão à Escola, por necessidade de comer

Presença: Que causas atribui à evasão escolar no Piauí?

A.L.: A produtividade do sistema estadual de ensino está sempre ligada a fatores internos e externos. A evasão compromete essa produtividade e também se liga a fatores da mesma ordem. Como já tive oportunidade de me reportar a fatores internos, inherentes à própria Escola, vou agora discorrer mais a fatores externos.

Sabemos que parcela significativa da população piauiense vive quase em estado de pobreza absoluta. Ora, neste contexto, o programa de alimentação escolar torna-se um grande atrativo para as crianças que, sem terem nada para comerem em casa, vêm à Escola como um fim à dor de sua fome. Muitas dessas crianças, vão à Escola, em primeiro lugar, por necessidade de comer, em segundo, pela oportunidade de crescimento, a partir de uma efetiva aprendizagem. Ora, no momento em que falta esse grande atrativo na Escola, registram-se índices elevados de evasão. E é perfeitamente compreensível esse comportamento, pois antes de tudo é uma questão de sobrevivência mesmo.

Presença: Se a falta ou inadequação de alimentação traduz-se em evasão escolar, como a merenda escolar pode suprir esta deficiência?

A.L.: Sendo objetivo, eu diria que a melhor solução está no atendimento quantitativo e qualitativo recomendável. Ao lado disso, o Programa deve ter uma absoluta normalidade, não permitindo, em nenhum momento, problemas que afetem à sua continuidade.

Presença: O cardápio alimentar é voltado para a realidade das nossas hábitos?

A.L.: Nem sempre. Só mais recentemente e que alguns produtos regionais estão sendo contemplados no cardápio escolar, como é o caso, por exemplo, no Piauí, da nossa carne-de-sol.

Presença: Se há dificuldades em comprar alimentos, porque a Educação não institui como matéria curricular a criação de hortas e pomares? Quais as medidas efetivas adotadas?

A.L.: A questão não é tão simples como às vezes se quer imaginar, e não creio que pela Escola se possa ter a solução do problema nas devidas proporções reclamadas. As Escolas desenvolvem, como prática curricular, hortas, pomares e até pequenos núcleos de produção. Entretanto isto é muito incipiente face à demanda. Já imaginou o que é uma produção para atender a aproximadamente 650.000 crianças, diariamente? Acredito que a melhor solução para o problema pode ser encontrada no fortalecimento do pequeno e médio produtor piauiense.

Presença: No seu ponto de vista, a reforma do Ensino melhorou ou piorou o nível do ensino ministrado?

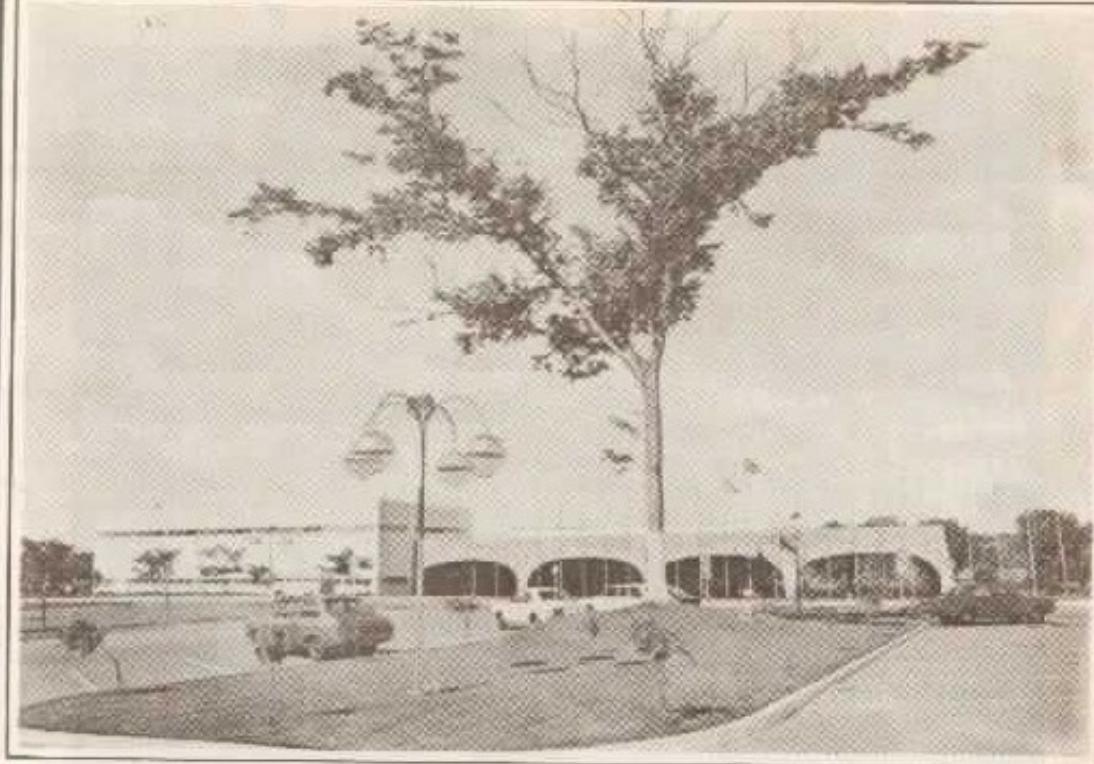
## Uma lei não muda os interesses e aspirações de uma comunidade

A.L.: A análise da produtividade do sistema educacional só deve ser contemplada a partir do contexto socio-político-econômico. É esse contexto que determina o tipo de educação a ser desenvolvida. A reforma do ensino brasileiro, nos seus diversos níveis, aconteceu basicamente na década de 65 - 75, onde a educação saiu do seu quase anonimato de importância e assumiu a liderança do debate nacional, sob a forte influência de concepções econômicas da educação. Passada a euforia do momento, observou-se que a reforma não correspondia aos anseios da sociedade brasileira, confirmando-se, mais uma vez, que não é uma lei que muda os interesses e aspirações de uma comunidade.

Como proposta, ela não conseguiu unificar as diversas tendências e continuou a oferecer dois tipos de Escolas: uma que "prestigava o desenvolvimento da mente" e outra que se prestava "aos castigos da mão". Ao lado disso, há de se considerar que ao propor a antecipação da profissionalização ao nível médio, implicitamente ela pretendeu conferir a pressão pelo nível superior o que também não ocorreu. Igualmente, deve-se considerar que os sistemas de ensino não tinham estrutura e suporte suficientes para receber o impacto gerado pela universalização do 1º Grau, em oito (8) séries. O crescimento desordenado por mais serviços educacionais, tinha que gerar problemas de qualidade. Foi o que realmente aconteceu.

Presença: O que seria a reforma ideal?

A.L.: Qualquer resposta individual, por mais completa, não responderia satisfatoriamente à pergunta e possivelmente levaria a uma ingenuidade sem precedente. Creio que a reforma ideal seria aquela que tiver a capacidade de reunir a maior soma de interesses dos diversos segmentos sociais e que verdadeiramente se apresente comprometida com esses segmentos, enquanto respeita as suas necessidades, aspirações e valores culturais.



O Centro de Convenções de Teresina, Empresa vinculada à Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo conta com estrutura esportiva para atender às necessidades de seminários, convenções, encontros e reuniões diversas.

Estes eventos realizados em Teresina apresentam resultados econômicos através de movimentação que gera junto a todos os segmentos direta ou indiretamente ligados a Congressos tais como: hotelaria, agências de viagens, empresas organizadoras de congressos, companhias aéreas, restaurantes, comércio etc.

Programe seu evento. Contrate o Centro de Convenções e assegure seu êxito.

## CENTRO DE CONVENÇÕES



GOVERNO DE UM NOVO TEMPO

### INSTITUIÇÕES VINCULADAS À SECRETARIA DE CULTURA, DESPORTOS E TURISMO

FUNDAÇÃO CULTURAL DO PIAUÍ  
Av. Miguel Rosa, 3.300-S  
Fones: 223-4657, 223-4658

BIBLIOTECA DES.  
CROMWELL CARVALHO  
Praça Dom Joaquim - Avelino, 1.398  
Fone: 223-1350

THEATRO 4 DE SETEMBRO  
Praça Pedro II  
Fone: 223-1042

CENTRO DE CONVENÇÕES  
Rua Afonso, s/n — Centro Cívico  
Fone: 223-4390

CASALANÇIO BRITO  
(Acervo Pública)  
Rua Coelho da Arquiza, 1.816  
Fone: 223-3541

ESCOLA DE MÚSICA DE TERESINA  
Rua Peixoto Gomide, 2.313  
Fone: 223-9067

FACEP — FUNDAÇÃO DE ASSISTÊNCIA  
GERAL DOS DESPORTOS DO PIAUÍ  
Praça Campo de Maio, s/n  
Ginásio Verdião — Fone: 223-3127

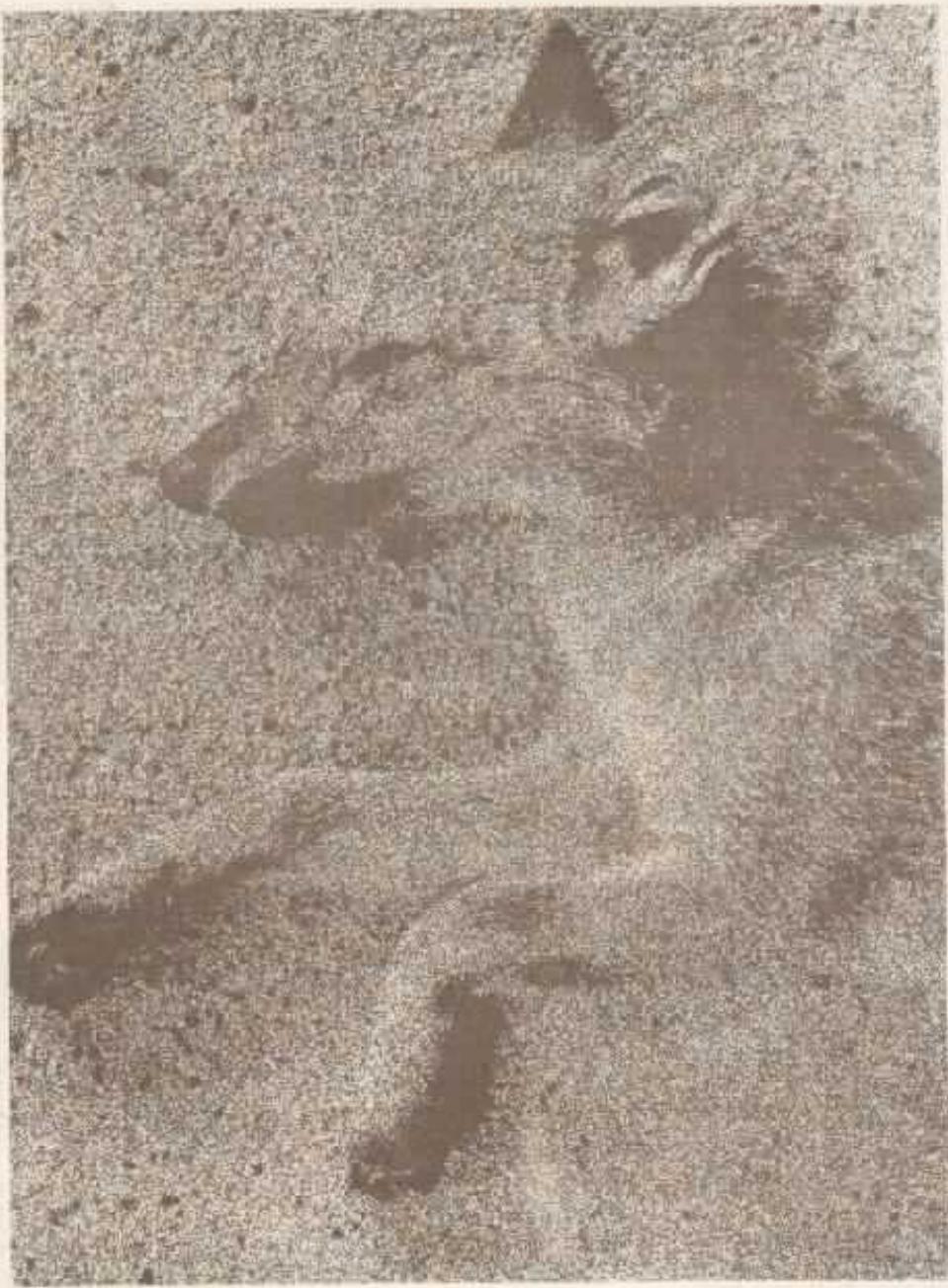
PIEMTUR — EMPRESA DE TURISMO  
DO PIAUÍ  
Rua Afonso Mendes, 2.000  
Fone: 223-8134

RIMO — REDE INTEGRADA DE HOTEIS E  
MOTÉIS DO PIAUÍ S/A  
Rua Afonso Mendes, 2.000  
Fone: 223-3100

AUDITÓRIO HERBERT PARENTE FORTES  
Av. Miguel Rosa, 3.300

CENTRO CULTURAL  
Sulzatto Major Selemento  
Oeiras - Piauí

MUSEU DO PIAUÍ  
Praça Marechal Deodoro, s/n  
Fone: 223-6027



"Morta! Tessa sobre o  
asfalto, uma raposinha.  
Uma ligeira ansivosa:  
a vida é maior façanha  
que a morte".

Alicide

## E a nossa Identidade Cultural?

Estaria de levantar uma questão que considero da maior importância. Trata-se do problema da identidade cultural do povo piauiense. A minha suposição básica é de que o nosso povo, pouco a pouco, vem perdendo alguns traços culturais que o caracterizava e o diferenciava dos demais. A preocupação responde ao fato de que essa perda o torna excessivamente dócil e dominável.

Nesse processo, é bem verdade, todos nós desempenhamos um papel e temos responsabilidades sobre isso: órgãos da classe, particulares, partidos políticos, governo (entendido no seu sentido mais amplo) etc, etc.

Diz-se por ali que a qualidade da política que se desenvolve é razão direta do grau de organização da sociedade. E é verdade! Reporto-me a este fato para lembrar quão amplos são os seus efeitos.

Bom, mas como podemos situar a perda dos traços culturais referida? É simples, basta pensarmos, examinando um caso particular, como era a Teresina de 20 anos atrás e como é hoje. Como referência importante costumo dizer que o grande traço cultural do Piauí é a transição. Ou seja, esta é uma região que em diversos aspectos caracteriza-se pela transição, pela indefinição. Lembremos, por exemplo, as diversidades representadas pelo clima e o relevo, as danças, a culinária, os sambas, a música e o folclore, os costumes etc. Em nenhum desses aspectos temos uma definição comum. Os nossos sambas são verdadeiros mosaicos; na culinária sempre encontramos um comportamento dos nossos "pratos típicos" em outras regiões; a caatinga convive pacificamente com arremedos da mata amazônica. E por ai vai.

Mas voltando ao caso de Teresina. Situada entre dois rios, numa imensa chapada, de clima gostosamente quente e, até 15 anos atrás, praticamente isolada do resto do país. Lembro, e que não faz muito tempo, que aqui lermos os jornais do Sul do país com 2 a 4 dias de atraso. Esse isolamento criava, de uma certa maneira, uma "ilha cultural" que compelha as pessoas a buscarem-se com maior freqüência, para trocar idéias e informações. Daí surgirem tantos pontos de encontro, com diversas finalidades: a Praça Pedro II, o Bar Carnaúba, o Bar do Gazuza, a Praça Sarávia — onde namorava-se no escurinho gostoso —, a Praça São Benedito — com sua missa das 7:00 horas com a permanência até às nove/dez horas para o animado papo — e tantos outros. Cada um abrigando um público bem característico.

A verdade é que esses costumes ensejavam uma coisa altamente salutar, perdida em nossos dias: a vida de bairro. As pessoas procurando atividades de lazer e trabalho no seu bairro.

Quem não lembra da grande movimentação verificada à época

ca dos bois em Teresina, com a população dançando nas ruas ao som dos pandeirões e maracás na batida forte do bumba-meu-boi? E os festivais, encontros de bois (o boi do Poty Vélio visitando o boi do Matadouro, do Mafuá?)

Vejam bem que não há saudoso nisso tudo. Apenas estou levantando a questão da falta de manifestação do nosso povo ou do incentivo para que o faça. De forma espontânea e simples. Não se trata de reviver necessariamente os bois — talvez eles já não expressem o sentimento deste povo — mas de revigorar os elementos que permitem a sua manifestação.

É claro que estas manifestações, ou melhor dizendo, a forma de organização da vida social, está estritamente ligada aos aspectos econômicos com todas as suas disparidades espelhadas nas condições de vida da população. Não cabe aqui uma análise desses aspectos, valendo apenas a afirmativa de que tendo-se sprofundado as desigualdades sociais, as manifestações estéticas-culturais devem inibir-se e/ou assumir novas formas.

Nesse sentido a ação dos governos (estadual, municipal e, principalmente, o federal) tem grande importância, na medida em que desenvolve bem ou mal, orientada ou não, uma política cultural. É verdade que o setor luta com extrema dificuldade por uma crônica falta de recursos. Ocorre que um outro ponto precisa ser discutido: o setor responde-se também de uma orientação clara e bem definida sobre o que fazer, com as disponibilidades existentes, neste imenso e rico espaço cultural que é o Piauí.

A propósito, lembro que uma orientação clara de política cultural levou, por exemplo, a Bahia a ter uma das mais azeitadas indústrias culturais do país, influenciando, inclusive, a inteligente política local — se observada pelo ângulo de quem a patrocina. Esse fato é amplamente comprovado pela utilização do trio elétrico como elemento catalisador das emoções do povo baiano, capaz portanto de reunir rapidamente público necessário para os comícios dos partidos políticos.

Sobre o assunto — que não é privilégio da criatividade dos baianos, pois fenômeno idêntico verifica-se no Recife e no Rio de Janeiro — depõe o intelectual baiano Antônio Risério no livro "Carnaval IJEXA": "quando eu disse, linhas atrás, que o critério da política cultural do governo é, ao mesmo tempo, econômico e intelectual, tinha em mente o fato de que, enquanto a Bahia é uma empresa pertencente ao 'aparelho econômico' do Estado, a Fundação Cultural aparece como a instituição em que se materializa, concretamente, a tradicional ideologia elitista de intelectualidade. Por falar nisso, é preciso não subestimar, aqui, a capacidade de pressão e expressão política da élite cultural baiana, mas tampouco podemos desprezar os seus vínculos, inclusive no plano do relacionamento pessoal, com o poder político".

Mais adiante diz: "De saída o carnaval não é visto pelo governo, de um prisma cultural. Ele é uma coisa à parte, ocupando um lugar muito especial entre as preocupações da Bahiatursa. Trata-se do clímax do ciclo de festas do verão, da grande festa popular da Bahia, evento maior da vida social baiana e nele o governo concentra interesses políticos e econômicos. Lembro de noite em que fui ver Antônio Carlos Magalhães assinar o decreto aumentando a duração do período carnavalesco local, realizando no melhor estilo populista, comício num palanque armado na avenida 7 de setembro, ao lado do Palácio da Aclamação. E lá estavam, como em todas as festas-de-largo e durante o carnaval, políticos que disputavam o apoio do governador para conseguir indicação deste para a próxima gestão estadual. O Presidente do Baneb, por exemplo, fazia desfilar o seu trio elétrico enquanto o senhor Kertes desfilava um turbante do Filhos de Gandhi. Aliás a maciça propa-

ganda política de Kertes durante o carnaval, foi de tal ordem que acabou provocando protestos furiosos de políticos opositores. E porque ampliar a duração do período carnavalesco? Simples, além de render dividendos políticos, a medida tinha objetivos econômicos.

Sobre o potencial turístico da Bahia na sua festa maior, diz A. Risério: "as pesquisas realizadas no sul do país indicam, inviavelmente, que a Bahia ocupa o primeiro lugar na preferência do turismo interno no Brasil. E a época de maior fluxo turístico, como todo mundo sabe, são os meses de verão, janeiro e fevereiro, em especial. Nesse período a estrutura de Salvador em toda a sua extensão. Principalmente durante o carnaval, quando, inclusive, os turistas experimentaram problemas sérios de acomodação, devido à superlotação do parque hoteleiro e das flutuantes guaridas extra-hoteleiras. Evidentemente, há muita grana investida ali. Pra se ter uma ideia, ainda que a partir de dados passados, saiba-se que, em apenas quatro anos, de 1971 a 1975, o empresariado privado investiu, no setor hoteleiro, 700 milhões de cruzeiros. E mais: num cálculo estatístico oficioso, feito em 1976, ficamos sabendo que a renda gerada pelo turismo em Salvador, naquele ano, representou uma parte razoável da receita total do Estado. Bem, acho que não é preciso dizer mais nada sobre o que significa o carnaval, do ponto de vista da grana. É óbvio demais."

E como estamos nos dias de hoje? Estamos mal, muito mal. A "ilha cultural" a que me referi rompeu-se com a proximidade proporcionada pelas comunicações. A idéia da aldeia global que uniformiza comportamento, gostos e estilos, induz o sofriido caboclo nordestino a mesclar a sua dança e o seu canto (xotes, xaxados, balões etc) com o ritmo

"quentes" das discotecas num espetáculo de rara tristeza. Que diferença existe hoje entre a moda dos Estados nordestinos e a do sul/sudeste do país? Nenhuma!

Seria ingenuidade desconhecer o lado positivo proporcionado pela facilidade das comunicações. O caldeirão cultural fervia exatamente com a entrada desses novos ingredientes, com o intercâmbio, a troca de informações.

Acontece que as informações que aqui chegam não estão sendo processadas internamente, no nosso espaço. Elas chegam intactas, pois o que se tem é uma total falta de estímulos à manifestação ou, por outro lado, de estímulo ao imobilismo. A sucessão representada pela programação global é enorme, mas precisamos resistir, pois esta nos obriga a ficarmos em casa ao invés de buscarmos o convívio social. Vamos restaurar os nossos pontos de encontro, reviver intensamente as festas populares, a vida dos bairros. O ser humano só evolui em contacto direto com os seus semelhantes. Do contrário, involui, exacerbando a individualidade.

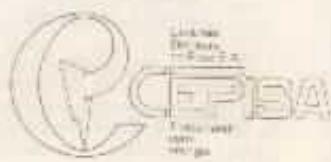
As idéias até aqui levantadas são por demais superficiais para merecerem um ponto final. Carecem de uma maior organicidade e de intensas discussões. Lembro apenas que a política oficial para o setor reconhece que "nenhum povo, nenhuma comunidade chega à idéia fundamental de construção de um projeto comum, sem identidade cultural, ou seja, sem a consciência de seus valores básicos, das suas aspirações e de sua própria história. É fundamental a dimensão política de cultura, no sentido de base da auto-promoção e da auto-sustentação, por quanto é a cultura participativa que transforma a quantidade em qualidade de vida". Resta-nos, portanto, a prática.

## QUEM VIVE FAZ CULTURA

# **A CEPISA modernizou o atendimento ao público**

A CEPISA deu mais um grande passo no sentido da modernização de seus serviços administrativos e melhoria do Atendimento ao Públíco, pondo em funcionamento o sistema de atendimento via terminais de vídeo ligados diretamente ao computador.

Dessa forma, os consumidores que procuram o setor de Atendimento ao Públíco da CEPISA, são atendidos com mais rapidez e segurança em tudo que diz respeito à sua conta de luz, bem como cadastro, débito e emissão de segunda via.



# PATRIMÔNIO

## Piracuruca de Nossa Senhora do Carmo

Dagoberto Carvalho Jr.

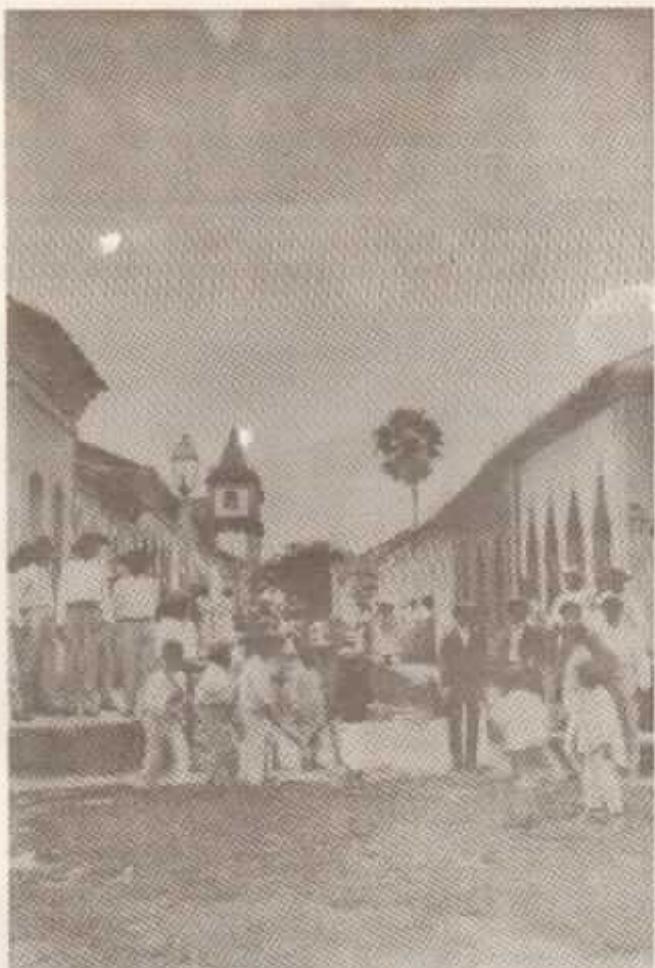
**P**a cidade de Piracuruca, poder-se-á dizer que é uma divisa da Igreja de Nossa Senhora do Monte do Carmo. Da igreja que "erguida pela mão pudorosa da fé", em terras de antiga Fazenda Sítio, às margens do Piracuruca, passou a congregar, em torno de si, a partir do primitivo quartel do século XVIII, "indivíduos e famílias, que resolutos, edificaram as primeiras casas".

A igreja — de 1743. A cidade, como povoação, também.

Em 1807, Carlos César Buritiangu, via o Povoado e propôs à Vila Mai, a Vila só veio em 23 de dezembro de 1833, apesar do progresso que tanto impressionara o Governador. A cidade é de 1889, 28 de dezembro. Só veio com a República.

Nascida em junção e em derredor da Matriz, desenhou-se Piracuruca, encimada de formações essencialmente católica e conservadora. De sua arquitetura civil, oitocentista, conservam-se significativas exemplares. Mas, é a velha Igreja, seu monumento maior. De arte e de fé.

Característica urbanística interessante da cidade, é o seu número de Praças. Deles, muitas desapareceram disputadas pela exagerada especulação imobiliária. A Praça da Glória; a Simplicio Dias, antiga Praça do Livramento; a João Luis, velha II de Novembro e tantas outras. Na Praça Pedro Melquiano, construiu-se o clube da cidade; na Simplicio Dias, a Maternidade; na Seta de Setembro, o Banco do Brasil. A Antonio Freire, antes Leônidas das Dóres Castro Branco, a Duque de Caxias, e João Luis e a da Caieira, deram lugar à construção de



A Maria vista da rua da Costa. Tempo dos lampões.

novas residências. Interessante também a nomenclatura de Praças e Ruas. A Fernando Bacelar foi outrora Largo do Pasto. A Antônio Freire honra João Martiniano Fontenelle, e a velha Rua da Goela do tempo dos lampões.

Entraponto comercial durante todo o século passado, foram, contudo, os caminhos da Estrada de Ferro Central do Piauí, que trouxeram à cidade, em 1922, seis dias de maior progresso. De então, os caminhos de ferro ligavam Piracuruca a Parnaíba. Ao porto — ambo — de Amarração. Depois, a Piriápi. Depois, a Teresina. Bona

tempo do comércio marítimo. Típico com pressa das "Maria Funas".

Ou transportes rodoviários, também — paradoxo do desenvolvimento — a decadência da cidade, assim com o Porto e as "ferrocarrilhas".

### Igreja de Nossa Senhora do Carmo

A Igreja de Nossa Senhora do Monte do Carmo, de Piracuruca, sua construção ligada à curiosa história do Piauí. Narra-o assim em sua Cronologia, o historiador rei da Costa:



*A Casa de Pedro.*

"Manoel Dantas Correia e seu irmão José Dantas Correia, ambos portugueses e bastante ricos, empreendendo em princípios do século XVIII uma viagem de exploração ao interior do Piauhy, caíram prisioneiros dos índios que o habitavam e reconhecendo a sorte que os aguardava, fizeram um voto a Nossa Senhora do Carmo de edificá-lhe um sumptuoso templo no próprio lugar em que se achavam presos, se ela os livrasse das mãos dos barbares indígenas. O voto tão justo apelo e recobrada a suspirada liberdade, deram-se pressa os irmãos Dantas Correia em cumprir o voto e, de fato, em 1743, começaram a construção da Igreja de Nossa Senhora do Carmo, atual Matriz da Freguesia de Piracuruca, um dos templos mais belos e custosos que possui o Estado. Os irmãos Dantas Correia não pouparam despesas nem sacrifícios na construção de tão belo monumento, e por essa morte, legaram todos os bens para o patrimônio da igreja, que é ainda hoje riquíssimo e avultado. O templo mede 30 metros de extensão sobre 18 de largura, é todo ornado, tanto interna como exteriormente, de elegantes colunas de pedra lavrada, que formam a entrada, um belo porticô. Constante de três Capelas e cinco altares, elegantes e artisiticamente dispostos, presidindo pela escultura, pintura e obras de talha nota-se ainda muitos outros objectos curiosos e de subido mérito.

mento artístico, como o púlpito, o púlpito, um lavabo de mármore, alambradas de prata e outras alfaia e paramentos dignos de nota."

De 1896, é este documento que, "per si", continua a versão lendária da origem da igreja:

"O canônico Antônio Rodrigues Soárez, escrivão da câmara eclesiástica do Bispoado de São Luiz do Maranhão. Certificado de ordem de S. Ex. Barra, o Sr. Bispão Diocesano que entre vários documentos existentes no cartório a meu cargo, relativo à parochia de Piracuruca Estado do Piauhy, se encontra a certidão do testamento seguinte: 'Domingos do Freitas Caldas, escrivão do público Judicial e notas e mandamentos nesta Vila de São João da Pernabuha e seu termo por provisão do Ilmo. Sr. Governador desta Capitania &.

"Certifico que revendo o livro de registro dos Testamentos das que fazemem nesta freguesia e termo, nelle ashe registrada a scilicet testamento com que falecera na matriz de Piracuruca Manoel Dantas Correia e no mesmo a folhas desassentadas a Verba de que o requerimento retro menciona a qual he dar maneira e theor seguiente: 'Declaro que pagas as minhas dívidas e satisfactas minhas legados, declaro nunciação e matrizes por mi-

nhia universal herdeira de todo o tesouro de meus bens assim moventes, como semoventes, a Virgem Nossa Senhora do Monte do Carmo desta freguesia de Piracuruca Capitania do Piauhy deste Bispoado do Maranhão com alargação de se diretem todos os apoios na sua Matriz duas Capelas de Missas por minha alma e a alma para cesta oblação tenha seu princípio no dia de minha morte, e quer que para se diretem presta sempre o Parochio da Freguesia. Declaro que as duas ditas fazendas Viana e Bequirião se conservem sempre com o meu ferro e signal e que tenha o Titulo de Fazendas de Nossa Senhora do Monte do Carmo minha universal herdeira como dito termo e he minha vontade. E nada mais se continha em ditas verbais testamentarias que bem e firmemente aqui certifico do proprio Testamento que se achava registrado na sua Livra de vistos (sic) que se achava em meu poder o cartorio, ao qual me reporta em todo e por toda e vez... certificada na verdade sem causa que dasaki faça possuir as mesmas verbais esta certidão confere concordem e assinem nesta Vila de São João da Pernabuha aos quatro dias do mês de Janeiro do anno da Natividade de Nossa Senhor Jesus Christo de mil e quarenta e anos. Em fe da verdade. — O Escrivão Domingos Freitas Caldas. — D. 243" — B. 240" — Lopes — E nada mais se continha na referida certidão e no original



A cima e Rua do Senador Cerejido.

me reporto. O referido é verdade — da 4º Camara Ecclesiastica do Bispoado de São Luiz do Maranhão, 16 de Setembro de 1896. E eu o Canogo Antônio Rodrigues Sodré.

Maranhão, 17 de Setembro de 1896

— ANTONIO, Bispo do Maranhão

Iniciadas as obras de construção — por volta de 1718 e não como quer Peixoto da Costa, em 1743 — estavam já, em parte, concluídas. E esta, a data que registra em numeros romanos, para memória do fato, sobre a portada principal. Também ali estão, esculpidas em pedra, as Armas do Carmelo, dadas por Antônio Britto, como "do velho Reino de Portugal".

E ainda por concluir, que dela data noticia em 1772, o Ovidor do Píano, Antônio José Moreira Durão, no Ministro Martinho de Melo e Castro: "Têm uma só freguesia da invocação de Nossa Senhora do Carmo de Piracuruca, a Vila de São João da Parnaíba. Organizada a Irmandade, se mais

curva, mas bien ha lègum distante para a parte de Campo Maior. O topo é de pedra de cantaria, assaz magnifico, e que faz de despesas quase duzentos mil cruzados; porém está em uso e descoberto". Isto consta de uma "Ilharga de todas as fazendas, sítios e possessões que nessa Capitania há", naquele ano.

Se em 1772, a Igreja estava "sem uso e descoberta", está claro que o "período de abandono" — que se refere o Procurador Josias Melo como o compreendido entre os anos de 1801 a 1850, deu-se, de fato, entre a morte dos irmãos Dantas e 1784, ano em que decretou o intendente Frei Matheus organizar a Irmandade de Nossa Senhora do Monte do Carmo de Piracuruca. Abandonou, todavia relativa, pois que em 18 de agosto de 1762, dez anos antes da notícia do Ovidor Geral, o Governador João Pinto Caldas, matalhava, solememente, na Matriz de Piracuruca, a Vila de São João da Parnaíba. Organizada a Irmandade, se mais

obras de acabamento da Igreja, cumiu ao correr dos anos. Evolução natural dos fatos.

De 1801, é a primeira reforma Primeira e significativa. Desse ano a substituição por tirantes de ferro das linhas de Piso d'Água do I Substituição passagaria. Pouco tempo depois, uma falha técnica acarretou desabamento. Na reconstrução, ouço se empregaram recursos oriundos da vinda da Fazenda Brejinho, fizeram-se também os pináculos das torres. Despesa superflua em consequência daquele que não mais se fez Nave Central. Cresser de significado histórica essa reforma — a maior século XIX — se assegurarmos que dessa época, a cobertura de Ardesal.

De 1850, é o terceiro teto. Cobertura de telha canal. Repetiu-se a experiência. De telha canal, faz a prima a cobertura. De 1859, a Capela Senhor Bom Jesus dos Passos.

Em 1893, cessa o poder de Irmão da Irmandade como administrador da Igreja e de seus bens. Chama-o rotineiramente a si, o bispoado de Maranhão. Em 1906, o recém criado bispo do Piauí. Consequência disso, distância dos catedrais, de certas ações dos Prelados — o indiferentismo da própria Irmandade. Prova, a de já em 1912, quase parte do oráculo do Altar-Mor e todo o fornecimento da Capela. Dessa vez, até as igrejas foram retiradas. Abandonava-se assim a velha Matriz e dela saiu em procissão, a Santa Padroeira, Nossa Senhora do Rosário e Nossa Senhora da Mercês.

1920 — voltam-se, finalmente, à Igreja de Piracuruca, as vistas Diocesanas, já mais próximas, em Teresina. Já em 1922, fecha-se novamente a Capela-Mor. Substituem-se as velhas píes (de ilholeiras quartenta) por quarenta de madeira da Nave-Mor pelo ato de latrinhos hidráulicos. Ainda desse ano, via Antônio Britto na sua Matriz "belos altares, infelizmente mal conservados". Os atuais, são de 1926. Substituiram aquêles.

Em 1926, construíram-se os mui entre as torres e as Capelas laterais. Já em 1928, retificaram-se as escadas e torna de acesso ao Coro. A antiga, que a do políptico, era de dois vôos. Em 1927, os fundos da Nave Central e da Sacristia. Em 1934, substituíram-se portas de comunicação das Sacristias com a Capela-Mor. Estas portas eram de uma só folha e abriam para as Sacristias. Tinhiam as meias portas das que ainda existem na Capela do Santíssimo. O atual altar mór de 1926. O tem — velhos franceses — de 1927. Desse ano, também, o púlpito e as viscas das Sacristias que foram para isto, alienadas. São pintivas, as cruzas do tetu — trôis, portas laterais da Capela de Nossa Senhora da Apresentação, antiga Capela do Santíssimo Sacramento e a que comunica a Capela-Mor à Sacristia da direita. Também o políptico,

piso lateral, se piso das colunas do Coro e o larabó da Sacristia. As janelas das sacristias conservam as cornijas originais. De 1936, são os nichos da Nave Central.

O velho patamar tinha dupla largura do atual — era como este, limitado pelos mesmos coruchéus. Existia até os anos trinta. Fronteiro à porta principal, existia o Crucifixo. De pétra, late, até aproximadamente 1920.

Os relógios são portugueses e foram inaugurados em 7 de setembro de 1946. Antes, janelas de rótulas nas torres vazias.

#### Casa da Pedra

A casa de número 131 da Praça Irmãos Dantas, hoje pertencente ao Sr. Antônio Magalhães, foi adquirida por compra em 1916, ao Senador Gervásio de Brito Passos. Um ano antes, era sede do Telegráfo em Piracuruca — sua segunda sede na cidade — e residência do telegrafista, Sr. Luís Corrêa de Moraes Machado. Alugara-a o Telegráfo, pela avultada quantia para a época — de 15\$000 por mês. Custou a transação de 1916, ao Sr. Magalhães, "dois contos de réis".

Ao Senador Gervásio, a velha casa hoje conhecida como Casa da Pedra, chegava por compra direta ao seu construtor e primeiro proprietário, o Padre Joaquim Benedito de Magalhães. Dizia, suas constatações, de principais do século XIX.

Sua mais antiga reforma, remonta aos anos ultimos do século passado, quando serviu de residência ao Juiz Lescidio do Castro.

Conservava-se em sua primitiva estrutura, exceção feita de cozinha e despensa, dependências que ruiram há pouco mais de um hectare.

Contígua à Casa da Pedra, existiu até 1936, uma outra no mesmo estilo, adquirida em 10 de março de 1934, pelo Sr. Manoel Joaquim de Sousa, que a demolhou, edificando em seu lugar, pequeno sobrado residencial. As duas casas, tudo fuz eram, da mesma época, tinham uma só ala e, em coleta, quase todas as características do colonial da terra.

#### Casa do Gerôcoa

A Casa do Gerôcoa — José Mendes de Moraes situada na atual Rua João Martiniano Fontenelle, outrora Rua Antônio Freire, remonta ao ano de 1850. Construída, para residência, o próprio Cel. João Martiniano. A casa foi palco, no século passado, de um drama passionel que ficou na memória das gerações — o assassinato, por João Martiniano, de sua segunda mulher.

Em 1880, pertencia a Joaquim José de Moraes. Em 1938, a José Mendes de Moraes. Em 1960, foi dividida — sem prejuízo da estrutura — e alu-

gada a ela nascente. Nesse ano, abertos dois arcos. Um deles, substituiu parte já existente.

Não há notícias do berlal primitivo. Para "Seu Gerôcoa", a cornija é elemento otocentista.

#### Casa da Prefeitura

Construída em 1838, pelo Padre José da Sé Palácio, destinou-se, inicialmente a essa a abrigar uma fábrica de fiação que pretendeu o dito Sacerdote implantar na cidade. Fracassado o seu intento, Sé Palácio mudou de ideia e a casa, de destino. Passou a servir de Casa de Câmara e Cadeia desde a instalação daquela e até a transferência desta, em 1904. Em 1928, ocupava uma de suas dependências, a Usina Elétrica que naquele ano se inaugurava. Ainda da Municipalidade.

Em 1930, o Intendente Antônio José de Souza, vendeu a casa a João de Brito Passos e transferiu a Intendência para a casa do Senador Gervásio, onde ainda funcionou a Prefeitura. Em 1946, foi reavida pelo então Prefeito, Cel. Luís de Brito Melo. A partir desse ano, vem servindo de sede à Câmara Municipal.

Serviu ainda, no correr dos anos, do Fórum e Residência dos Juizes da Cidade.

Para mistérios tão variados, transformações se fizeram radicais. Perdeu-se, assim, a Casa e o sonho da Sé Palácio.

#### Casa de D. Laura

A casa da Praça Irmãos Dantas, 242, hoje pertencente a D. Laura Mendes da Rocha, pertenceu já no primeiro quartel do século XIX, a João Martiniano Fontenelle. Em 1920, era propriedade do Sr. José Mendes da Rocha que a houve por herança de seu pai, Joaquim Mendes da Rocha.

Até 1953, o telhado terminava em quatro águas — a lacanha da terra — para a Rua Cel. Pedro de Brito. Nesse ano, a atual proprietária construiu o telhado. Em 1965, substituiu-se todo o piso da sala de estar. No mais, não sofreu alterações significativas.

A cornija, é claramente otocentista.

#### Casa da Praça Irmãos Dantas, 254

A casa da Praça Irmãos Dantas, 254, tal como se encontra, foi construída em 1920, em parte para fins comerciais, pelo Sr. José Mendes da Rocha. Em parte, para dependências da própria casa de morada do Sr. Mendes da Rocha, passando a parte contígua a comunicar-se com aquela por duas portas, ainda existentes.

Assim se conserva.

#### Casa da Rua Cel. Pedro de Brito

É um salão único a casa da esquina da atual Rua Cel. Pedro de Brito, na Praça Prof. Magalhães Filho. Foi construída em 1910, para fins comerciais, pelo Sr. José Mendes da Rocha.

Conserva sua primitiva estrutura. Apesar, anos depois, passou a comunicar-se com novas construções que se fizeram em seguida, tanto para o lado da Praça Getúlio Vargas, como para a Rua Cel. Pedro de Brito.

#### Casa do Senador Gervásio

A casa de número 233 da atual Rua Senador Gervásio, é construção do terceiro quartel do século passado, e o próprio Cel. Gervásio de Brito Passos. Construída para sua residência. Grande destino histórico e destaca-se — centro de decisões da vida do velho partido, o Conservador; centro da vida de toda uma cidade — Piracuruca.

Hoje, conservada em sua primitiva estrutura, pertence ao Sr. Francisco Tabajara de Aguiar, que a adquiriu por compra ao Sr. Francisco Borges de Alcobaça. Este, havia-se-a por herança de Manuel Ribeiro de Alcobaça que a comprou em 1936. Nesse ano, era assim descrita: "Uma casa de madeira, neste cidade, a Rua Senador Gervásio, numero 233, coberta de telhas, paredes de tijolos, com duas frentes, uma para a Rua Senador Gervásio com duas portas e quatro janelas e outra, para a rua Visconde do Rio Bravos com 2 portas e três janelas.

Successivamente, pertenceu a herdeiros do Senador Gervásio, a Ramundo da Silva Ribeiro, a Luís de Moraes Meneses, a D. Carlota de Moraes Meneses e ao Dr. Caetano Fortes de Cerqueira.

Somente em 1970 — única mudança — teve substituídos por ladrilhos hidráulicos, as velhas tijoleiras 40x40.

#### Casa da Rua João Martiniano, 372

A casa da Rua João Martiniano, 372, hoje pertencente ao Sr. Saturnino Mendes Prasha, foi em parte, construída pelo Sr. Benedito de Moraes Melo, em parte, pelo mesmo bavido, como herança de seu pai, Abílio de Moraes Melo. A parte nova, é a da esquina. Construída, por volta de 1916, o Sr. Benedito. A outra, é das últimas décadas do século XIX.

Em 1930, significativa reforma padronizou as duas fachadas. Em 1960, foram divididas a sala de jantar e o velho salão comercial. No mais, conservou-se a fregio primitiva.

#### Casa da Rua Rui Brilho, 138

Casa de construção recente, a do número 138 da Rua Rui Brilho, é hoje



Praça Irmãos Dantas: da frontaria à Matriz.

propriedade do Sr. Agenor Moraes Menezes que a houve por compra, em 1965, do Sr. Adauto de Moraes Menezes. Antes, pertencera a Polidoro de Oliveira Brito. Este, comprou-a a herdeiros de Raimundo José de Souza que a construiu. A construção, é, contudo, posterior a 1922. Não aparece em plantas desse ano.

A reforma — divisão da sala de jantar, construção de banheiros internos e divisão dos quartos — é de 1965.

#### Cadeia Pública

É a Cadeia Pública de Piracuruca, prédio de um só voo, de 1904. Constituiu-a, o então Intendente, Pedro Nogueira de Moraes Brito.

A casa consta de cinco dependências, três das quais, têm função de cárcere. Uma serviu de Corpo de Guarda e uma última, correspondendo ao comprimento de toda a construção, de sala.

De 1904, são as grades de ferro das portas e janelas. Não se tem notícias de transformações estruturais.

#### Cemitério da Saudade

O Cemitério da Saudade, foi construído em 1857, pela Irmandade de Nossa Senhora do Monte do Carmo de Piracuruca, para servir de tumulo aos irmãos, privados por Lei, do abrigo da Igreja da Irmandade.

Localiza-se o velho Cemitério, hoje interditado, no fim da curiosa Rua da Guelé — trecho este da atual João Martiniano Fontenelle, e três quartéis da Matriz.

Em 1882, sofreu sua primeira reforma. É desse ano a "parte nova" — a sul.

Delo, diz Pereira da Costa: "O Cemitério é de boa construção e bela perspectiva, tem uma Capela bem decorada, grande número de catacumbas e diversas sepulturas perpétuas com tampas de mármore com seus epítáfios e alguns cercados com grade de ferro e ajardinadas."

A Capela, como o cemitério, está em ruínas.

Em 1922, pertencia ainda à velha Irmandade do Carmo.

#### Mercado Público

O mercado público, visto em 1922, por um crítico da época, como "relativamente bem conservado se bem que

antigo e pequeno", existia até 1965. Sua construção, data aproximadamente, de 1880. Obra da Intendência.

Localizava-se, na Praça hoje chamada Getúlio Vargas, ocupando todo o espaço entre esta Praça e a Antônio Abreu. Em seu lugar, corresponde do a fachada principal, foi construído no ano seguinte, a atual casa de madeira. Para isto, foi o velho prédio arquitetado pelo Sr. Francisco de Paula Cerqueira. O ato de transmissão imóvel, assim se descreve: "Um dia enervado nesta cidade, à Praça Presidente Getúlio Vargas, anti Mercado Públíco, compreendendo todo o quarteirão, de propriedade Municipio."

#### Casa de Dona Genuína

A casa da Praça Irmãos Dantas fronteira à Matriz de Nossa Senhora do Carmo, hoje pertencente à viúva do Sr. Laureano de Melo Brito, construída em 1877. Construída pelo Sr. Vítor José de Moraes.

Dividida nos anos sessenta, exerceu, contudo, sua primitiva estrutura. Mudou-se todo o piso mas, a chalé é a mesma. Pelo menos, a mesma do início do século atual.

# GERAIS

## Teresina 3 assuntos

**I. O LOCAL.** Todos os anos, no aniversário de Teresina, indagações se fazem sobre o local exato escolhido por José Antônio Saraiva para o início da edificação da nova capital. Lembre-se que Teresina, no dizer de Moysés Castelo Branco Filho, vale a primeira cidade do Brasil construída em traçado geométrico sobre a mata derrubada. O projeto pertence a João Isidoro da Silva França, português de nascimento, mestre-de-ártem. O traçado ia da praça Saraiva ao cemitério (sul-norte) e os dois rios (leste-oeste).

Saraiva realizou viagem de Olarias à Vila do Poti, povoação situada na confluência dos rios Parnaíba e Poti, conhecida hoje como Poti Velho — uma comunidade sujeita a enchentes e febres. Incutiu nos potienses a idéia da mudança do povoado para outro local, por ele escolhido, uma légua para o sul, onde hoje se encontra a Igreja do Amparo — núcleo de Teresina, ponto inicial da cidade. Mas a nova comunidade fundada por Saraiva se chamou oficialmente Vila Nova do Poti. E a vila do Poti foi batizada pelo povo de Poti Velho, tornando-se, com o correr dos anos, subúrbio de Teresina.

A Vila Nova do Poti (Teresina) nasceu na fazenda de gado de nome Chapada do Corisco, porque ali caem, como nos dias atuais, faládas elétricas nos tempos invernosos.

A pedra fundamental da Igreja do Amparo lançou-se pelo Natal de 1850, com festas e banquetes, na residência do construtor do templo, João Isidoro da Silva França, que levantou três

edifícios, partindo do local onde hoje se situa o Banco do Nordeste até a rua Grande (Álvaro Mendes), o 1º para moradia da família, o 2º para os policiais e o 3º para os escravos.

**II. A DATA.** Em 1902, o governo, as instituições, os intelectuais e o povo festejaram os 50 anos de Teresina, com expressivas solenidades cívicas, no dia 21 de julho. Muito depois, as festas passaram a verificar-se a 16 de agosto. Por quê? Em 1851, Saraiva fez segunda viagem à Vila do Poti (Poti Velho). Ali assinou oficialmente papéis como se de lá governasse o Piauí. Do mesmo jeito praticou na Vila Nova do Poti, sem que esta ao menos fosse sede Municipal. Somente a 7 de outubro de 1851, a Câmara da Vila do Poti informa a Saraiva que está resolvido a mudar-se para a Vila Nova do Poti, logo a futura Teresina já existia em 1851, tanto é verdade que às 9 horas da manhã do dia 20 de outubro de 1851 houve a mudança da Vila do Poti (Poti Velho) para a Vila Nova do Poti (futura Teresina) e esta mudança se comunicou às autoridades municipais e provinciais. Antes de ser capital, Teresina existia com o nome de Vila Nova do Poti. A 21 de julho de 1852, a Assembleia Legislativa aprovou resolução elevando a Vila Nova do Poti a capital do Piauí com o nome de Teresina. Segundo Odilon Nunes, Saraiva recebeu duas vezes censura do Ministério Imperial, porque não tinha autorização para transferir a capital — e só a 9 de outubro de 1852 o Ministério aprovou a mudança. Observa-

vem-se estes fatos, parece que Saraiva, vindo definitivamente de Olarias, chegou a Teresina a 13.08.1852. No dia 16 do mesmo mês dirigiu-se aos colegas das outras províncias: "Tenho a honra de comunicar a V. Exa. que o Corpo Legislativo Provincial autorizou a transferir a capital desta província para a nova cidade de Teresina a que del execução a essa Lei pelo que me acho residindo nesta cidade. Mas a 21 de outubro de 1852 escreve que "a capital se acha completamente transferida para esta cidade de Teresina". Conclusão: Teresina existia antes de 16 de agosto de 1852.

**III. INTENÇÃO.** Saraiva era deputado provincial da Bahia, de 27 anos e meio, quando foi nomeado presidente da Província do Piauí. Assumiu o governo em Olarias a 7.9.1850. Neste mesmo ano, em outubro, fez cansativa viagem a cavalo até a Vila do Poti. O presidente não conhecia o Piauí, muito menos a Vila do Poti. Na vingem, passou pela Iadeira do Castelo e manteve entendimento com João Isidoro da Silva França. Confieia-o? Nunca dos nunca. Incutiu nos potienses a idéia de mudar a Vila do Poti para outro local. Na correspondência às autoridades imperiais, falou da viagem, do itinerário, mas escondeu os propostos mudancistas. Saraiva assumiu o Governo do Piauí já com a firme intenção de mudar a capital.

E possível? Parece que os fatos confirmam a determinação do balanço, tida e havida antes de chegar ao Piauí.

A. Tito Filho

# POEMAS

## Parnaíba, rio das ilusões

DEVACAR, MUITO PREGUIÇOSAMENTE,  
SOB UM SOL ABRASADOR  
O VELHO MONGE PARECIA NÃO TER  
NENHUMA PRESSA  
BARCOS SEMI-DESTRUIDOS PELO TEMPO  
IAM E VINHAM APRESASAMENTE DE UMA MARGEM A OUTRA  
APINHADOS DE GENTE

NASCIA MAIS UM DIA  
COMO MUITOS OUTROS  
DIAS COMUNS JÁ PASSADOS

AS LAVADEIRAS SEMI-NUAS  
QUE SE IMERAM NAS ÁGUAS  
ERAM ALHEIAS AOS OLHOS  
URIDINOS DOS TRANSIUNTES

PESCADORES VOLTAVAM  
DE SUAS NOITES INGLORIAS  
— O RIO JA NÃO TÁ PRA FEIRE  
E HAJA POLUÇÃO

AS CORDAS ADULTAS DO RIO  
ERAM CAMPOS PERFEITOS  
PARA AS PELADAS DO DESEMPREGO FUTEBOL CLUBE  
VERSUS VACABUNDOS ESPORTE DO PIATI/MARANHÃO

DEVAGAR  
AGUA  
QUASE PARADO SOB A TARDE QUENTE-MORNA  
O PARNÁBA PARECE DORMIR

EM SUA CAMA BARCOS CONTINHAM APRESSADOS  
AS PESSOAS  
VEM TANTO  
APELAVAS  
SONHAM  
COM DOCES ILUSÕES

Carlos Andrade

## Meu coração é vazante de rio

lágrimas de Deus ou do Diabo  
correm nesse rosto argiloso  
resga de sofrimento  
pão e farinha  
campos, lusa, sumidouros  
ninguém vai sofrear meu coração  
quando na invernia da memória  
eu ouvir a rapéola amarantina  
porque meu coração é vazante de rio  
onde plantaram dois alqueires da medo  
dez de solidão  
sob a várdua das levadas estarei  
mensalmente louco  
porosamente outonal.

Carvalho Neto

## Passa pássaro

pássaro libertário dos campos do outro lado do sol  
quero ter o direito de não matar-te  
mas ouvir teu canto de dor agreste  
como o riscoceiro de um rio  
que esteja morrendo  
lado de meu lado untado de carvão e óleo  
dá-me o descanço da paleva companheira.  
mai aventureiros os que não respeltem  
teu vôo livre nos campos, do outro lado  
do sol  
pela terão fome e sede de justiça

Carvalho Neto

(leitura dos livros *Vassouras da Rua* e *Asquinhos da Serra*, poesias)

# FATOS & NOTÍCIAS

## Oficina de imagem e movimento

Sob o patrocínio da Fundação Cultural do Piauí, foi realizada em Teresina, no período de 12 a 17 de setembro, a I Oficina de Imagem e Movimento do Piauí, tendo como professores Lúcia Lúcio (Bianca), Marcelo Evelyn (Ricardo) e Sátila Valenga (Ednei), com carga de 24 horas.



Lúcia Lúcio.

## Posse de Aluizio Napoleão



Ges. Hugo Nogueira, Eng. A. Tito Faria, Dep. Waldemar Mendes e Ensa. Aluizio Napoleão.

O Embaixador Aluizio Napoleão, dia 7 de julho, teve posse na cadeira nº 11 da Academia Piauiense de Letras, que tem como patrono João Almeida de Freitas e anteriormente ocupada por Adelias Neves, Marins Napoleão e Fabrício de Almeida Leão. Como ancião Ceilo Batista Coutinho preferiu a diacurta da suadução. Aluizio Napoleão, que até pouco tempo era Embaixador do Brasil na China, é autor das obras: "Segredos", "Imagens da América", "Arquivos Particulares do Itamaraty", "O Arquivo do Barão do Rio Branco", "Santos Dumont e a Conquista do Az", "O Segundo Rio Branco", dentre outras.

## I Jornada Cultural de Parnaíba

A Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo, através da Fundação Cultural do Piauí, seu início em 30 de setembro, é I Jornada Cultural de Parnaíba, como forma de interiorizar ações na área da cultura. A promoção se estenderá até 2 de outubro, contando de seu programa uma palestra do professor Arimatéia Tito Filho, presidente da Academia Piauiense de Letras, entrega de prêmios pelo Secretário Jesualdo Geralvani aos vencedores dos concursos de contos "João Pinheiro" e "Pontos Turísticos do Piauí" (Lagos do Pintado) e apresentação do Grupo Canário, Fernando Holland, Cozzi de

Cerente e mestres de dança condecorados pelo professor Dennis Moreira. Promovidas ainda em Parnaíba para o evento Irene de Róge Barros, Maria das Graças Borges, Carlos Mota e Maria Helena Basílio (da Fundação), Vânia Duarte Napoleão do Rêgo (Diretora da U.A. da Secretaria), Renard Kruel (Assessor de Comunicação Social) e a Subsecretária Leonilde Carvalho, coordenadora do evento.

Durante a Jornada, no Clube do SESC, estará aberta ao público uma exposição de artes plásticas, livros e artesanato. O pintor Nonato Oliveira faz exposição com o seu A SANTA CEIA DO NORDESTE, à direita.



## Análise crítica da Cultura Piauiense

Muito já se escreveu sobre cultura e o seu conceito é amplamente difundido por inúmeros cientistas sociais, filósofos historiadores e estudiosos. A educação, os costumes, os hábitos, o folclore, as manifestações artísticas, a ideologia, a comunicação, enfim, toda uma gama de outras manifestações estão incluídas no que chamamos CULTURA. Neste sentido, todo povo, toda sociedade ou formação social, são possuidoras de cultura própria e distinta, mas também reproduutora de culturas exógenas, alienígenas, muitas vezes descaracterizadoras da cultura original.

Neste artigo, não temos a intenção de discorrer sobre tal conceituação e sim fazer uma reflexão corajosa sobre a necessidade de preservação e de divulgação da produção cultural piauiense. A grande maioria do nosso povo desconhece sua cultura, sua história e, atualmente, na "idade da mídia" — como diz o poeta Duda Couto — a absorção de valores culturais que dizem respeito a outras sociedades — principalmente os reproduzidos pela televisão — vêm embotando os valores inerentes a esta sociedade e a sua auto-capacidade de gerar cultura. Festas populares são substituídas pelo som importado, fazendo com que manifestações de tradição popular fiquem seriamente ameaçadas de desaparecer.

O que chega ao Piauí em termos culturais é o que se produz no "sul maravilha" — que é dominante ideologicamente — tendo um peso fundamental na vida de grande maioria da população (que poderá absorver e reproduzir essa produção como se fosse sua). O povo brasileiro e o povo piauiense em particular, não têm acesso às instituições responsáveis pela difusão da cultura tais como Escolas, Museus, Teatros, Rádios, Televisão, mantendo-se à margem do processo cultural ou mesmo excluído dele. Mesmo porque no Piauí existem precariamente tais instituições. A vida cultural do nosso povo se resume. Infelizmente, a eventual exposições e shows musicais, sempre no Theatro 4 de Setembro. Desconhecendo sua cultura, sua história de luta e repressão, consumindo uma literatura comprometida com a ideologia dominante, absorvendo uma avalanche de novelas, comerciais e programas desvinculados da sua realidade — ou deturpadores dessa realidade, o que é mais comum — e vivendo sob um regime de opressão e exploração, a grande massa da população piauiense permanece debaixo de um silêncio medroso e acomodado, marcando passo diante do avanço cultural de outros Estados. Esta é o retrato falado não só do Piauí, mas também do Brasil, país onde a taxa de analfabetismo é assustadora (é uma das

maiores do mundo).

Que o Piauí é pobre todos sabem, mas ser pobre não é vergonha. Vergonha é a fome, a miseria, o paternalismo com que as autoridades federais tratam os problemas (e os Estados) do Nordeste. O Piauí é pobre de recursos, de iniciativas, mas seu potencial humano e agrícola, suas riquezas naturais, vivem sufocados e marginalizados. Que o Piauí é motivo de gozação, todos nós somos testemunhas vivas disso. E por que isto acontece? Mas é claro que não é nosso povo que se autoridicula. Nossa povo apenas se acomoda e isto é estranho, mas não cabe ao povo a culpa de não saber arrancar de si tal estigma. Não é o povo piauiense (nem tampouco o brasileiro) que centraliza a cultura nas grandes capitais do país. Se o Nordeste se arrasta em busca de migalhas de desenvolvimento, o que dizer do Piauí que não se atreve sequer a esperar para ser reconhecido no mapa? E como se não acreditássemos na nossa capacidade de produzir algo que nos faça crescer, a nós e a nosso povo, tantos anos vivendo dominados por um falso estigma de "Estado mais pobre do Nordeste". E como o que é mais pobre é visto à distância, os piauienses são vistos, eventualmente, por habitantes do "sul maravilha", como coisa exótica, rara, estranha, do fim do mundo.

Apesar das dificuldades, são inúmeras as pessoas que buscam e lutam pela expansão e divulgação de uma produção autenticamente piauiense, brasileira. São pessoas ligadas a música, poesia, história, artes plásticas, jornalismo, teatro etc. Os espaços culturais no Brasil ainda são muito fechados e a divulgação de grupos artísticos e trabalhos de pesquisa é pracioníssima, principalmente no Piauí. Na sociedade competitiva que vivemos existe lugar para poucos e nem sempre estes são os mais talentosos e capazes. Podemos ver que a força do dinheiro está sobrepondo valores mais profundos em favor de posição e poder. Nestas circunstâncias, é grande a carência de recursos destinados à divulgação da arte piauiense. Os artistas da terra necessitam de canais competentes que estimulem a divulgação de seus trabalhos. Talento e artélio é o que não falta. Um músico que passa anos sem mostrar — ou mostrando de uma forma repetitiva e desestimulante — sua produção, tem dificuldades em se aprimorar e, consequentemente, de se profissionalizar. A música é para ser ouvida e valorizada como atividade profissional, do contrário perde sua função criativa, de renovação constante. E este é ponto básico que diferencia o músico do simples aprendiz. O pesquisador precisa divulgar sua pesquisa, do con-

trá-lo ficará parado no tempo. É importante que a cultura maravilhosa deste Estado dê uma guinada e saia da toca. Quem não conhece a tiradinha: "conheça o Piauí antes que ele se acabe?". O criador da tiradinha, um humorista malo sem humor e menos inteligente deste pala, se enganou: O Piauí não acabou porque ele não voltou por lá, muito pelo contrário.

Os meios oficiais do Estado do Piauí ainda favorecem alguns setores da sociedade, o que não ajuda. Por que favorecer A ou B, esta ou aquela tendência? É lamentável o que ocorreu com o Projeto Torquato Neto. O que este Projeto fez de melhor foi catalizar o grito de denúncia dos desportos Heliotropistas Positivos (Rebulício cultural no Piauí? Disso pouca gente soube). O fracasso de iniciativas como esta provam que a arte não pode se sujeitar a manejos políticos (assim como a história e a cultura em geral). Felizmente já há exceções, como a revista "Presença", que procura traduzir e difundir nossa cultura. Esta iniciativa merece ser aprofundada como um espaço real para as manifestações populares e não somente como um órgão incentivador da cultura oficial e ideologicamente dominante. Através do último número de "Presença", podemos ver o interesse do novo Governo em incentivar o turismo no Piauí. Gostaríamos de fazer uma observação no sentido de que, se por um lado o nosso tão

soterrado Estado terá vantagens financeiras e poderá ficar conhecido por suas belezas naturais, através desse empreendimento, a febre do turismo poderá descharacterizar as nossas riquezas mais autênticas e varrer as nossas origens. Exportar e vender a imagem do Estado do Piauí é bom, desde que seja através de uma política de preservação do nosso quinhão autêntico e original. Cultura é como ecologia: deve ser preservada.

Faltam escolas, hospitais, saneamento básico, terras, empregos, não só no Piauí mas também no Brasil. E pelo jeito muitos anos transcorrerão até que estas prioridades sejam encaradas com a seriedade que merecem. Não é por outro motivo que problemas sociais gerados por falta disto — a marginalidade, por exemplo — são encarados como casos da polícia. Através da dominação cultural aliena-se a população, apaga-se da memória histórica as lutas pela liberdade — como a Batalha, no século XIX — e se produz uma cultura ideologicamente comprometida e tendenciosa. Se o Brasil é um país onde a cultura, de raízes negras e indígenas, é minimizada pela cultura do branco colonizador, o que dizemos do Piauí? Até quando Mestre Dezinho e Fernando Costa vão se esconder em feiras de artesanato e salões dos confins do país? Até quando o bumba-meу-hol resistirá à padronização da Rede Globo de Televisão? Será que o pró-

ximo canal de TV que tivermos (o único que temos é atrelado à Globo) terá coragem de produzir um programa que destaque e estimule a produção cultural do Piauí? Será que só resta aos nossos artistas um público fiel de meia dúzia de gatos pingados e um marasmo doentio, que faz com que até mesmo pessoas medianamente informadas fiquem muito mais interessadas nas colunas sociais do que no show do Geraldo Brito, por exemplo? Alguém sabe que no Piauí existem ótimos escritores e poetas?

Neste artigo não apresentamos soluções, pois acreditamos que elas não surgirão magicamente e sim do esforço e participação de toda a coletividade. E nem é esta a nossa pretensão: as associações de bairro, de professores e estudantes, os sindicatos já existem no Piauí, para serem ouvidos. A participação e organização em entidades livres é o começo de uma mudança. Por isso, achamos que os artistas em geral, demais estudiosos da cultura piauiense e outros setores interessados, devem se unir, e, sem sectarismos ou preconceitos, devem lutar de uma forma corajosa e objetiva, pela livre expressão e divulgação da nossa cultura, sem acomodação ou complexo de inferioridade.

Pela Cultura piauiense e brasileira

Pela História piauiense.

Pela liberdade de preservação e de divulgação da Arte piauiense.

## FATOS & NOTÍCIAS

### Terminais turísticos

Para implantação dos Terminais Turísticos de Teresina e Luís Correia, foi celebrado convênio entre o Governo do Estado e a EMBRATUR no valor de Cr\$ 80 milhões, no dia 28 de outubro. Firmaram o ato o Governador Hugo Napoleão, o Secretário Jesualdo Cavalcanti, o Presidente da EMBRATUR — Miguel Cola-d'Amico e o Presidente da PIEMTUR — José Maria Viana, a quem competirá a construção e administração dos Terminais.



Gov. Hugo Napoleão, Secretário Jesualdo Cavalcanti e o Presidente da PIEMTUR José Maria Viana.

# PESQUISA



## *Abelheiras: Um marco da Casa da Torre no Piauí*

*Edison Gayoso Castelo Branco*

■■■■■ Istante cerca de 24 quilômetros da cidade de Campo Maior, do lado direito da rodovia que liga esta cidade à de Castelo, encontra-se a fazenda Abelheiras no centro de uma vasta campina.

Sua origem está ligada à Casa da Torre, responsável, em parte, pela conquista do Piauí no período colonial. Os Ávila, seus proprietários, tornaram-se conhecidos como possuidores de imensos latifícios no Nordeste brasileiro, alcançando na amplitude de seus domínios o vale parnaibano.

Provavelmente, os descendentes desta poderosa Casa receberam as sesmarias em que estavam encravadas as fazendas Abelheiras e Foge Homem no século XVIII, na sua expansão em território piauiense, atingindo a região campomaiorense banhada pelo rio Longa.

No início do século XIX estas duas propriedades pertenciam ao Visconde de Piajú, Joaquim Pires de Carvalho e Albuquerque, por herança de sua terceira avó D. Inácia de Araújo Pereira. Em 1839 foram vendidas ao Sr. Jacob Manuel de Almendra, português, futuro Coronel Comandante Superior da Guarda Nacional do município de Campo Maior e Comendador da Ordem de Cristo, casado com D. Lima Clara de Castelo Branco. O valor da transação foi de dois contos de réis, pagos no ato da venda que foi efetuada na "Leal e valorosa cidade de São Salvador, Bahia de Todos os Santos", como texa a escritura.

- Assim, as fazendas Abelheiras e Foge Homem passaram a fazer parte da Casa Grande de São Domingos que dentro de mais alguns anos abrangia propriedades no Piauí, localizadas nos atuais municípios de Campo Maior, José de Freitas, Teresina, União, Barras e Valença, além de uma parte de terras no Ceará e outra no Maranhão.

Os rebanhos da Casa de São Domingos, entre gado vacum e cavalos, alcançaram quase 23.000 cabeças. Ao lado disso, ela chegou a possuir cerca de 180 escravos distribuídos entre sítios e fazendas, sem contar os inúmeros prédios na cidade de Campo Maior e na florescente capital da Província, destacando-se o sobrado, por longos anos sede do governo do Piauí e do Poder Judiciário, hoje Museu do Estado.

Na administração de Jacob Manuel de Almendra, Abelheiras passou por consideráveis reformas. Edificou-se uma outra sede da fazenda, multiplicou-se o rebanho pela pradaria então rica de gramíneas e leguminosas e construiu-se aguadas para o gado. O vasto latifúndio passou a ser uma das maiores, senão a maior fazenda da região, conhecida pelas suas pastagens e pelos seus rebanhos.

Com a morte do Comendador Almendra, em 1859, a velha propriedade rural foi herdada por sua filha Lina Leonor de Almendra, que se casou com seu primo Jacob de Almendra Freitas. Da Lina, como era conhecida, herdou dos pais o gosto pela vida do campo. Preservou e ampliou seu vasto patrimônio, desenvolvendo mais intensamente a criação de gado em suas múltiplas fa-

zendas, principalmente na antiga propriedade adquirida por seu pai aos descendentes da Casa da Torre.

Após o falecimento de Da. Lina Almendra, que também era senhora da Casa Grande de São Domingos, Abelheiras passou a pertencer, por herança, a Da Alice de Almendra Gayoso Castello Branco, sua sobrinha-neta, casada com Dr. Oscar Gil Castello Branco.

As lendas em torno da velha fazenda são inúmeras e curiosas; dizem alguns, segundo a tradição, que nos grandes muros de pedras de seus currais esconderam-se enterradas botinas com moedas de ouro. Nada verdadeiro, certamente, todavia os velhos casarões interioranos são ricos de fantasias e assombrações frutos do espírito criativo do homem sertanejo.

A atual sede da fazenda foi construída na primeira metade do século passado, o mesmo acontecendo com seus currais e cercados de pedras, levantados por Jacob Almendra após adquirir a senhoria. Segundo o estilo da época, com suas extensas e acolhedoras varandas, o velho casarão, que impressiona pelas suas proporções, possui amplos e inúmeros cômodos guardando, presentemente, as características de sua arquitetura original.

Hoje, a velha fazenda já não possui a função sócio-econômica de outrora. É, praticamente, apenas um marco de um passado de apogeu. Suas terras foram divididas, resultado da própria dinâmica da sucessão.

Seu atual proprietário, Dr. Mariano de Almendra Gayoso Castello Branco, como seus maiores, dedica-se à atividade

criatória. Dentro do possível mantém Abelheiras nos padrões tradicionais, introduzindo-lhe, contudo, os necessários melhoramentos no que tange à manutenção de um rebanho selecionado da raça Môcho Tabapuan, registrado na ABCZ (Associação Brasileira dos Criadores de Zebras), além de um plantel cavalos das raças Manga Larga Marchador e Nordestina, também registrado pelas associações respectivas.

Situada sobre uma elevação, com seus currais de pedras a desafiar o tempo, Abelheiras recorda ao viajante que por ali passa, a intrepidez daqueles bairros, que penetrando o sertão longínquo alcançaram o Rio Longá. Gente desembaraçada, ambiciosa, que de longe veio povoar os campos imensos, disseminando ai os seus currais e marcando presença em solo piauiense.

Deixemos que a sensibilidade de Marion Saraiva, poeta de Campo Maior, nos fale de Abelheiras.

#### ABELHEIRAS

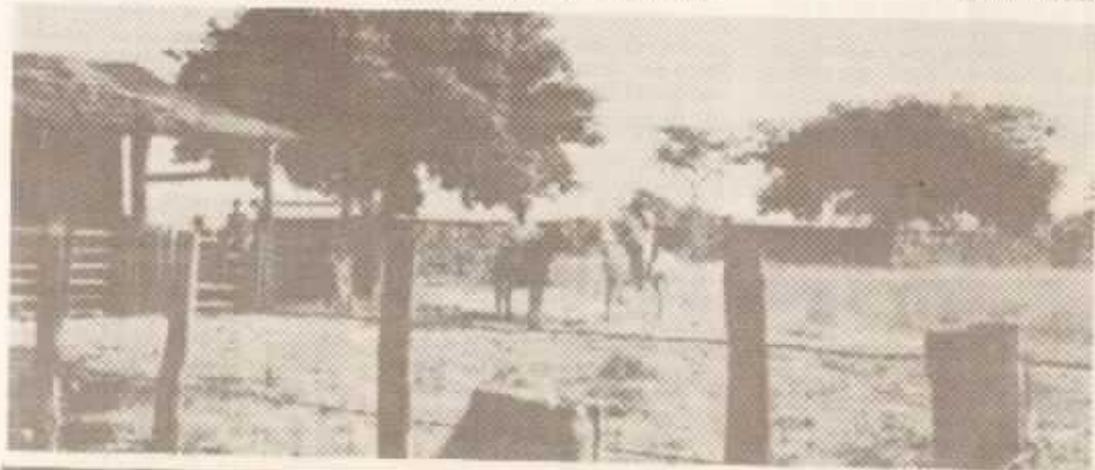
O velho casarão monumental  
Que um dia das coisas do passado.  
E que olha o solha sempre,  
No verde campo... inverno... inverno!

Velha casa! Quem...  
Não se expõe ao sol...  
Que fases de caroço, de tempestade.  
Quem... inverno... inverno...

Mas no inverno...  
Janela aberta com os seus charmos.  
Velha casa... quem sabe... o prado  
Não sabe... inverno... inverno...

Tem na alma doce... Alma das cores...  
Que reclamam sua página da história  
E este passado... em que responde...  
Dito... em nome ABELHEIRAS que é sua gente.

Marion Saraiva, 1928



**GERAIS**

O  
romancista  
Campos  
Lara

Cunha e Silva Filho



Очерк 7

à treze anos fiz um pequeno trabalho de análise do romance *O Feitão e o Sobeiro*, de Origenes Lessa que, todavia, não chegou a ser publicado, e cuja cópia também se extraviou. Relendo-a, agora, não resiste à tentativa de uma nova apreciação dessa obra que me despertou a atenção, principalmente porque aborda o tema do papel do escritor em face da realidade cotidiana.

A edição que lera no passado é a 6<sup>a</sup> edição, de 1968, feita pelas Edições de Ou-  
ro, que traz biografia de Renard Perez, arrás excelente obra biográfica, e introdução  
crítica de Ivan Cavalcanti Proença, que, igualmente, revela ângulos enriquecedores  
para uma melhor compreensão do romance. Este, entretanto, teve sua primeira publi-  
cação em 1938, pela Companhia Brasil Editora, e obteve o Prêmio Antônio de Alcântara  
Machado. Teve sucessivas edições no exterior. Sabe-se que foi com *O Feijão e o So-  
nho* que Orígenes Lessa estreou como romancista. Antes a sua estréia literária o reve-  
lava como contista (*O Escritor Proibido*, 1929), tendo também produzido novela infan-  
til (*Aventura e Desventura de um Cavalo de Pau*, 1932).

A releitura que, agora, fiz, de *O Feijão e o Sonho* pertence à publicação da Editora Atica, 31<sup>a</sup> edição, 1981, da Série Vaga-Lume, destinada às últimas séries do 1º grau.

Não conheço a maioria parte dos livros do autor, porém de uma coisa tenho certeza, Orígenes Lessa tem a vocação de escritor para a infância e a juventude, o que se confirma pelas suas bem aplaudidas obras dirigidas ao público infanto-juvenil. I não é gratuita a circunstância de que já em 1932 tivesse escrito livro para a juventude.

Será *O Feijão e o Sonho* um livro especificamente para adul-

tos? Creio que não. O que faz, a meu ver, com que ele seja mais dirigido à juventude é a sua leveza de narrativa, a ausência de conflitos trágicos, até mesmo a própria extensão do livro, um romance que podemos ler em um dia ou horas. Não é que seja obra superficial porque o fisionomista tem falego bastante e domínio de seu ofício. Esse lado leve a que me referi parece-me fundamental para que o situemos como um livro que diverte e ensina, que não cansa o leitor jovem e que consegue atingir momentos sublimes de enterneçimento só alcançados pelos escritores verdadeiros. Quem não se com-

ve até as lágrimas com o final do romance, quand' Lara e Joãozinho, pai e filho, ambos ungidos pelo mesmo pensamento, pela mesma admiração diante da ironia do destino, se compreenderem mutuamente?

O personagem principal do romance, Campos Lara, um literato voltado tão-somente para o lado do sonho, em oposição à realidade, encarnada pela protagonista feminina, Matia Rosa, personagem-símbolo da mulher doméstica, prática e realista, estando longe de ser o homem de letras que vemos hoje.

Campôs Lara é uma figura romântica. Sobre ele apenas se

bemos que viera de São Paulo, capital; Maria Rosa aparece no romance com toda a força da realidade cotidiana, movendo-se naturalmente, à cuja sombra se tecelhe Lara sempre envolto com suas musas.

O romance inicia quando eles, já casado, estão morando na roça, Capimtal, interior de São Paulo. Campos Lara vira na condição de professor primário particular, depois de fracassadas tentativas de se manter, em Sorocaba, como professor particular, sempre às voltas com problemas financeiros para维持er e escarnio da esposa. O lugar de professor, arranjado pelo seu concunhado, o Gomes comerciante vitorioso e simplório, que sempre o ajudou e a quem mais tarde, Lara iria ser útil, valendo-se de sua cultura, de seu *senso*.

Cabe, então, fazer-se uma pergunta. Até que ponto podemos afirmar ser verossímil o pretexto no enredo de um literato, um *bigibroco* como Bilac e estatistas como Joaquim Nabuco, ser compelido a se esconder no interior para ganhar o pão? Iria mesmo para a roça um homem talentoso como Lara? Não seria o caso de podermos dizer que Lara e Maria Rosa valem menos como personagens do que como arquétipos representando oposições de pontos-de-vista e de temperamentos? E, nessa linha de pensamento, a dose de objetividade dos personagens pouco comaria para a visão da obra em si. Neste sentido, o romancista não estaria levantando um painel do literato nômade em face de nossa realidade de *como-pais*? A verdade é que não sentimos a ambiciosa da época, fim do século e primeiras décadas do século XX no romance. Nisto a televisão, adaptando

o romance, foi mais feliz, embora não tenha superado o romance em outros aspectos. Chico Matusca não seria também um tipo de personagem encontradiço tanto na cidade como no campo, assim como Oficial, o barbeiro? Através da caricatura, do humor, do romanticismo do personagem principal, não estaria romancista desvendando todo um contexto social e cultural de seu país? Afinal seria o falso literário uma espécie de personagem no romance? Neste caso, o romance aqui teria uma função da literatura: a metalinguagem. Lara, então, é poesia, Lara é prosa, Lara é criação, Lara é vida literária. Veja-se esta observação do narrador: "O romance como toda sua obra, valia mais para Carlos Lara do que o autor." (pág. 117).

O fato é que o casal, depois das decepções por que passara no interior, volta à capital paulista. A permanência na roça, se de todo não foi proveitosa, pelo menos, serviu para que o poeta deixasse a poesia, gênero para o qual seguramente não mostrava todo o seu talento. A experiência provinciana serviu-lhe de subsídio na construção de seu primeiro romance, que foi sucesso. Campos Lara, na prosa, descobriu a glória literária, acadêmica. Da poesia à prosa houve uma acentuada transformação na personalidade do escritor. Tornou-se mais realista, deixou um pouco o sonho. Como prosador, passou a observar a vida, a realidade, mesmo nos seus aspectos mais ásperos. A poesia foi para ele obra da mocidade. O romance significou-lhe o amadurecimento intelectual.

A arte, quer na poesia, quer na ficção, traz sempre percalços, é a lição que se tira. A notoriedade paga o preço de sua ge-

ração. Até a vistoria sobre a arte é uma antecipação, às vezes, do ostracismo. E Origens Lessa, em entrevista de José César Borba, publicada no Jornal de Letras, número de agosto de 1981, quem mesmo diz: "Aprendi que tudo é muito relativo, as glórias passam mais depressa do que pensamos." Não há valores insubstituíveis pelo menos para os contemporâneos.

Quando irrompeu a Semana de Arte Moderna (1922), Campos Lara certamente estava já envelhecido. Do Movimento não tomara parte, de vez que as gerações novas não lhe renderam homenagens. O seu sonho de romancista também o fez cair de pedestal. As novas idéias, as concepções modernas, a arte libertaria das primeiras ansias do Modernismo o deixaram para trás... Daí podemos concluir que o sonho encerra o seu tanto real, ou seja, o sonho desse contra o seu criador. Podemos, assim, esquematizar a experiência vivida pela sua arte. Poesia (sonho), devorada pela prosa (sonho também), mais a prosa passadista (sonho devorado pela prosa moderna (sonho)). O que restou? O Feijão, ou seja, a vida, pura e simples ao lado de sua companheira inseparável, Maria Rosa que, finalmente, chegou a compreendê-lo, até a defendê-lo da vida literária. Lara penitenciou-se do que fizera aos filhos, fazendo-as apoiar pela arte. Se era extenso para o namoro das filhas, não o era para Joaquim que lhe revelara pendentes poéticos, reveladores de vozes novas da poesia. A esperança que Lara trazia no último — a perpetuidade de sua arte — ali está no filho, nas sucessivas gerações de sobrinhos que, como ele, Lara ainda com certeza virão enquanto houver poesia.

## FATOS & NOTÍCIAS

### Museu-Oficina do Couro

O Secretário Jesualdo Cavalcanti assinou em Recife, em 20 de setembro, convênio com a SUDENE no valor de Cr\$ 15 milhões, para instalação do Museu-Oficina do Couro, na cidade de Campo Maior, com o objetivo de preservar a memória da "civilização do

couro". Segundo garantia da alta direção da SUDENE, posteriormente serão liberados recursos para execução de mais outros projetos da Secretaria de Cultura, Desporto e Turismo: o Museu-Oficina do Pedaço, em Para-

curuá, e o Museu-Oficina da Cerâmica, em Patná. O projeto conta com o apoio do Dr. Loonides Alves da Silva Filho, Superintendente-Adjunto da SUDENE para a Área de Desenvolvimento Social.

# DEPOIMENTO



prendemos a viver e a ler em casa, com os velhos. Fizemos poemas mudos e outros tantos rastros no norte do mundo, naquela estrada solitária da vida rural, interior do Piauí. Nossos olhos fumaram a escuridão com medo, na noite. Nossas mãos procuravam segurança no tempo e fé nas palavras. A tempestade da guerra nos ruiu. E, nossos pés despedaçando-se pelas caminhadas. Recurávamos às veredas. Pensava em minha infância, não só e tão só. Pensava em minhas irmãs. Estavam perdidos na poeira. Será que não mais estaremos? Pobreza sem remédio, isolados do mundo.

Porém meu caminho já fora feito antes, descolrei-me no meio da jornada. Voltar não era possível. Acerrei o piano com decisão da vontade e compreensão dos homens, ouvindo os trepeços e as infinidades esperanças. Era preciso. Saber que meu caminho é o meu próprio caminho e ninguém o fará por mim. A vida do poeta é uma espécie das suas momentos mais escuros. Apreendi a ler e fiz algumas poesias. E foi só.

## Corre no meu sangue o sangue do meu rio

Francisco Miguel de Moura

De repente a criatura entra na fase desacelerante sem pressentir, porque vai "caminhando e cantando" e se prende a canção. Canção tardia. E a gente faz um poema debochado e debochando o "No meio do camin...," de Dante, querendo descartar-se do mistério. E a celeste forma a que se tem recorrido para molestar o medo e a incógnita, no desejo de resistir veemente a tudo. Até ao poema.

Não fui assim soneto  
e trouxe só o desafado,  
desperdício e a crise.  
"Só quem é caminho desperdiça."  
Cora é que pode me ensinar  
de fazer  
— não cravo — proponha poetas novos?  
Imaginem-nos, uma só noite.  
Não sou, só fui poeta aventureiro.  
ou minha vida só vale salto.  
Gora só é quase, poétida,  
poétida para lá — poétida  
em rios e borgeses de espuma baixa-flaca,  
caí no arroz talvez.  
E a crise nos desfazem de um explorador  
devo e respeitável.  
— Meu sonho de chão, sem riscos nem gachos.



Francisco Miguel de Moura

E éis que na fase seguinte só desesperanças nós esperam. Os avós, nossos consolo até bem pouco, começaram a nos cansar e nos dizer que tudo é inútil, tudo é vão. Começamos a sentir que não fizemos nada e não ser transmitido à vira (e com ela, nossos males) a alguns entre que nós pertenciam, tentar fazer uma carteira por cedidinha de boêmio seis milha antigação. E não chegamos até onde outros chegaram. Perguntando-nos que atingiram sens plante materiais e só obtivemos respostas negativas, desânimo e desilusão. De toda forma, a inutilidade, a falha de sentido. Por que a que tentavam não tinha uma visão maior, encerrando-se no âmbito pessoal/intertransferível? Quando viu uma conta no banco eu me coixi, mas um bicho de terra, menos uma gota de suor e sangue. E as ligeiras andavam e andam por aí, quando não elas, pior: a raiva, o roubo. Porque o trabalho/produto anda tão distante/perto do homem. Que adianta ver o comercial na televisão e não poder adquirir/usar/fazer? É o reino da gestosa mentira? Qual a vantagem de abrir-nos os olhos e fechar-nos os ouvidos? No ciclo de

ouro de consumismo você não tem nada e tem tudo, sobre daquela angústia de que em fala Caíulo Neto, no seu soneto. Eu digo:

No em dodo a mala.  
Na em dodo de Deus,  
oia:  
— O malado do homem  
distante de haveram  
ja ficado vacante.  
E aquela  
exclusa se consumem  
se confundem  
— pais, perdão, patrões.  
Meu sonho é só o segredo  
de sentimental —  
caixas

Não fizemos nada que ultrapasse o individual: constituiram família, deram nome aos filhos e às moças, exerceram um emprego, possuíram um endereço e uma mulher enquanto fomos compassivos. E quando "a indezigna das gentes" chegar, noe apurá-la no e eu, com um seguro de vida e uma pensão para a morte,

tudo mais. Não seria melhor ser completamente esquecido? não deixar um poema? resumir-se numa prece de esperança, sorrindo, no leito de morte?

Fizemos alguns poemas que não sobreviveram. E em deverão perdurar na memória em que possam ajudar as pessoas a suportar a dor da vida e a fazermos a estada solidária, com amor, com paixão, com música, com humor (principalmente humor), com poesia (principalmente literária). Fizemos alguns poemas e reunimos em livros, mas cheio de esperança e outros de tristeza. E quando tudo viesse forte no caminho, pensando que éramos eternos, ou pelo menos haveríamos de perturbar algum de todos os nossos amigos e contemporâneos, sentímos: «Tropa era antiga».

Tropeiros, o mundo se cansou  
e a saudade gloriosa das que não se cansam,  
descontentes do horizonte, do amanhecer  
deus mesmo passaram  
o tempo ao de

Vai, amar  
ao mundo-nômade, terra-fixa  
e os heróis que  
vive a vida

E a tua sombra dura por trás  
e desvanece-se podendo desvanecer  
que só os sonhos curam os sonhos  
Pois o sonho é de desvanecer

Aproveitando a luta diária e o fragor das batalhas (todas perdidas), põe-se o homem/poeta de conselheiro. É uma maneira de «segurá-lo» e dizer: «Linha, eu também sou lido, mas os sistemas nos fazem separados, uns draga. A luta é mais árdua e a pena mais sofrida. E a vida vai a gente vivê-la cedendo e criando os filhos, os filhos crescendo, e dia se espalhando também por elas, por nossa incompreensão, por nosso exclusivismo, por nossa nullidade».

Como fugir da incerteza? Podemos perguntar mas não temos resposta, pelo menos uma só resposta ou a resposta que queremos. Para quem estamos construindo? O armazenamento de capital, de um lado, e dos bens de terra, feito e concreto, do outro, não é mais só de que falar com palavras? E se amanhã descer sobre nós uma catástrofe de guerra e perda, que fizerá?



Nada, ninguém. Para que tanta disputa? Não sei. Não seria melhor apertear o homem, construir o homem? Para que uma civilização de homens e robôs? Mas não calentam ambientes como tristes, não temos nenhuma feição romântica e de ardor sobre as aguas, como no Evangelho de Cristo. Não temos vocação para guia de homens e fizemos no nosso cantinho, rabisando uns pequenos poemas que as tragam amanhã cometeram, depois de nos termos corrido.

Novidade e fronteira.  
os outros mundos  
o poema exige-nos

É novo campo:  
O teatro/diálogo,  
na sua esquerdas

(Sózinho fui-me  
na terra ferida  
do sangue dos homens)

Dos casais e famílias  
existe só o poema.  
Na poesia crescem  
de avante ao retro

Elo permanente.

sonhos diários de nós acorrentados, do nosso destino. Mas o pensado pesa tanto que cada vez mais parece que voltamos, leví, descer e subir. E as devoções mistérios da vida? Nem falar no depois da morte. A morte poderá ser o fim de tudo, individualmente; mas não se esse imune, alguma coisa invoca (era frente, pra trás, melhorando, procurando, desfigurando). Essa pequena história do homem e que se perdeu tentou escrever as sécias se, contentando desculpar os erros. O poeta tem a voz das mais humildes criaturas, presas por cadeias inúteis, sociais, individuais, invisíveis. Alguns preferem o poeta pode trazer em termos de integridade do ser pelo sentimento ou canto geral que é a solidão de todos os que sofrem e são deserdados neste mundo, aqueles que não conseguiram perder a última esperança, a vontade de um lugar ao sol e da conquista da liberdade.

Bando um balanço no que fizemos, não podemos deixar de scotar o peso do pessimismo. Não foi muito, foram pegadas só, na linguagem comum de hoje para as gerações seguintes, nestas situações poéticas:

Ave rotundata felicior, — e apoteose  
porque a vida floresce só de opiniões,  
flora poesia, encanto, magia.  
Era cada poeta o bicho de sete cabeças.  
Só o comentarista-pastor nascido honesto  
ficou acima de que se passou e em seu tempo  
— Eu era esse, um tempo e não me curava.  
Mas entre abusos e exageros e talvez  
muito alto e apurado e temerário, nascido honesto,  
me bandido e por que me querem.  
Era segundo. E era que sou segundo.  
Sórdio nome. De má sorte cansei  
e que me torna de fases e decaí.

Não preciso dizer, neste balanço, o que espero da morte, não adotamos premonição. Quem sabe onde e quando vai embora? E para que seríria tal cosa? Isto importa: os gestos e os instantes, o que se vive e que se canta, o que se inventa, o que se espera para não alcançar jamais. O importante é não saber tudo, parecer ir em busca. A vitória já é morte. Encontrar a beleza já é uma derrota diante dela. Comen-

também a morte no que é começo de vida. Não deixaremos a alma de ser natureza e sua dialética mais elementar: Nisto sou a geografia de minha terra, corro mi meu sangue o sangue de meus pais. Vejo nos olhos o povo que me ama. Não posso perder-me de vez. E nunca ser achado. Sei que o homem é uma utopia, a mais bonita utopia. E necessário. O poema também é uma utopia. Não uma utopia selvagem — sim uma ilusão de perfume, de luz e de cor, sem e gosto, sensação e sentimento, perfeita verdade. A poesia não morre, será sempre mudança, amor, vida. Todo o que fica é luz, tudo o que sobra é amor, tudo o que falta precisa ser recuperado. E a morte em certo sentido é o nada, o outro lado desconhecido das coisas, o anti-espírito, a anti-luz, a falta completa de esperança. E por que muitos costumam a morte? Para evocar a vida e fazê-la surgir. Vida, amor, comunhão.

Luz e sombra são os meus amigos  
da vida e da morte.  
Poesia que não tem nome  
é a arte da vida, da morte.  
  
Mas poesia agora é vida,  
não sómnia e que ganhei  
com a morte e a vida.  
Vida, amor, vida e morte.  
  
Luzes e sombras, o dia e a noite.  
O sol nascerá a pluma negra.  
Que se vai sempre, já se calou  
o tempo de cada dia, o dia eterno.  
  
O dia eterno, de quando a morte  
para o que não tem nome  
seus mares se perdem.

E então, o poeta está só para todos. Nascer é um mistério, morrer, outro. É a vida? Bem, o mistério dos mistérios: vida. A vida se renova em nós ou em outros? Somos um, ou múltiplos? E depois? Por que não querer-



mas viver aponha nossa vida? Dentro dela fazendo mil vidas? Enriquecendo-a com as experiências alheias nossas? Isso é o caminho da arte. Ser, não ser, volta a ser. Multiplicar-se por sentir mais ira áurea a partilha, a comunhão. Lembrar-me de um romance que li recentemente onde o autor aponta três soluções para a vida, porque a vida não tem sentido em si mesma. Seríam: o materialismo religioso, a arte, o quotidiano (a vida-vida, a destruição). Abraçando a arte e a maioria também. Não sabemos se a realização individual vale a pena nem como deve ser preservada. Gostaríamos de que o auge cante fosse universal como a música universal, o canto de todos os que possuem a quem de direito a felicidade do homem, começando aqui e agora. Se houverem um depois, o outro lado, melhor ainda. Descriríamos como tal ser felizes agora mesmo, aqui em nossa casa e na vizinhança, sem poluição e sem SBI. Que a errância é a leitura de um dia a todos, porque todos têm os mesmos anseios, sem perder a nossa possibilidade de sermos diferentes e únicos. Não sendo esses anseios contrários, os degaus da errância ficariam vivendo a

vida. E começariam a nobreza das vidas, unindo-nos entre si, formando a escala e longe das amores, passando todos a viver o coração infinitivo. A sorgem da terra.

*Le mistério está no amor, não no ódio  
na morte, não no amor  
na vida, não é amor de vida  
ou morte, mas é "viver"  
na vida.  
Mistério da vida é vida.  
É a vida e sempre nela  
é a poesia? É a vida viva  
partida para dentro e para fora.  
Com o seu amor*

Se não definir vida, amor, poesia, pelo atônico privaciar a vida. Passegem, não permanem. Luz que se transforma e se desce para a leitura. A poesia é uma leitura. Meu quando sei pelo gênio esquerda do grande Rio, tenho recordar os que dormem na outra gente com preguões desatinados e afilados do coração de cada um das pés da infelizável. A poesia é de perdição, a poesia do sonhante, impossível? Talvez.

## FATOS & NOTÍCIAS

### Administração

para

### o planejamento

José Elias Martins Apôlo Loão, Assessor de Planejamento da Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo, conclui no próximo dia 7 de outubro, em Recife, o curso que vem fazendo desde o mês de agosto sobre administração para o planejamento.

### Mais recursos

para

### restauração

Conforme projeto elaborado pela Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo e SPHAN/PRO-MEMÓRIA, dois outros prédios de valor histórico serão restaurados: ainda em 1983, no Planalto, Tratase da Casa de Odílio Nunes, em Anchieta, e a Caixa de Cheques, em Olinda. No primeiro funcionará o Centro Cultural de Anchieta e no outro, uma pinacoteca.

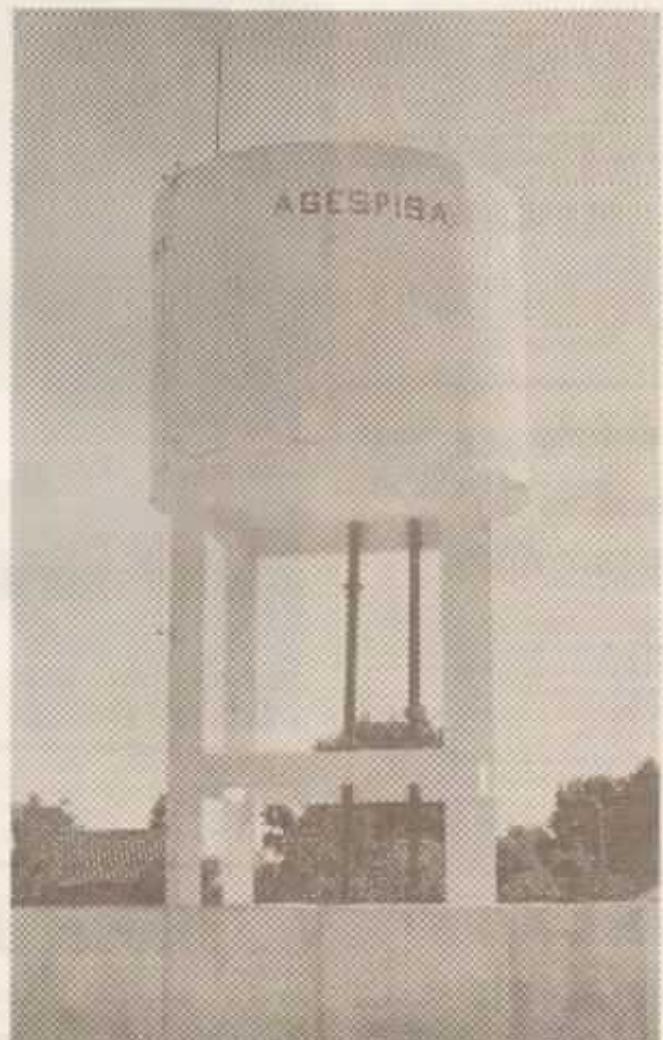
### Acervos da Assembléia e do Judiciário

Conforme determinação do Paulo Freitas, Corregedor da justiça cartórios de Pernambuco, anterior a 1930, passaram a encaminhar àquele Poder seis livros e autores resumos, com vistas a preservar memória do Judiciário. Por outro lado, o deputado Waldemar M. presidente da Assembléia Legislativa, secretário Jesus do Cavalcanti, presidente da Fundação Cultural, nou convênio pelo qual o seu Poder Legislativo será transferido para o Arquivo Públ

# AGESPISA

## *marcha para a zona rural*

Após cumprir sua meta de atender com água potável a 95% da população urbana de Teresina e 76,6% da população das cidades piauienses, a AGESPISA, sob a direção do Engº Carlos Correia Lima, parte agora para a zona rural. Assim, já foram atendidos os povoados David Caldas e Lagoa Alegre (União) e se encontram em implantação os sistemas de Canabrava (Picos), Canto (São Gonçalo), Codó (Dom Expedito Lopes), PIC do Gurguéia (Elizeu Martins) e Santa Rosa (Oeiras), estando em vias de contratação os de Barra do Longá (Buriti dos Lopes), Nazária (Teresina), Morro da Mariana (Parnaíba) e Baixa Grande (Ribeiro Gonçalves). E mais: 15 sistemas simplificados serão implantados nos povoados do fértil Vale do Parnaíba, conforme convênio que a AGESPISA celebrou com a SEPLAN-Pi. E a marcha da AGESPISA para a zona rural, cumprindo as diretrizes do GOVERNO HUGO NAPOLEÃO!



 **AGESPISA**  
ÁGUAS E ESGOTOS DO PIAUÍ S.A.

  
**HUGO NAPOLEÃO**  
GOVERNO DE UM NOVO TEMPO

# FATOS & NOTÍCIAS

## Inauguração em Oeiras

Como parte das festividades alusivas aos 250 anos da Igreja Nossa Senhora da Vitória, foi inaugurado dia 15 de agosto o Palácio Episcopal de Oeiras, restaurado pela Fundação Cultural do Piauí com recursos da SPHAN/PRO-MEMÓRIA, para instalação do Museu de Arte Sacra do Piauí. Falarão na oportunidade o Governador Hugo Napoleão, o professor Marcos Vilas (Secretaria da Cultura do MEC), o Bispo Dom Edilberto Dinkelburg, os Secretários Jesualdo Cavalcanti e Juarez Tapety e o Padre Benedito de Carvalho So. Da área da MEC estiveram ainda presentes o Subsecretário e o Diretor Regional da SPHAN — Iracuan Cavalcante e Ivan Sartori, respectivamente.



### Interação educação básica/cultura

A Secretaria da Cultura do MEC, através projeto que lhe submeteu a Fundação Cultural do Piauí, liberou recursos da ordem de Cr\$ 16.500.000,00 para desenvolver ações nos bairros Pirajá, Marinha e Matadouro com vistas à interação entre Educação Básica e Cultura. A equipe em campo de representantes da Secretaria da Cultura, Desportos e Turismo, da Secretaria de Educação e da Universidade Federal do Piauí.

### Contatos na FUNARTE

A Subsecretária Leda Monteiro de Carvalho esteve no Rio de Janeiro para reuniões junto aos órgãos da Secretaria de Cultura do MEC lá instalados. Para execução de vários projetos apresentados pela Fundação Cultural do Piauí, a FUNARTE liberou recursos no total de Cr\$ 4.250.000,00 (quatro milhões, duzentos e cinquenta e oito mil reais), destacando-se o apoio à Feira Popular de Arte, realizada aos domingos na Praça Sete, na

### Recursos para quadras

A Secretaria de Educação Física e Desportos do MEC já começou a liberar os recursos (Cr\$ 1.200.000,00) para construção de quadras poliesportivas nas cidades de Avelino Lopes, Barreiras do Piauí, Cristalândia do Piauí, Patnaguá, Monte Alegre do Piauí, Graciano Castro, Arouca, Várzea

Grande, Simões, Conquista do Canindé, Hugo Napoleão e Barro Bruto, de acordo com projetos elaborados pela Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo sob a coordenação do professor Edmar Rodrigues Júnior. Sete novos projetos acabam de ser encaminhados à SEED/MEC.

### Hotel de Turismo em Corrente

Já foi iniciada a construção do Hotel Ilmo de Corrente, a cargo da Prefeitura desse município, em virtude do convênio celebrado com a Rede Integrada de Hotéis e Motéis do Piauí S/A, empresa vinculada à Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo. A implantação da rede hoteleira no interior, que inclui também hotéis em Canto do Buriti, São Raimundo Non-

ato, Pedro II, Esperantina e ampliação de Atalaia (Luiz Correia), resultou de convênio celebrado entre o Governo do Piauí e a EMERATUR. Ao início das obras estiveram presentes o Secretário Jesualdo Cavalcanti e os prefeitos da FMOP e da RIMO, respectivamente, Agamenon Bastos e José Achieta Correia.

## X Festival de Violeiros



Ladeando a estatua de Domingos Ferreira os Srs. João Cláudio e Dep. Jesualdo Cavalcanti.

Com a presença de nomes como grandes nomes nacionais e apoio do Governo do Estado através da Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo, foi realizado em Teresina, no período de 19 a 21 de agosto, o X Festival de Violeiros do Nordeste, promovido pela Associação de Violeiros e Poetas Populares do Piauí. Na ocasião foi inaugurada na praça Marechal Deodoro a estatua do piauiense Doutor Domingos Ferreira.

Considerado pelos grandes críticos da literatura de cordel como o maior repentista do Brasil. O professor Pedro Mendes Ribeiro, presidente da Associação, e o Secretário Jesualdo Cavalcanti assinaram convênio com a finalidade de desenvolver maiores ações na área de literatura de cordel, que contará com uma sala exclusiva na Biblioteca Estadual "Cromwell Carvalho".

## I Festival de Sanfoneiros

O I Festival de Sanfoneiros do Piauí, após as eliminatórias de Luiz Correia e Floriano, realizou sua finalíssima em Teresina, no Theatro 4 de Setembro, dia 25 de setembro, sob a coordenação do jornalista Raimundo Ribeiro de Sá (Casé). As primeiras valências ficaram com os sanfoneiros João

Santos Macedo (Floriano), Evando Sales (S. Raimundo Nonato), Bento Araújo e Luis Gonzaga Araújo (Parnaíba) e Luis Alves (Teresina), que receberam prêmios da Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo, Prefeitura de Teresina, Assembleia Legislativa e Foto Kit.

## Encontro nacional em Brasília

Acompanhado da Subsecretária Leda Monteiro de Carvalho, o Secretário Jesualdo Cavalcanti participou, em Brasília, de 26 a 28 de setembro, do Encontro Nacional dos Dirigentes de Educação, Cultura e Desporto, sob o patrocínio do Ministério da Educação e Cultura. Na oportunidade, o Secretário Jesualdo Cavalcanti apresentou proposta pleiteando maior aporte de recursos do MEC para a setor cultural, a qual, por conta das aspirações comuns dos dirigentes de órgãos culturais, foi assinada por todos os Secretários de Cultura que participaram do Encontro.

## Candeia no Som Brasil

O Grupo Candeia, com a colaboração da Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo e da Prefeitura Municipal de Teresina, apresentou-se no programa SOM BRASIL, da Rede Globo, de 20 de setembro, obtendo grande sucesso.

## MEC libera recursos para o Jenipapo

O Cel. Sérgio Pasquini, Secretário Geral do MEC, aprovando projeto elaborado pela Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo, liberou recursos de Cr\$ 12 milhões para complementar os serviços de restauração do Monumento do Jenipapo, em Campo Maior.

O projeto consta também da celebração de painéis descriptivos dos fatos históricos ocorridos em 13 de março de 1823, às margens do Jenipapo, quando plenárias e couraças deram o seu sangue em prol da independência do Brasil. A elaboração do texto está a cargo do Professor Arimatéa Tito Filho, Presidente da Academia Piauiense de Letras. A supervisão dos trabalhos de restauração do Monumento do Jenipapo vem sendo feita pelo Assessor Seiji Nakayama.

# HISTÓRIA

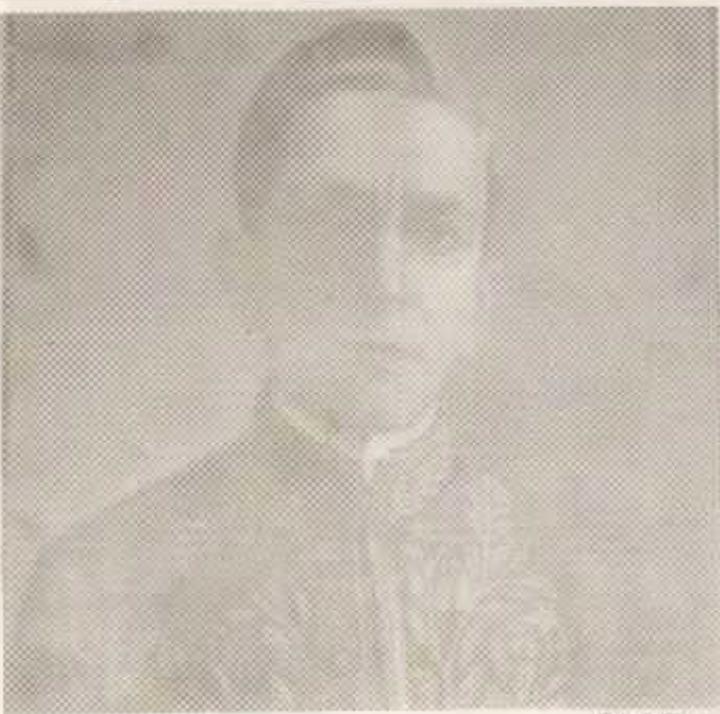
## Félix Pacheco

### o Chanceler de Artur Bernardes

Osvaldo Lemos

igna e admirável foi a atuação do Chanceler FÉLIX PACHECO, ao lado do Presidente ARTUR BERNARDES — Inegavelmente, um dos governos de maior turbulência na história da nossa República.

Mineiro de Viçosa, ARTUR BERNARDES herdara a arca eleitoral dos familiares de sua mulher e, com isso, elegeu-se deputado estadual, e depois federal por Minas Gerais. Quando EPITACIO PESSOA estava na Presidência da República, já ARTUR BERNARDES era famoso em Minas, tanto que em 1922 foi eleito Presidente da República, lutando, ferozmente, contra uma oposição nada fácil, integrada pelos governos gaúcho, pernambucano e baiano. Foi a denominada Reação Republicana, liderada por NILO PEÇANHA, como se sabe, origem do Partido Liberal. Os militares diziam que BERNARDES era inimigo do Exército. A verdade é que a situação política agravou-se tanto, que ARTUR BERNARDES teve que assumir a Presidência da



Félix Pacheco.

República, sob rigoroso estado de sítio decretado pelo Congresso.

A primeira investida contra seus inimigos foi mandar fechar o jornal *Correio da Manhã* e prender o seu diretor Edmundo Bittencourt, responsável pela publicação de cartas insultuosas dirigidas ao Marechal HERMES DA FONSECA e atribuídas a BERNARDES. Intervino nos Estados. Anulou atos da Assembleia do Rio de Janeiro, com o ardil de forjar a vitória do seu candidato à presidência do Estado, mandando inclusive, tropas para assegurar a derrota do seu inimigo J.J. Seabra, então forte candidato ao governo da Bahia.

Homem de posição belicosa, expurgou do Congresso os inimigos políticos, prendendo-os e desterrando-os para lugares inviolados. Quanto aos militares, deslocava-os aos serviços de longínquas unidades. Finalmente, com a aprovação de uma lei de imprensa, que mantinha os jornais apertados pela censura, pode suspirar o estado de sítio até o surgimento das insurreições paulista e gaúcha.

Durante os quatro anos do governo BERNARDES, o Brasil viveu três anos e seis meses em estado de sítio. Essa atitude de BERNARDES, a princípio, não parece mostrar incompetência e ambição cega do político mineiro. Um exame mais apurado da realidade brasileira daquela época, não diz o mesmo, se levarmos, principalmente em conta os fenômenos sociais eclodidos no Brasil e no mundo, após a Primeira Guerra Mundial. A década dos anos vinte deste século, foi uma das transições mais delicadas na vida nacional e internacional. Vivíamos a efervescente normal dos dias posteriores de uma grande guerra, quando todas as experiências sociais passam por revisões profundas. O mundo, por exemplo, em 1920 depois de amargas experiências no trato das relações internacionais tentava, através da criação da Liga das Nações, um organismo apto a preservar a cooperação e o equilíbrio simultâneo das nações, conforme o Tratado de Versalhes. Mesmo assim, em 19 anos, os entendimentos entre as nações não tiveram bons resultados, tanto que veio a surgir

a maior hecatombe de que nos fala a história da raça humana: a II Guerra Mundial.

No Brasil, o cangaço nordestino, os movimentos tenentistas, a fundação do Partido Comunista Brasileiro, a Semana de Arte Moderna, por si nos mostram o estado convulso das aspirações classistas e individuais que neste país, em todos os níveis, se manifestavam. A nação nunca estivera tão disposta a sacudir os velhos hábitos sócio-culturais, como então.

Entende-se, pois, que ao fragor dessas dissensões e com a ainda visível imaturidade nas decisões do Estado Brasileiro, governar nessas horas, sob um regime de exceção e de força, era bem compreensível.

Acrescentem-se, porém, a favor de ARTUR BERNARDES a criação do Conselho Nacional do Trabalho, o esforço de promover a reforma da Constituição Brasileira, a busca de soluções dos problemas básicos — mesmo enfrentando surtos revolucionários e agitações operárias — o programa um tanto drástico de contenção de despesas, procurando disciplinar o pagamento da dívida pública, objeto, inclusive, da missão presidida pelo Lord Montagu e uma aguçada preocupação de manter uma política internacional nos melhores moldes diplomáticos possíveis.

BERNARDES, em dois momentos distintos, caracterizou o seu estilo de governar, coerente com o seu espírito progressista, desacomodado e nervoso.

Primeiro — no âmbito nacional — negando-se a ratificar o acordo celebrado pelo governo anterior, com a Habra Iron — 1920 — alegando que aquela empresa estrangeira, organizada por Percival Farkuhar, interessava-se, única e exclusivamente, pela exportação do minério e não se comprometia a insta-



lar uma usina para a fabricação do aço, no Brasil. Resultado: estabeleceu outro contrato com o grupo Belgo-Luxemburguês, do Comitê des Forges, origem da Companhia Siderúrgica Belgo-Mineira, em 1921.

Outro — no âmbito internacional — foi romper com a Liga das Nações, de cujo Conselho participava como membro não permanente. Com o apoio de grandes potências, a Alemanha foi incluída, tendo com isso desenganado a pretensão brasileira de ter efetivada a sua interindependência. Isolado o Brasil, e inclusive sem o apoio das demais nações latino-americanas, que disputavam o rodizio de três lugares não-permanentes, evitando garantir apenas um, de caráter efetivo, BERNARDES julgou a situação humilhante e insustentável. Segundo instruções suas — colocando "a aspiração do Brasil como uma questão de dignidade nacional", autorizou ao Chanceler FÉLIX PACHECO, a não apenas repelir o alde-mémoire do líder da política de reconciliação Sir Austen Chamberlain, como vetou a inclusão da Alemanha. A crise culminou no dia 10 de junho de 1926, quando o nosso Embaixador AFRÂNIO DE MELO FRANCO, anunciou espetacularmente a retirada do Brasil da Liga das Nações.

O pensamento do Governo de ARTUR BERNARDES, no campo das relações internacionais voltava-se à preservação dos "interesses reais e permanentes da paz, da civilização e da humanidade, numa estreita comunhão de espírito com todos os povos amigos do Brasil".

Não obstante os acontecimentos de ordem interna e externa terem estremecido esse pensamento, a pericia do Chanceler FÉLIX PACHECO não permitiu disperpar dessas normas,

com manobras dignificantes, mantendo em tudo a fidelidade aos legítimos interesses do país e sem violar "os altos princípios básicos da política internacional", conservando a tradição de dignidade da nação brasileira.

Quando em 1920 instalou-se a LIGA DAS NAÇÕES, o Brasil foi honrado com um dos quatro lugares de membro temporário do Conselho. Atendia a uma determinação expressa do Pacto da Liga das Nações, e desde então foi reconduzido por eleição da Assembléa, anualmente. Prova desvanecedora do desempenho do mandato, pelos representantes brasileiros, foi a grande maioria de votos que o Brasil sempre alcançou nesses escrutínios.

Em setembro de 1922, pela terceira vez, reuniu-se a Assembléa da Liga. Vale ressaltar que o Brasil, através de seu Embaixador DOMÍCIO DA GAMA teve a honra de presidir a sessão inaugural dos trabalhos. Para o estudo preliminar dos assuntos submetidos a debate, constituiram-se seis Comissões nas quais o Brasil foi representado pelos Embaixadores DOMÍCIO DA GAMA, RAUL RÉGIS DE OLIVEIRA e o Ministro RAUL DO RIO BRANCO, assessorados pelos Técnicos Almirante J. M. PENIDO, Tenente-Coronel A. de ANDRADE NEVES e JÚLIO BARBOSA CARNEIRO.

A questão da redução dos armamentos, com base no relatório da Comissão Mista temporária da Liga das Nações, foi um dos principais temas da 3a. Comissão da Assembléa.

Quando se discutia o relatório dessa Comissão o Embaixador Régis de Oliveira e o Contralor Almirante J. M. Penido procuraram mostrar que os países da América do Sul, e principalmente o Brasil, apresentavam situações muito diferentes dos países

que tinham tomado parte na I Grande Guerra, ajudando que o armamento dos países sul-americanos era antiquado, porque era o mesmo que possuíam antes da Guerra. A nossa representação fez ver ainda que o Brasil, "nação manifestamente pacífica e cuja Constituição Política proíbe a guerra de conquista e sujeita, preliminarmente, as questões internacionais, ao recurso do arbitramento", continuava desprovida dos mais elementares meios de simples defesa de sua vastíssima costa marítima.

O Embaixador Régio de Oliveira esclareceu a impossibilidade de tentar-se a defesa de um país, que então contava trinta milhões de habitantes, com mais de 3.600 milhas de costa, com dois navios, mesmo do tipo mais moderno, isso sem se falar na defesa de sua grande frota mercante de cabotagem e de longo curso. Reafirmou, no entanto, o propósito do Governo Brasileiro de colaborar, em todas as medidas propostas com o nobre objetivo da limitação de armamento, desde que fossem, é claro, baseadas em coeficientes equânimes. O Lord Cecil, da África do Sul, que presidia a Comissão, enfatizou que os países com marinhas fracas estavam em condições especiais e que, longe de poderem desarmar-se, precisavam complementar seu armamento.

Foi no tratado de situações como essa, em que os países da América do Sul, entre os demais, limitados na conquista das suas pretensões, pelo predomínio da busca de soluções mais favoráveis aos interesses das grandes potências, que a Liga das Nações encontrou a sua derrocada insustentável, rumo ao fracasso de que só viu pouco a pouco acometida.



O Tratado de Versalhes que fez nascer, oficialmente, a 10 de janeiro de 1920, a Liga das Nações, oferecia a oportunidade de ser criado um organismo "destinado a preservar o equilíbrio e a cooperação mundial" foi o resultado do acordo de paz assinado em 28 de junho de 1919 pelas potências vitoriosas na I Guerra Mundial e a Alemanha.

Incorporavam, a princípio, a Liga das Nações, 32 países fundadores e 13 Estados Neutros. Não faziam parte da Liga a Alemanha, que foi acolhida em 1926, a Turquia em 1932 e a Rússia em 1934.

Os Estados Unidos recusaram-se a participar da aliança por achar a maior parte de suas disposições contrária aos interesses e aos princípios por eles defendidos.

A retirada do Brasil, em 1926, da Liga, mal interpretada interna e externamente, significava o prólogo de sua desagregação. O modelo de cooperação mundial incorporado em Genebra não era condizente com as necessidades básicas de uma perfeita inter-relação entre os países. O Brasil anteviu os maus resultados a que chegariam as deliberações que vinham sendo tomadas, tanto que foi seguido por uma série de países como a Alemanha e o Japão (1933), Itália (1937), Hungria e Espanha (1939), ano este que culminou com a expulsão da Rússia.

Aliás, a Liga das Nações, foi impotente diante da maioria das questões que reclamaram o seu árbitro. Pesari em seu desfavor o fracasso ao tentar a retirada das tropas japonesas que tinham invadido parte da Mandchúria, de lá expulsando as autoridades chinesas em 1931. Quando a Itália declarou guerra à Etiópia decidiu pelo embargo de armas e a suspensão das importações de

mercadorias italianas; tal bloqueio foi posto em prática pela minoria dos países. Mesmo desprestigiada pelo desasco que lhe demonstravam as grandes potências, a Liga foi convocada para agir em favor da Finlândia, então invadida pelo exército soviético; vendo que foram em vão suas advertências, expulsou a Rússia da aliança.

A Liga das Nações foi ainda impotente — e nisso as acusações foram mais sérias — quando assistiu indiferente ao rearmamento alemão do que adviria a II Grande Guerra Mundial, ao conflito sino-japonês, em 1937, à guerra civil espanhola de 1936 a 1939 e, por fim, à deflagração e os seis terríveis anos da II Grande Guerra.

Pesa, no entanto, em seu favor os bons termos chegados entre a Suécia e a Finlândia, com respeito às Ilhas Åland, em 1920; a questão greco-bulgara, impedindo um conflito ao ameaçar a Grécia de boicote econômico, bem como evitando um choque entre a Colômbia e o Peru, pela Província de Leticia.

Em abril de 1946 a Liga das Nações desapareceu oficialmente, para que em seu lugar tomasse corpo a Organização das Nações Unidas.

Como é óbvio, pelo que aqui elucidamos, a campanha do silêncio e da injustiça ativada contra a política internacional de BERNARDES, bem e conscientemente preparada pelo Chanceler PACHECO, está a reclamar reparações desapaloxonadas, ou menos mesquinhias, que por certo descerrem ao festejo da inveja e da desconsideração, que se teceram sobre o retrato de corpo inteiro de um dos maiores estadistas da nossa República, o ilustre plauense JOSE FELIX ALVES PACHECO, neto.

# FATOS & NOTÍCIAS

## Seminário de Turismo

Reunido dirigentes da EMBRA-TUR e todos os presidentes de empresas estaduais de turismo do Nordeste, além de agentes de viagens e da rede hoteleira, a Empresa de Turismo do Piauí realizou no Centro de Convenções de Teresina, nos dias 28 e 29 de setembro, seminário sob o tema "Turismo: Nova Alternativa para a Economia Nordestina". O objetivo da promoção foi despertar as autoridades, empresários e a comunidade piauiense para a importância do turismo como futuro de geração de empregos e de renda, conforme declarou o presidente José Maria Viana, da PIEMTUR. À solenidade de abertura estiveram presentes, dentre outros, o Governador Hugo Napoleão, o Secretário Jesualdo Cavalcanti, o Prefeito Freitas Neto e o Deputado José Luiz Martins Maia.



## Secretário homenageado

O Secretário Jesualdo Cavalcanti foi recentemente distinguido com sua escolha para sócio-honorisímo do Sindicato dos Radialistas do Piauí e da Associação dos Violistas e Poetas Populares do Piauí, graças ao apoio que

vem dispensando às promoções das suas entidades. A entrega das homenagens ocorreu no encerramento do Seminário de Radiodifusão e do Festival de Violistas, respectivamente.



Dep. Jesualdo Cavalcanti recebendo Diploma de Maria Pangala.

# CULTURA POPULAR

## Os clamores dos cordelistas

Pe. Matusalem Souza



**F**ira que possamos compreender o grande grito oprimido dos poetas populares da Literatura de Cordel, torna-se necessária uma sucinta visão histórica das suas fundamentais bases. Igualmente cabece observar-se em qual das fases aparecem os primeiros traços da comentada estereotipação desta cultura de base por parte dos que fazem a cultura central oposta, chamada cultura erudita.

Sem prescindir das raízes ibéricas e lusitanas da literatura popular rimada (1), pode-se afirmar que o nome CORDEL criado pelo estudioso francês Paul Sébillot, em 1883, já evidenciava uma estereotipação radical de linguagem entre a fala do povo e a linguística oficial. Isto porque em 1731 — Brasil Colônia — já circulava nos sertões os versos intitulados "O Peregrino da América", escrito por Nuno Marques Pereira e impresso em Portugal. Este livrinho (32 páginas) era procurado por todos assim: "quero o folheto O Peregrino da América" e não, querer o *Cordel* tal.

Não é sem mais que o folhetete — poeta Joaquim Batista de Sena me falava, em 1980, na ENCATUR no Ceará, o seguinte: "...eu nunca vendi Cordel, só rendo folhetos... eu não gosto desse nome. Este nome é coisa de turista para enganar a gente". Outros renomados poetas do povo como Leônidas Gomes de Barros, João Martins de Athayde, Rodolfo Coelho Cavalcante sentem-se magoados e ofendidos com este apelativo. Contudo, a palavra Cordel agrada aos intelectuais, sobretudo depois da racionnalização feita pelo cordelista Sebastião Nunes Batista (já falecido), num jogo de palavras latinas com o objetivo de explicar o fenômeno lógico da inspiração da poesia de bancada.

Certo de que esta digressão não atropelará o objetivo desta exposição, pode-se, no momento, trazar o seguinte perfil da Literatura de Cordel:

— **Prévia Fase:** É em 1880 quando a poesia popular oral deixa de ser cantada em quadradas, para ser propagada em sextilhas e outras modos. Aparecem ai as primeiras publicações predominantemente em sextilhas, com particular exceção nos folhetos de pelejas. Todavia, quanto ao real momento de aparecimento do folheto os dados provêm muitas con-

jusões. Para Câmara Cascudo o primeiro folheto brasileiro a ser publicado, fora Zézinho e Maricinha de Silvino de Pirauá de Lima em fins do século XIX. Outros pronunciamentos encontram-se nos seguintes afirmações:

Ariano Suassuna diz que é o folheto "Romance da Prada do Reino" em 1836;

Orácio de Almeida diz ser o folheto "Meia Noite no Cabaré" em fins do século XIX.

Orígenes Lessa afirma ser o folheto "Testamento que faz um Macaco" em 1865.

Das opiniões, a menos contestada

é a de Couto Magalhães seguida Silvio Romero dando conta de o primeiro folheto é datado de 1859. Esse momento, segundo Maxado, destino, é o momento forte da imprensa escrita em Cordel no Nordeste.

— **Segunda Fase:** É o despumar para os assuntos do monacismo trazidos pela I Guerra Mundial. Aparece neste momento ação no tamanho do folheto, e quanto ao número de páginas ilustrações de capas. Neste seu maior testemunho é o de Maria da Costa que desde 1918, per-

cendo até 1940, desenhava capas para Athayde poder publicar seus folhetos na tipografia do Jornal do Recife. Complete os dades a constatação de que a consolidação da Literatura de Cordel se dá nas décadas de 30-40 quando entram os elementos de religiosidade popular e a canção com Po. Cícero e Lampião consequentemente.

— *Terceira Fase:* É o apogeu das publicações em folhetos-de-leitura destinado ao gênero da informação. E a década de 50 é época de divulgação e difusão de folhetos, gráficos às migrações para as cidades do Centro-Sul do país. Nesse momento, o maior exemplo é o folheto sobre a *Morte de Getúlio Vargas*, com 2.000.000 de exemplares publicados. Em 1960 com a grande difusão da rádio, o Cordel resiste para declinar em 1970 provocado a grande clamor dos cordelistas.

— *Quarta Fase:* Quase que desaparece a publicação de folhetos. E o cordelismo declina, confessa Sébastião Nunes Batista referindo-se à década de 70. Desaparecem os leitores. José Bernardo da Silva confessa "passo o dia na banca e só me procuram por recortes de quadrinhos, horóscopo e num só folheto popular". Agora são os jornalistas, intelectuais e pesquisadores que passam a se interessar pelo fenômeno.

— *Quinta Fase:* Nas férias da Pecuária de 70 há um renascimento para o folheto popular mas, em outras mãos. O folheto passa a se dirigir não só ao homem do povo mas também aos elites. Nesta decada a que mais traz absoluta de pontas é o ouvinte jornalista. Em Teresina aparece o folheto sobre a "Morte do Mariz Gregório" de João Agostinho e sobre os "Inconfidentes de Teresina" de Rosalvo Cunha Calvalcante.

Surge nessa fase a tendência de autoridades e elementos do mundo político e econômico instrumentalizar o folheto popular para as propagandas. Por este fato, aparece um novo olhar do Cordel e chamado *folheto de propaganda*. Esse tipo de folheto circula fortemente durante o último período eleitoral no país (colaboram com essa cordelística trinta títulos diferentes). No folheto de propaganda surge a divulgação de ideologias, não entendo obviamente pela porta de baixo.

Diz o Prof. Antônio, que em 1972 tomou a impressão do ressurgimento da noite pelo menos aqui no Nordeste, na Pátria de origem do Cordel. Surge um público novo, o público universitário, um público de turistas comprando folhetos e um público impulsionado por um psicossom de salvação desta eternum. A Literatura de Cordel vai deixando de ser do passado (3).



— *Sexta Fase:* É a década de 80, a face do mimeógrafo. O que caracteriza esse momento é a produção de folhetos oficiais através de instituições culturais. Outro fenômeno é o conjunto de esforços para a afirmação da Associação de Cantadores Cooperativas Editoriais de poetas populares. É um movimento de base junto a um movimento das Secretarias de Cultura. É perceptível o grande interesse de interessados pela Literatura de Cordel com objetivos variados. Esta variação descreve na traição a cultura popular, no rebus de direitos humanos e na intolerância repressiva do homem periférico (4).

A folclorização da Literatura de Cordel se me parece como a mais alarmante desumanização da cultura popular. E mais, é a expressão da força repressiva da cultura dominante. Ilustra esta minha posição o depoimento de Eduardo Hooper que diz: "quando vemos a cultura popular, nós vemos alturas a cultura popular senão já marcada pela própria repressão. Esta é a noite do homem de cultura central — porque quando vemos que a verdadeira vida cultural está na periferia, só percebe muito bem que o verdadeiro homem que vive a sua cultura não é ele, mas é justamente o homem periférico que ele chama de popular" (5).

Esse posicionamento próprio das tradições a cultura central repreende já se uma manifestação em publicação do prof. Nos Mundos num periódico religioso em setembro outubro de 1981. No texto o intelectual denuncia clara uma atitude repressiva ou se refere às indústria pressionadas que desfilavam pelo cruzeiro da av. Frei Serafim. Contudo a matéria subtraíndo da expressão vital religiosa popular os estímulos ideológicos da religião oficial que exigia, para ser assim, uma igrejinha ou uma capela oficial e exaltar a casa rústica, exortário simples da fé do povo. E mais forte ainda quando o articulista confunde tudo isto com a generalização entre o povo de ma-

vinda (6); Ali, a cultura popular é folclórica diz o coordenador do Departamento de Assuntos Culturais (7).

Para completar esta proposta intelectual, a questão mais forte é a seguinte: quando eu amo a memória folclórica o que é que eu estou fazendo? Eu estou fazendo uma verdadeira abstração da realidade porque a cultura vinda pelo povo não é folclórica. Nenhuma pessoa popular vai dizer que é folclórica. Um poeta de Cordel, uma rezadeira etc., quando falam de folclórica, é porque já estão internalizando uma ideologia que não lhes pertence (8).

Fazem estas considerações de introdução, fundamentais para a compreensão do tema proposto acima, acompanhando historicamente os poetas de Cordel, tentando, sobretudo escutar os seus clamores.

(1) cf. BORGES JUNIOR, M. — Discursos de Cordel. Rio: Fazan, 1977.  
MAXADO, Franklin. O que é Literatura de Cordel. Rio: Guedes, 1986.

(2) MAXADO, Franklin op. cit. 30-31.

(3) Cf. PLINTEL, Juana T. — Cordel à Galeria que se foi de Foco. Tese da Graduação em Teatro. São Paulo: Paulinas, Mais de 1990, pp. 20-22.

(4) Cf. MENEZES, E. Dantas R. de — Para uma Leitura Sociológica da Literatura de Cordel. In: rev. Círculo, Ser. BCSF-UFSC, Florianópolis, v. 12, vol. VIII, 1977, pp. 7-27.

(5) Cf. MAURÍCIO, Ivan et alii. Arte Popular e Domínio Heideggeriano. Rio: Zahar, 1998, pp. 22-34.

(6) NOE E MARIA AMELIA. "Religião e Folclore", in: O Pernambuco n° 3 semestral, Recife, Teresina, 1982, 7.

(7) SOLSA, Dr. Matheus — Valores Religiosos na Literatura de Cordel. In: Jurnal da Montiz, n° 318, Teresina, 3/1/1992, 11.

(8) MAURÍCIO, Ivan op. cit. 36.

## Declínio da Literatura Popular

Os fatores, apontados pelos poetas, responsáveis pelo declínio da poesia popular de Cordel podem ser enunciados do seguinte modo: fechamento das maiores tipografias; poetas assassinados de canas; alto custo tipográfico e dos transportes; plágios e as perseguições das feiras.

Tais elementos contribuíram para que Prof. Atílio de Almeida, da Universidade Federal da Paraíba, afirmasse, em Fortaleza durante o II Ciclo de Literatura de Cordel realizado a 18 de maio de 1981 e segundo: "Não acredito que isso tenha vida muito longa, ou melhor, acredito que o Cordel já morreu, está com a vida fadada. As universidades, as instituições estão paradas, e o Cordel está como estou informado que ficou com marcas passadas, nem tanto assim, se mantendo vivos artificiosamente - era causa de hospital... Morreu porque morreu o público do Cordel (9)". Isto não constitui bairrada a verdade, segundo o testemunho de Joaquim Batista de Sora, os bairrados estão na mesma ou em maior quantidade do que nos anos 50-55, apenas é uma plausibilidade diferente (vide pagina 5).

O que veio, de fato ser o primeiro tique de enfraquecimento da Literatura de Cordel, foi a morte de Leandro Gomes da Barra (1918); João Martim de Athayde (1959); José Pachêco (1960); José Duda (1971); João Meirinhos (1973); Severino Migueles (1973); Chiquinha Batista (1970); José Bernardo da Silva (1972); Caixa de Santo Amaro (1975); sem falar no murro de dous bons cantadores como Cego Adereido; Cego Sinfrônio; Cacá; Domingos Fonseca e muitos outros. Tudo, além de poetas reconhecidos pela mídia e reis da poesia popular, desfazem a memória livre; contribuem os plagiadores elevando suas númeras.

A expressão da luta travada por estes poetas extorquidos, é testimoniada e documentada no depoimento de Rodolfo Cravatago na jornal "O Trovador" em 1967: "Péssimos trovadores populares invadem o mercadão da Bahia (10)". O problema ainda persiste, pois encontra-se uma dupla fronteira de poetas-travadores, dentre elas o Gerrincha (Teresina), que associam a métrica e inventam inovações para sugerenciar o público. Não fossem mais que o Grêmio Ilustrado de Trabalhos em 1967 teve que conciliar os bairrados com a humana parte nas anilhas de poesia, para podermos exercer a profissão sem desprazigar nos clãs.

— Outro grande fator foi a inflação brasileira. Este foi a responsável pelo fechamento das gráficas. Os exemplos ilustrativos são os seguintes: de Fortaleza desaparecerá a Gráfica Fátima do poeta Joaquim Batista de Sora, de Campina Grande a Tipografia Al-



treia da Poesia do poeta Manuel Geraldo dos Santos; de Rosita a Tipografia Lacerda do Norte da poeta João José da Silva; finalmente de Joaquim da Paixão Gomes a Tipografia Luso-Nordestina de José Bernardo da Silva, feita já nas mãos de seus filhos. Todo este fenômeno, diz José Franklin em Jornal O Poeta no ano de 1981, é "a cultura nordestina entrando num beco sem saída (11)"

Tem mais, a crônica da Lira Setentrional parece com perspectivas de sustentação. O governo da banada de Ceará temido de adquirir a maquinaria, os originais e as matrizes tipográficas. Até se sua esperança de seu funcionamento sob a custódia da Academia Brasileira de Literatura de Cordel.

A gravidade desse fenômeno na cultura popular de Cordel é medida pelo depoimento de Rodolfo Cravatago em 1950: "João José da Silva e o cunhal dos bairrados cidadão e o gigante de Pernambuco, que fez de uma chácara predileta de poeta nômada, o maior bairro do Nordeste".

O resultado de tanta crise é o grande gabinete de dificuldades e a constatação de ver-se Axilão; Apolinário Alves; Edílio Francisco; José Trajano; Severino José no Rio de Janeiro. Também Anísio Quirino; Raul Quirino; Severino Carlos; Palmeira da Bahia; Júnio de Barros entre Rio, São Paulo, todos como peixes fura d'água sem condições de trabalhar e viverem a sua tutela editorial.

O que não muda — processo editorial do Cordel foi o seguinte: Para rápido constatação, o quadro inflacionário é o seguinte:

ANO	FOLHETOS	PREÇO
1975	8 páginas	300,00
	16 páginas	600,00
	32 páginas	1.200,00
1982	8 páginas	150.000,00
	16 páginas	150.000,00
	32 páginas	160.000,00

— Juntar-se a tudo isso o açocho das feiras manifesta na cobrança de impostos, às vezes legal, de pequeno pedaço de "bão-de-serra" e perse-

guões de autoridades locais. Dentro os exemplares temos o seguinte: Em 1984, na feira de Linhares, em Pernambuco, o talentoso poeta Zé Bernardo foi preso sem causa fazendo nada e ainda teve sua mochila roubada, dentro da qual havia delegações (12); descreve Sebastião Nunes Barreto em Fortaleza, em 1981 (13). Tais poetas são desmoralizados cada abusivo com conduta excessiva, tortura. Sua reclamação não são curvas nem normas quando dirigidas às autoridades ou órgãos competentes — assim.

Em todo este contexto sabemos que a cada dia difícil se a prática da Carta Nacional do Folclorista de 1951, que só no capítulo XIV, parágrafo 3: "Como mérito de estímulo, promoviam certa certeza em conjunto de material riquíssimo, sempre que se realizava uma pesquisa de campo (12)". Agora é a pergunta que sempre não há edição?

## Clamores dos Cordelistas

Nada melhor para nos evidenciar, mais fortemente, a questão fundamental dessa nossa exigência que o depoimento de Manuel Gaboito da Silva durante o II Ciclo de Literatura de Cordel no Ceará, em maio de 1981 (13) que disse: "Se não está livre natal parque não há ainda ver e conferimento geral dos delegados para impulsionar a Literatura de Cordel nas feiras, transmissões, naquele homem que les a voz do Cordel. Aquela está desprotegida, o poente desquele quem que compra um exemplar daquele folhe-

(9) SECRETARIA DE CULTURA E DESPORTO. "A Diversidade Popular no Quênia". Folheto. Centro de Referência Cultural. 1980.

(10) O "TROVADOR" ano XX, nº 99. Salvador. Setembro. 1982.  
D.D. Início. 1982. "A Cultura Nordestina entre duas Decadas Sóis" — O Poeta. Fortaleza. 22. 17-05-1981. 10.

(11) MARINHO, José Peixoto. Intervenção ao Senado de Edifícios Rosândio. Belém. Rio Branco. 1968. 28.  
(12) Vide nota nº 3.

to, um dia, conforme as condições, e vai vender nas feiras. Mas quando chega nas feiras, o delegado manda comprar uma quina naquela ali, que se vê que o pobre não pode pagar.

Vários depoimentos se cruzam no aniversário cordelino, vários protestos contra a censura: nemam forma. Dentro os que protestam estão Jota Barros, Teó Macêdo, Tom de Lima, Ivanildo Vilanova, Joaquim Bahia de Sena e Joseph Layton. Estão gritando e pedindo apoio, estão lutando pelo espaço e mercado para a produção das poesias populares. Tudo isto porque é negado ao poeta popular um carro para expor sua produção.

Esta luta não é de hoje. Tudo vendo 1973 envolvendo Lourenço Batista Patriota, Pinto de Monteiro, José Barbosa da Silva; José Marcondes Alves, Míssel Carvalho da Silva; Francisco Sales Arcila nas preças entre Ribeirão e Rio de Janeiro. Esta questão farta amplamente discutida quando estivemos no I Congresso Nacional de Literatura do Cordel no Rio de Janeiro nos dias 10 a 16 de março de 1980. Toda reflexão e história da situação vamos encontrar na publicação "Arte Popular e Domínio" (14) pela editora A. L. Ternitiva.

Deste I Congresso saiu um documento assinado por poetas populares e estudiosos desta literatura, que ainda hoje está sendo reescrito e retocada, que encerra o nome de CARTA DE PRINCÍPIOS. O texto da carta diz o seguinte:

"Os poetas Populares Cordelistas do Brasil (de Centador-reportistas a poetas de livros ou folhetos), conscientes de sua responsabilidade histórica como criadores e mantenedores dessa Arte Folclórica puramente nacional, resolveram no I Congresso Nacional de Poetas do Literato do Cordel, realizado no Pavilhão de São Cristóvão (e na Cinelândia), de 10 a 16 de março de 1980 agora tornar público o seguinte:

1 — A sua criação artística-literária vem sendo terrivelmente sufocada nas grandes metrópoles (como Rio e São Paulo), quer seja pelo estagnamento econômico no poder econômico alienado de algumas editoras etc., quer seja pela corrupção moral ou a agressão física oriundas do poder repressor, quer seja pela omisão de alguns setores que controlam a cultura cultural do país, salvo raras exceções.

2 — Para ilustrar o quadro acima apresentado, denunciam seu colapso político num posicionamento antagônico, que os escritores do cordel estão sendo presos como os futebolistas, e a sua criação literária está sendo rasgada e atirada na lata de lixo, ou queimada como se a cultura popular cordelística nacional, produzida honestamente por modestos poetas brasileiros, fosse o vilão das pastur-



tes municipais, ou fesse ameaça forte à Segurança Nacional.

3 — Igualmente os cantadores-reportistas-violinistas e reboladoreiros sofrem o mesmo tratamento humilhante em via pública, como se as vibrações sonoras dos pandeiros, das violas e das gorgonias dos poetas, sensíveis ao saber e às aspirações de povo, fizessem os auriculares ou as consciências dos repressores.

4 — Na sua luta pela analfabetização e pelo aperfeiçoamento da Literatura do Cordel, jamais os poetas populares foram influentes, nem ingratis diante da compreensão que têm excedido a mão e o coração, mesmo sem lhes dizer os efeitos.

Portanto, mencionamos que muitos brasileiros, estudantes e professores, pesquisadores e outros amantes desta Literatura de Raiz, estão solidários com a luta pacífica, mas persistente, dos poetas cordelistas. Por isso mesmo ressalvam a colaboração do Instituto Nacional do Folclore, da Fundação Irc, da Rectoria da Casa do Rio Branco, da Associação de Professores Nordestinos, da Associação de sub-Oficiais e Sargentos da Marinha; da Banda de Música do Exército Brasileiro; do Ceará Palmeira; da C.C.P.L.; da Imprensa qualificada; de Zé Ramalho e outros.

5 — Graças à reunião na praça da Praça de serviços dos órgãos supraditados, à Ordem Brasileira de Poetas da Literatura do Cordel, com sede em Salvador, e presidida pelo dinâmico Rodolfo Coelho Cavalcante, através da Comissão Organizadora (Rio) e da Cooperativa do Cordel do Estado do Rio de Janeiro (Cordel-RJ), pode realizar, com sucesso, o seu I Congresso nista nublado maravilhoso, e o que é muito importante, proporcionar aos poetas de cordel a maravilhada conquista da praça no Rio. E quis o destino que essa abertura pioneira fosse na Cinelândia, no lado do Teatro Municipal e nas escadarias da Câmara dos Deputados, simbólicas de Arte e da Liberdade, respectivamente.

6 — Mas os poetas de Cordel celebraram a conquista legal e permanente das praças e de outras vias públicas onde houver animadissimo das massas, e também das sombras das árvores frondosas como se fossem iluminadas, e se locais para as aulas fixas, e filh de que as Cooperativas funcionem como apoio logístico.

7 — Os poetas populares cordelistas do Brasil são cantadores-reportistas criadores de livros e (ou) folhetos, não reivindicam privilégios nem imunidades paternitárias. O poeta de Cordel quer chão para pisar, espaço para se mover, porque entende que um país onde o poeta não pode exercer suas práticas, é um país duende. O poeta de Cordel quer sua literatura cultural nacional incluída nos currículos escolares. Finalmente os poetas de Cordel querem o direito de utilizar o seu instrumento de trabalho, que é sua ARTE, para viver com o mínimo de alegria, liberdade e dignidade. — Saia do Congresso, 16 de março de 1980 (15).

Esta carta de princípios parece não ter saído de suas impuras elencas. Deixou entido anteriormente a fundação da FENACREPC (Federação Nacional das Associações de Cantadores-Reportistas e Poetas Cordelistas) em Brasília (21/04/82) cuja final é de servir a congregar as Associações de Poetas e Cantadores de todo o Brasil (16). Na ocasião avançamos que a ditadura se agrava cada vez mais, que mais um passo estava sendo dado para a unidade do movimento de defesa à cultura popular. Este movimento tem a força de tal forma que podemos apresentar as mais eloquentes vozes para a libertação da poesia popular e com a verdade dos fatos.

(14) Vals Bielorussa

(15) SOUZA, P. Matos: "Cordel, uma Cultura Pessoalizada", Jornal da Manhã, Teresina, 11-03-1982, 2.

(16) SOUZA, P. Matos: "Cordel, uma Cultura Perseguida", Jornal da Manhã, Teresina, 15-02-82, pag. 7.

**VERDADE DOS FATOS** — Em São Paulo os fiscais da Prefeitura, de inúmeras decisões não se deixam sensibilizar pela poesia de Cordel. Muita pelo contrário, eles não se cansam de, sistematicamente, perseguir os autores de folhetos impressos a duras penas, onde quer que os encontrem — mesmo na praça da República aos domingos. Mas em todos os locais estão guerreiros às violências das rapas.

As autoridades de Campinas autorizaram, recentemente, a venda de Cordel em praça pública. Contudo conta o prof. Joseph Maria Layten da Escola de Comunicação e Artes da USP, dono do maior acervo de Cordel do país, "que os poetas não considerados contraventores, embora não se conheça qualquer lei que os enquadre nessa galeria". Então lamenta Layten: "eles são obrigados a vender por baixo do pano, quando o negócio poderia ser perfeitamente liberado". Comenta ainda o professor "que por causa desta discriminação, grande parte da população da cidade está impedida de conhecer essa literatura tremendamente rica", que na sua opinião, "terá um público certo nas praças e feiras" (17).

Não há possibilidade e os autores passam a se dedicar a outras atividades para sobreviverem: guardas, pedreiros, fazem horas extras, segundas, entre os mais ônibus por dia. "Assim a mão endurece e a cabeça enbolha". E é isso que a maioria quer: matar o poeta popular.

O grito de protesto se faz ouvir como em no contexto cordelino. Dis o poeta José Icotônio Macêdo (Tico Macêdo), autor de entre outros, do Best-seller "O Grande Brasileiro Jangadeiro Kubitschek": "Enquanto o mundo inteiro pesquisas o Cordel aqui nos perseguem". Contudo, ainda há os que resistem.

Muitos poetas têm resistindo à discriminação. Tempos atrás, um rapaz de 17 anos foi surpreendido pelos fiscais, vendendo folhetos na praça das corridas em São Paulo. Aprenderam tudo o material exposto e de maneira poquissimo cortado. O rapaz era um dos 10 filhos de João Antônio de Barros, tido pelos próprios compatriotas, como um dos melhores poetas residentes em São Paulo, é o valencianíssimo Jota Barros.

Desabafa Jota Barros: "Fugi da Prefeitura só quando minha coluna permitiu. Não nasci pra me desenganhar. Não trabalho para a fiscal chegar e me passar pelo pescoço indigualmente". O que vem admitindo é que quase toda tradição pernambucana de 40 anos vem das xilogravuras que faz com a mesma competência dos falfenses.

Aém dessas perseguições dos fiscais, os poetas são ameaçados pelas curvas da impressão. Jota Barros, por exemplo, abandona a tipografia por uma contadaria da Edifício Zargur, em São Paulo. Aqui em Teresina, é o inv-



aldo Vieira que presta serviços a Cunha Neto, Edvaldo Guerreiro, Juvenal Evangelista e muitos outros.

Mas o principal não da questão dos poetas populares, é a dificuldade encontrada para trabalhar livremente. Por isto diz Jota Barros: "falo aqui é o meu amor. Tomar isto de mim é mesmo que tomar o meu pão". E o Tico Macêdo acusa os fiscais dizendo: "estão cometendo um crime contra a cultura, contra as raízes e a memória do povo". Também lamenta o poeta Severino José: "Pra ser uma coisa do povo, os eruditos monopózam e o que existe por parte dos leigos é o preconceito". Tom de Lima diz: "confundem escritor de cordel com amadores de cultura". Este poeta fura também impunemente pelas fiscais, por esta razão afirma: "Caso eu volto a ser vítima das expulsões não ao presidente da República. Precisamos ir juntos a Montoro".

O problema que também atinge ao poeta de impressão faz com que escutemos o grito do vislumbre Ivanildo Vilanova que numa entrevista ao jornal O Povo, no Ceará, disse: "O governo não reconhece o cantador como cultura popular, nem como músico, nem como veículo de comunicação. Nós pagamos o INPS como autônomos, pela Ordem dos Músicos, por enquanto, porque já existe um movimento entre os mesmos para fazer esse direito" (18). Na mesma situação estão os cantadores Zé Maria Nascimento, Benoni Conrado e muitos outros.

Finalmente a grande problemática se acentua com os especialistas que riem originais de poesia popular. Neste sentido continua Ivanildo Vilanova, na sua declaração, arisanado os laivos impunes da poesia popular. Dentre eles Zé Ramalho, Gilberto Gil, Reginaldo Rossi e muitos outros (vide nota 20). O que fazer nessa situação? O poeta Joaquim Batista da Serra responde em jornal O Povo: "Nunca procurei ajuda do Governo, porque eu sou homem das feiras, dos sertões e das serrarias. Nasci, me criei e tenho vivido no meio da povo, o que é bastante para ser feliz. Se eu fizesse oportunitas, também poderia ter o meu retrato no lado do Presidente da República, de Dona Amália, de Elmo Serejo, porque eu sou bem conhe-

cido e muitos escritores de renome têm vindo me visitar aqui no Ceará (19)".

### Cordel está vivo

Esta é a realidade da poesia popular de Cordel no Brasil. Diante dessa realidade, com a experiência que me é peculiar junto aos poetas-cantadores vislumbrados, posso afirmar que a origem das poesias não morre quando a Literatura de Cordel é aniquilada. Neste sentido diz Jota Barros: "Eu não perdoo a chutada". A mesma opinião é que circula entre cantadores e cordelistas, entre telegrafistas, estudantes de matérias.

O estudioso Júlio Cesar Guinarrê Darras, da Escola de Comunicação da USP (julho de 1981) constatava a existência e vivacidade da Literatura de Cordel e assim se expressa: "A origem nordestina do Cordel existente hoje em todo o Brasil deve-se no fato de a população daquela região ter-se espalhado por todo o país e não pelo Cordel ter nascido lá" (20). Tudo isso significa que é muita coragem, no momento, falar-se de velório da Cultura Popular, especialmente da Literatura de Cordel.

O que acontece mesmo é que a poesia popular também foge atingido pelo desenvolvimento, pela televisão, pelo cinema, não podemos dizer apenas o direito de ser manipulado. Antes de tudo, é preciso reconhecer e reconhecer espacos para a articulação e crescimento cultural.

Tal posição ajudará, sem sombra de dúvida, ao renascimento do que "o Cordel está vivo" e que uma nova geração de poetas está a surgir em todo o país e não apenas no Nordeste. E, o mais importante, é a constatação de que o Cordel está mudando. Isto é bom! Surge, na verdade, um Cordel mais corajoso, mais agressivo e mais violento contra a repressão.

(17) Idem.

(18) JORNAL O POVO, Fortaleza, 15/01/80, pág. 23.

(19) JORNAL O POVO, Fortaleza, Caderno 1, 15/02/81, pág. 26.

(20) BOLETIM "NOTURNO", USP, n° 4, São Paulo, 1981.

# GERAIS

## Cultura e Esporte

A caracterização de um quadro onde o esporte e o lazer estão inseridos num contexto social de uma comunidade rural, evidencia-se através das variáveis, local e oportunidade, inserem-se nestas variáveis a iniciativa e a improvisação.

Oportunizar eventos esportivos em comunidades rurais, onde a carência de recursos é bem evidenciada, apresenta-se como uma tarefa difícil. Para isso os lideranças devem articular seus esforços no sentido de captarem as tendências da comunidade e promover a mobilização dos mesmos diversos segmentos para a prática de atividades esportivas, até que estas fragues da comunidade criem mecanismos capazes de auto estimular-se.

Evidentemente, ações mais sistematizadas precisam ser injetadas numa comunidade que tenta se organizar para ambientes esportivos que envolvam os maiores. E nesse ponto o programa Esporte Para Todos (EPT) no Piauí tem ultrapassado as expectativas, conseguindo adesões de pessoas, profissionais e entidades que são motivadas e informadas para cooperar.

A Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo, consciente do papel que lhe é ato na parte do esportes e contando com dificuldades para agilizar seu programa de atividades esportivas, devido a escassez de recursos, obriga-se a eleger prioridades e partir para uma verdadeira garimpagem de

recursos financeiros junto aos órgãos federais.

Neste sentido a Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo, mediante contato previamente estabelecido com o MEC, elaborou 17 (dezessete) projetos para construção de quadras esportivas em municípios carentes do interior piauiense, além de um projeto para financiamento e construção do Estádio de Futebol de Corrente, presentemente, em tramitação na SUDENE. Dos projetos elaborados, 12 (doze) já foram aprovados pela SEED/MEC e as Prefeituras dos Municípios agraciados já estão recebendo os recursos concedidos.

Edmar Rodrigues Júnior

## FATOS & NOTÍCIAS

### Coordenação de esportes

Por ato do Governador Hugo Nogueira foi criada a Coordenação de Esportes na estrutura da Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo, que ficará sob o comando do professor Walter Soares, Agente da Rede Esporte para Todos no Piauí. Em consequência, continuará com a Secretaria de Educação apenas as atividades relacionadas com o esporte escolar.

### Concurso sobre Lagoa do Portinho

Contando com 95 participantes, foram concluídos os trabalhos de julgamento do Concurso "Pontos Turísticos do Piauí", localizando a Lagoa do Portinho, em Parnaíba, promovido pela Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo.

Foram premiados os trabalhos de José Pinheiro de Carvalho Filho (música), Carlos Alberto Fontes (fotografia) e Rubervaldo Nascimento (poesia), não sendo atribuídos prêmios às outras três modalidades (desenho, pintura e prosa).

Participaram do julgamento: O. G. Rêgo de Carvalho, Ana Maria Pereira do Rêgo Monteiro, Carlos Evandro Carvalho Neto, Nerina Castelo Branco, Heloisa Cristina, Fátima Campus, Gustavo Almeida, Maria Amelia Ribeiro, Ortônio Monteiro Freire, Nelson Gonçalves Filho, Walda Leite, Alcide Filho e Dinayon Araújo.

### Concurso de contos

A Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo já divulgou o resultado do III Concurso de Contos "João Piauá", cujo julgamento esteve a cargo de comissão constituída por Ramón Ramos, William Palha Dias e João Luís Rocha do Nascimento, representando, respectivamente, a União Brasileira de Escritores, a Academia Piauiense de Letras e a União Piauiense de Escritores. O primeiro lugar coube a Ailton Sampaio ("O

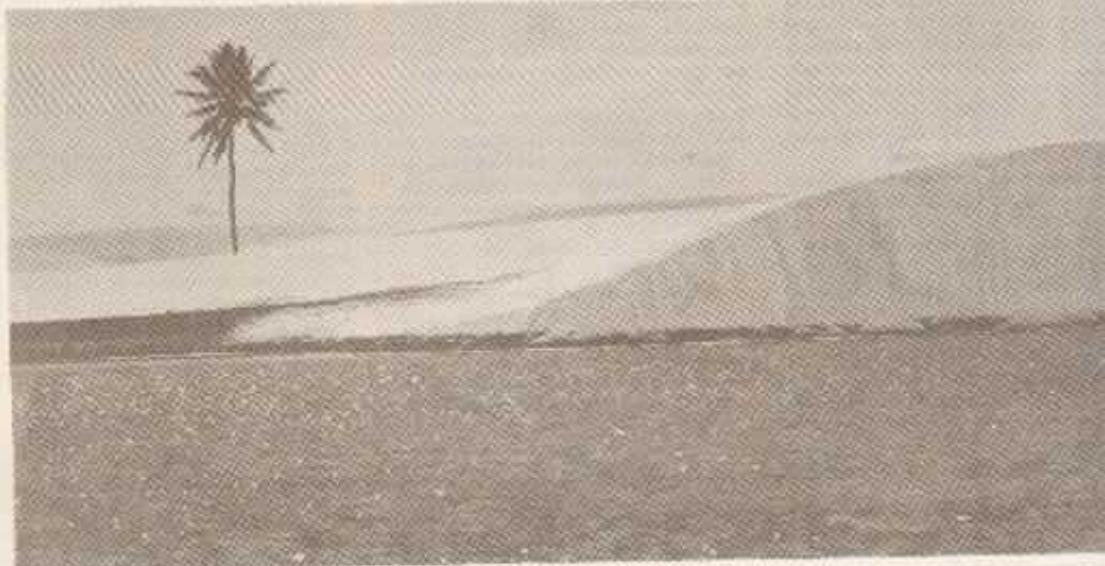
Repi da Répili"), ficando em segundo lugar Edmundo Moreira ("Pô de Pano") e, em terceiro, Antônio de Pádua Ribeiro dos Santos ("A Saia Branca"). O Concurso contou com a participação de 29 candidatos.

A comissão indicou ainda para publicação os seguintes contos: "Castor de Galo Vellu" (Magalhães da Costa), "Caêque de Cuiá" (Raimundo Fonseca Mendes), "Travesia Selvagem" (José Pereira Bezerra), "Caixi-

nha de Surpresa" (Manoel de M. Filho), "Juntando os Cacos do Espelho" (Francisco Miguel de Moura), "Bicho Doméstico" (Lázaro José da Silva), "Angustioso, angustinado" (Elias Paz e Silva), "Contato Inicial com a Luz" (Gregório Santiago) e "Madaleuza" (Austregésio de B. Silveira).

A entrega dos prêmios será feita solenemente em sessão marcada para o dia 14 de outubro.

# Concurso "Pontos Turísticos do Piauí" Lagoa do Portinho



Fotografia vencedora do Concurso "Pontos Turísticos do Piauí". Autor: Carlos Alberto Freire.

## LAGOA CRISTAL (\*)

Letra e Música:

José Pinheiro de Carvalho Filho

Vejo o sol nascer por trás das dunas é.  
E num sorriso amigo iluminar  
Águas cérula chumbo que encerram amor  
Aqui a dor não tem onde ficar

Carnaúbas dançam em fundo pano azul  
Velas riscam águas como giz  
Pássaros cintilam em asas de cristal  
A tarde alaranjada tinge o céu...

Vem conhecer / o Piauí  
Quem nunca viu / nunca parou pra sonhar  
Viver / refazer o caminho  
Lagoa do Portinho  
Mistérios / seu luar  
Encandescem / as retinas de quem / vislumbrar  
Fantasias começam  
Quando você chegar...

Encandescem / as retinas de quem / vislumbrar

Música vencedora do Concurso  
"Pontos Turísticos do Piauí"

## PONTINHO / PONTINHO / PORTÃO (\*)

Rubervam do Nascimento

Portinho  
água e luar  
regando plantios  
dentro da gente

Pontinho  
mergulho na menina  
dos olhos  
emergida na paisagem incompleta

Portão  
ahrindo o corpo  
(cobrando carícias)  
igual a uma manhã aberta ao mundo.

Poema vencedora  
do concurso "Pontos Turísticos do Piauí"

# CONTO

1º lugar do Concurso  
de Contos "João Pinheiro"

## O repto da réptil

Alton Sampaio Araújo

SIBILOI 1

a voraz vingança sagaz rasteja  
vem das origens, do caos.  
remotas eras  
templos imemoráveis:  
olhos imóveis

ure



**S**entou-se na cadeira de tranças e cores, esbaforido. Tirou a camisa. Torceu-lhe o suor. Suspirou, fundo. Jogou a camisa torcida ao chão, de mosaicos coloridos. Lentamente 2 a trouxa sumiu-se por sob a porta do quarto lateral à sala de visitas.

Sacolejou a Cabeça, apoiou os cotovelos nas pernas tensas, passou as mãos pelo rosto adunco, de baixo para cima, enfiando, em cima, os dedos nos cabelos, que se assanharam, entroscaram-se. A cabeça doía mas sabia, é dolorosamente, que havia coisas estranhas se entranhando: ou o rebuliço que retocava Veredas 4 eram travessuras da imaginação? Consciência tinha, 5 sim, tinha, da visão: a cidade em ser pentes 6 lépidos — juncas nas mãos e botas nos pés.

As mãos retiradas da nuca, os olhos foram de novo ao chão — e os pés se suspenderam: viboras, serpentes, cobras coloridas, dos mosaicos movem-se, desinibidamente zigzagueantes, acercam-se da cadeira, situam em repto o corpo contrairdo que, medomotriz, força a força, e flutua, e feito levar, a salvo, vê-las retornarem aos mosaicos, que recromatizam-se aos poucos com cores que, por instantes, dançam-se retorcem-se construindo aglomerados tons agitados que se vão acalmando, acalmando... Vermelho, preto, branco, amarelo. 6 Pisa no pisobbb! 7

Enram armados até nos dentes, vasculham os cantos suspeitos, cumprim a devassa palmo a palmo, balanceiam negativamente a cabeça, as botas na soleira da porta:

— Não...

Voltam-se à voz vacilante

— Elas saíram daqui... dos mosaicos.

Olham-se rápido uns para os outros. Um dá dois passos, agarra-se, a faca entre os mosaicos...

— Não.

A voz de cima sobre os olhos do homem agachado:

— Elas saíram de dentro dos mosaicos. 8

Retira as mãos em concha dos ouvidos. As gargalhadas, tétricas, antigas, remotas, se esvaem paulatinamente — confuso e descrente eco. Olha em torno. Silêncio absoluto.

— Lili!

Os pés sobre os mosaicos, a cabeça erguida:

— Lili!

Onde diabos se meteu essa mulher?

— Lili!

As veias do pescoço amea-

çam romper-se.

— Lili!

*Chiados, chiados* no silêncio de masmorra, *chiados*. Rumor sutil de quem anda leve entre gravetos. Estremece. A tesra borbulha. Inda assim acuça os ouvidos. Indubitável: algo se arrasta, *vem vindo, vem vindo, ch, ch, chh, chhh, chhhh*, o salto às alturas se engendra mas uma lembrança porém lhe sustém o gesto: Lili andava assim: os chinudos pelo chão, *ch, ch, ch, vai ver era ela quem vinha, quem vinha, quem vinha*.

— Que é isso, seu Aguilar?

No espanto de Expedita<sup>9</sup> o outro espanto se espelha: quase agachado, pernas, joelhos e braços em preparo de pulo.

— De que ri, *negra*?

Expedita foge do riso para a cozinha, céleste. Aqui, de estrelinhas coroada, capta ainda os resíduos das bofetadas no rosto

tostach, uma, duas, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove.

— Negra!

Suspira, fundo. O advento da noite, a macumba, os baticuns... Suspira, fundo. Ah, dançar em círculos, baiar, baiar, baiar, que bom! que bom! que bom!

— Dona Lili, a senhora, serelepe!

— E a tua raça. A energia que se libera da terra quando a terra gira em torno da terra que gira em torno do sol da terra em torno da terra em torno do sol!

— Mas a senhora deve de ter cuidado. Se o seu Aguilar...

— Não comprisei as ordens dele. Naja.

Expedira-se empinada incontinenti. E toda ira, descontrolada ira, o pescoco inumescido, a cabeça em coifa. Chispas queimam as faces de Lili.

— Perdão. Foi imprudência, dix, socobrada, sem sangue.

Dia seguinte a casa alvorece sem Expedira.

— Te afasta dela!

Cabeça baixa, afonia, braços caídos ao longo do corpo encalhido, os dedos trançados nas mãos. Tudo bem. Assim sim. Agora, porém, após meia hora de olhares duros comprehende a meia hora de olhares duros.

Não se preocupem; minha mulher não se meterá nisso.

A casa, de farrapos arames-cerrada, de fôsso fundo cercada, a porta frontal — nove cadeados, a janela, a ela lateral, fechada como a porta dos fundos que não era mais porta: tijolos sobre tijolos. Masmorra. Inexpugnável?

— Conhece?

A fita gira e à medida que gira Aguilar se contrai, se curva, se ira, perplexo, passmo, 12 co mo ela conseguia soar? Culpa dos sentinelas, mixurucas' chafins' merdas! Clique. Silêncio. A fita pula do gravador, páramos dáltons que concentraram as intenções. Jorge Guerreiro:

— Ela não sabia: eles gravam as denúncias e nos remetem as fitas, com certas vozes interessantes. Ingênuas, não?

— Ingênuas ou não, eu vou esmagar ela!

— Espere! Assim, tirando o pescoco assim, e mata é galinha. Tua mulher merece morte melhor.

Na casa cerrada, correntes se arrastam. Os calcândares de Lili sangram, a pele esfolada expõe

nervos latejantes. Fora, Cora, obesa, revólveres no passo, se entrelinha, desliza furtivamente por entre as frestas disponíveis. Fora, só tão e portão na Prefeitura<sup>15</sup>, de presos prenhes. Intermingladas, as caças escalam, escalam que é um horror. Caminhões zarpam abarrotados de sangue, sangue quente, dia sim dia não dia sim dia não. Até que: uma emboscada, duas, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove:

— 9 feridos, 9 mortos, 9 milhares de prejuízo. Não podemos aguentar tanto prejuízo.

Todas as cabeças gesticulam que sim, que não podiam mais suportar tanto prejuízo. Depois, todas as cabeças se fixam em Aguilar, em quem se havia fixado Jorge Guerreiro:

— Esta aqui, esta bem aqui (o dedo, cabelado se puxa, tremulo, sobre uma figura magra, de vestido parece que púrpura), é ou não é tua mulher?

Aguilar apurou a vista. A foto estava embaciada, mas com esforço dava para ver três mulheres se arrastando pelo chão, carabinhas entre os omníbros. A da direita era gorda, a da esquerda era negra; a do meio, sem dúvida, era Lili. Crispa os lábios e cerrá os punhos que parece que vai implodir.

— Calma. Estas coisas, com essas pessoas, não se resolvem dessa forma. Eerto crasso.

Os olhares, um a um, se fixam no homenzinho<sup>16</sup> da outra cabeciceira. Da sua boca de rapina saem só duas palavras que, ditas mastigadas, ditas aos poucos, são palavras de ordem: *in te ir gen cui frí e za*. A muito custo Ambrê evitou que os seus olhos direitos e esquerdo se movessem independentemente um do outro.

Lili estava muito magra. Osso. Bem que podia comer aquelas frutas e verduras sobre a mesa, atenuar a fome imposta. Não conseguia. Se fosse um naco de carne, ovos... Aguilar ciêniuca tinha disso, que ela era carnívora.

— Você só come carne?

Sim. Ecos, 17

Por isso que de carne só lhe chegava um cheiro proposital. Por isso que tinha de contentar-se com os insetos capturados pelo arremesso certeiro da língua bifurcada, arranhados à morte por par de olhos fixos, fulminantes, implacáveis: *sem pulpe brax*. 18

Da invasão dos répteis sou-

bera a língua e solo. A população, em pânico, se pusera. Cada passo, cada mexer-se, uma cobra se ousava. E, subita como subita surgira, batia em retarda, retorcendo o corpo delgado. Terror. Os silvos, o farfalho, os cantos obscuros. Terror. Batalhões de combate se iramaram, paus e botas se doaram, notícias de mordidas mortais se espalharam. Terror. Cora morreu medonha morte irrepercussa, a cabeça e as costas de pauladas achadas. Terror. Sotais e portas, de rebeldias repletas. Terror. Entanto as cobras, verídicas, oloridas, brancas, pretas, listradas, verdes, os olhos, os olhos, os olhos, medo metido no profundo da mente. Terror. Desde que? E causa que, só se arrastam, se rasgam, se calcadas ser podiam, podem? Mistério. De anacrônica chave. Mistério. Que uma peçonhenta havia, a mais sagaz, a mais voraz, quicô a líder, a Ptd, a que um guri chamou Phil. Mistério. Terror.

Aguilar carecia de explorar urgentemente o momento. Recebera a ordem entre triste e alegre. Não lhe era desagradável punir aquela mulher vez por todas, porém sabia que sentiria imensa falta de cigarrear-lhe os scios, alfinetar-lhe as unhas... de arrancar-lhe o olho hoje, o outro amanhã, assim, assim, assim... Mas ordem era ordem.

— Anda.

Lili o encarou com as órbitas secas. Aguilar tremeu. Seis garotas a empurraram para o quarto lateral à sala de visitas. O guarda-roupa estava deslocado do lugar habitual, e a parede antes por ele encoberta se expunha, espessa e concava. Os seus ossos atinham com o suplício. Foi metida truculentamente no bucho vertical e, durante nove dias, ouviu os tijolos se sobrepondo, se sobrepondo, um após outro, um após outro, um após outro.

Aguilar sacoleja a cabeça. Real? Irreal?

— Lili!

— Lili!

— Lili!

Sacoleja a cabeça. Empurra a porta do quarto, que ranger. Urge tomar um banho, expulsar o suor, expelir alucinações. Da a volta na chave do guarda-roupa e endereça a mão para uma camisa, uma bermuda, um cinto e

eis o golpe, em cheio, preciso, contundente, no dorso da mão de curta memória.

Terapêutico turvo e duplo desloca um objeto da direita para a esquerda, da esquerda para a direita, da direita para a esquerda, da esquerda para a direita, devagarinho, devagarinho. Devagarinho, a cabeça de Aguilar segue o objeto, da direita para a esquerda, da esquerda para a direita, da direita para a esquerda, da esquerda para a direita, devagarinho, as pálpebras quase cerradas, rugas horizontais na testa franzida. 19

- 1 Panfleto mudo e noturno arrastado pelas aranhas turfe, pilhas de rodas de baralhos de sombras dos muros.
- 2 Lamentante
- 3 Saino?
- 4 Delgada cidade de sinuosas ruas

5 Tinha?

6 Em lâminas dispostas

7 O urro canta carancaia à casa

8 A frase escapa a muito custo por entre dentes cerrados e lábios apertados do homem agitado. A casa fica abruptamente vazia.

9 Os olhos arregalados, a mão direita sobre a boca duodenada.

10 Dia isso (degostosamente) girando ao mesmo tempo em torno de si mesma e de Expedito.

11 "Tua malha relação Coca" Um amigo.

12 A boca meio aberta e os olhos fora das órbitas.

13 A frase escapa, a custo, por entre os dentes cerrados e os lábios apertados.

14 Um gesto de mão no ar — sinal médico no anular, o símbolo da profissão burlando os verdes.

15 Rua da Faz. 9.

16 Catão.

17 Diálogo de danças ditas

18 Aguilar abriu a enxalagem, gilete.

Gibou-a contra a lata. Sorría. Esfre-

gueu as mãos uma na outra. Sorría. Três passos. Face a face. Sorría. Tomou da língua de Lili, sujada, e, desagradável, devagarinho, cortou-a ao meio, a sangue frio. Depois sentou-se diante à mulher acoentada. Deu um tempo, nova lâmina na mão. Ergueu-se excedendo, puxou primeiro a pálpebra esquerda e, lentamente, friamente, curvou-a. Sentou-se, radiante. Deu outro tempo, outra lâmina na mão, à altura do olho. Levantou-se, cônforo, segurou a pálpebra intata e a foi cortando, cortando, friamente, lentamente. Lili enjigava contorcindo-se.

19 "O Dr. Aguilar Falcão foi encontrado morto nos seus aposentos, em circunstâncias misteriosas. Enquanto o governo de Veredas, após negar por nove dias a morte de seu importante membro, divulgou agora a tese de suicídio, o Comitê de Organização da Rebelião Armada de Libertação reivindica para si, em missões panfletos mimeografados, a autoria do assassinato." Jornal do Brasil, 13.12.60, p. 5.

## FATOS & NOTÍCIAS

# Pixinguinha: A vez da prata da casa

**P**romovido pela FUNARTE com apoio da Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo, Fundação Cultural do Piauí, Banco do Estado do Piauí, Prefeitura Municipal de Teresina e Luxor Hotel, encerrou-se dia 25 de setembro a apresentação do Projeto Pixinguinha em Teresina, iniciada em 13 de agosto, sob a coordenação local de Luiza Vitoria Tairi.

Durante seis finais de semana (sábado e domingo), conhecidos nomes da música popular brasileira se apresentaram no Theatro 4 de Setembro (Germelha Alves, Oscarlino da Arcádia, Geraldo Arcevedo, Eliane Esteves, Teófilo Espíndola, Abílio Soárez, Maria Almeida, Moreira da Silva, Sérgio Ricardo, Premeditando o Breque,

Sebastião Tapajós, Céu da Boca, Beth Carvalho, Grupo Fimbi do Quintal e Nelson Sargent), atingindo um público estimado em 7.000 pessoas.

A grande inovação do Pixinguinha/83 foi a incorporação de artistas locais nas apresentações sob a coordenação da Diretora da DAC, Maria Helena Ruião para cumprir a Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo e a Fundação Cultural do Piauí não mediram esforços, seja estimulando a participação, seja arrendando com a Ámiz material desta.

E o resultado não poderia ser mais compensador, ou que os grupos locais deram uma eloquente demonstração de maturidade artística, polo nível de suas produções e pelo seu excelente desempenho no palco de massa, mais

importante rasa da experiência, merecendo, por isso mesmo, os aplausos do público.

Participaram do Pixinguinha/83 os seguintes grupos e artistas locais: Rubens Miranda, Geraldo Brito, Solange Leal, Grupo Goiabeira, Lazar, Maria da Inglaterra, Jesus e Kílian, George Mendes, Nelson, Laurence França, Franci Monte e Missarte.

Segundo o Secretário Jesualdo Calvano, da Cultura, Desportos e Turismo e Presidente da Fundação Cultural do Piauí, a presença desses artistas no Pixinguinha/83 abriu novas perspectivas para a música piauiense e atesta o empenho de sua Secretaria no sentido de valorizar o artista local, uma das principais diretrizes de sua gestão.

## ESPORTE PARA TODOS.

**P**ensando a filosofia, a ideologia e metodologia do Esporte para Todos, o Estado do Piauí vem desenvolvendo um trabalho de grande dimensão social, onde desperta nas comunidades a auto-dramatização do seu potencial, visando a busca

da conscientização em relação aos valores promovidos pela Declaração do EPT, principalmente: 1) preservação da saúde, através de atividades físicas não formais e de informais; 2) cívica, através de culto aos vultos históricos e símbolos brasileiros, respeito às instituições e a valorização do ho-

mem como parte integrante da sociedade, valorização da família e unidade nacional; 3) valorização da comunidade, oferecendo-lhe oportunidades de criação, recreação e recriação e outros.

Walter Soares

# FATOS & NOTÍCIAS

## **Secretário participa da reunião da Sudene**

A 279ª Reunião Ordinária do Conselho Deliberativo da SUDENE, realizada dia 30, contou entre seus convidados com o Secretário de Cultura, Desporto e Turismo, Dep. Jessé da Cavalcanti Barros, que por indicação do Secretário da Cultura do MEC, Dr. Marcos Vilaga, impedido de comparecer, o substituiu.



SECRETÁRIO JESÉ DA CAVALCANTI BARROS

## **Bar Carnaúba**

Está previsto para o próximo dia 5 de outubro, na sede da Academia Paraense de Letras, o lançamento do livro BAR CARNAÚBA, de autoria do escritor Francisco Miguel de Moura, membro do Conselho Editorial de PRESENÇA.

## **Petrônio Portella Depoimentos à História**

Com o apoio do Governador Hugo Napoleão, a Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo patrocina a edição do livro PETRÔNIO PORTELLA: Depoimentos à História, de escritor Osvaldo Lemos, que reúne artigos e discursos vertentes sobre a personalidade e a atuação política do falecido Ministro. O prejuízo de venda do livro reverte em favor da Sociedade Paraense de Combate ao Câncer.

## **Semana Cultural em Brasília**



Cas. Hugo Napoleão, Secretário; Josévaldo Cavalcanti e o Col. Afonso Heitor dos Santos

No período de 7 a 11 de julho, a Secretaria de Cultura, Desporto e Turismo realizou no Memorial JK, com grande sucesso, a Semana Cultural do Piauí em Brasília, constando de palestra do professor Antônio José Filho, exposição de artes plásticas, artesanato, livros de literatura piauiense e salões de audiovisual.

Expondo suas obras no Memorial, como excelente montagem de ambientador Olálio Fortes, os artistas plásticos Pintor Castelo Branco (participação especial), Dora Farrel, Frei Ramus, Yatuma Campos, Horsyano, Helisa Crisius, Demir Pessuti, Nonato Oliveira, Mestre Espedito, Mestre Beixinha, Geralda, Pan-

cos, Edmar, Júnior, Dino, Leil, Otávio e Bernadus.

Os trabalhos foram coordenados pela Subsecretaria de Cultura, Jéssica Monteiro, que contou em sua equipe com Assessores de Planejamento da Secretaria, José Elias Arão Leão, a Diretora da DAC, M.ª Helena Ruião e os artistas plásticos Dora Farrel, Nonato Oliveira e Horsyano.

A abertura foi feita pelo Governador Hugo Napoleão, ao lado da Secretária Jessévaldo Cavalcanti e do exerce Alfonso Heitor dos Santos, Secretário Geral do Memorial JK.

O apoio logístico em Brasília à realização da Semana foi dado pelo ERG-O-PI, a frente a Secretário João Saldanha.

# MÚSICA

O IMPORTANTE SÃO  
AS PESSOAS OU  
VA EMBORA FAÇA  
SUCESSO VOLTE  
E ENCHA O TEATRO OU  
CADÊ A RESSONÂNCIA  
DE NOSSA MÚSICA?

Viriato Campelo



Melodramas em Brasília, ano 81.

m pleno 81, Eu e o Rubens Lima pegávamos um bus em Ribeirão Preto, eu vindo de Sampa, e rumávamos em direção ao planalto central do Brasil para encontrar a turma que lá estava para uma turnê — era o show de George Mendes e Paulo Batista: Sensatez. Compramos o jornal e fomos a Torre de Brasília à procura dos bodes. Não encontramos, encontramos Débora Melo que nos passou tudo. À noite, depois de ter acontecido no Belarute, chegávamos a sala Funarte, com lindas rosas vermelhas para os meninos, não deu outra — uma verdadeira algazarra tomou conta da sala e o show foi uma verdadeira loucura, ou melhor dizendo — foi massa! No dia seguinte, todos os jornais de Brasília abriram suas páginas para o evento e falaram maravilha do trabalho de George, Paulo, Geraldo, Laurence, Fernando Holanda, todos os músicos, exigindo que voltássemos logo: Brasília é de vocês!

Tanto na ida como na volta, Eu e Rubens, conversávamos sobre duas grandes pessoas: Augusto de Campos e Caetano Veloso — sobre o poema Pulsar e o disco Outras Palavras — observando até onde estas duas preciosidades conseguiram alcançar e a que isto estaria ligado — quais seriam os determinantes que favoreciam o aparecimento ou desaparecimento de pessoas tão maravilhosas. Acabávamos de sacudir com o planalto e porque não sacudir com o Brasil? Tempos depois um amigo de Augusto me dizia que era o ofício de ser poeta que elevava tanto ele, e recentemente Caetano Veloso lançou um disco com o nome Una, onde canta Una tão belos, Una tão assim.

Quando a cantora Simone esteve aqui pela primeira vez, Eu, Geraldo, Cruz Neto, Paulo Batista, Heloisa, Arimatã fomos lá no hotel para um bate-papo sobre música, gravadora e sucesso. Mas ela dizia assim: "quem tem talento, gravadora nenhuma recusa." Caetano Veloso folhou recentemente em entrevista à Folha de São Paulo a mesma coisa: "quem tem talento, tem espaço". Conversamos aqui não só Simone, mas com boa parte da melhor MPB, de Lucinha Turnball a Wagner Tiso; de Lula Gonzaga a Gilberto Gil, Alceu Valença a Rubão Sabino, discutimos, sugerimos, fomos aconselhados,

recebermos convite. E ai? O que impede de romper o cordão da isolamento?

Quer dizer: de Nortristerina ao disco Fruto Proibido foi uma sequência normal da nossa música, e digo mais — tanto a imprensa como a população reagiram de forma satisfatória a estas manifestações que tinham caráter progressista, todos vieram nos procurar, me lembro que logo após os shows do Grupo Calçada, tanto do Clárldade como do Fruto da Terra, éramos procurados insistenteamente por pessoas nas ruas, nos bares, na coroa, em qualquer lugar que íamos, sempre e sempre as pes-

soas querendo saber mais; no show Fruto da Terra que foi primeira página de jornal e com 17 notícias em um mesmo dia, da coluna social ao editorial só poderia fazer com que as pessoas percebessem que se fazia um bom trabalho, a TV também dando a melhor cobertura — resultado: todos ao Teatro. Conheci show muito bem estruturado como foi o Quintal, de Cruz Neto, transmitindo aquilo que ele realmente queria, um cenário móvel e lindo de Heloisa Cristina. O show Cerol na Linha (Edvaldo Nascimento), um nome realmente poético, com o melhor cartaz produzido por aqui (Ar-

naldo Albuquerque), encheu o teatro em suas apresentações, como também nas apresentações do Varanda e do Candeia. Para não falar nos antigos festivais de 73 a 76 que realmente mexeram com a trupe. Se já conseguimos 20.000,00 em 74 para ir a Londrina e de passagens de avião para ir a Brasília com todos os músicos pagos, como já existe música gravada do grupo Varanda e do Candeia, participação do MPB-SHELL. Som Brasil, acontecerá por aí, o que falta?

Engraçado que esta fase aqui em Teresina coincidiu exatamente com a época em que foram produzidas lindas festas na casa do dr. Noronha, na minha, na casa de Geraldo Brito, na do Capitão Tomaz, na casa de Pierri, e em tantas outras que aconteciam de relâmpago e que eram maravilhosas, terminávamos na Maria Tijubina ou na coroa do Parnaíba. Estas festas eram verdadeiros espetáculos culturais, existia um despidoramento por parte de todos, com muita alegria e muita energia, havia uma verdadeira preparação espiritual para estas festas, chuva/suor/cerveja, o carnaval era ali, eram festas como espetáculos que se realizam num teatro, e que até hoje rolam especulações em torno delas, como os shows que se realizavam também na época, uma fita destes shows era verdadeira pirataria e quem a tinha guardava debaixo de sete chaves. Toda esta geração, ou boa parte dela, começou a transitar isto por volta de 1974 no segundo festival de música da FUFLPI, antes disso tinha havido um show litero-teatral-musical Udigridi, comandado por parte de pessoas que moravam aqui e outra parte formada por pessoas que moravam fora, mas a nossa era formada por pessoas da terra, exceto, é claro: Pierri, mesmo assim com informações recebidas por aqui. Era das principais, pois nesse tempo, ninguém mais por aqui para conseguir fazer a síntese do que tinha de melhor: Chacal, Maciel, Torquato, Cassiano Ricardo, Oswaldo de Andrade, Jorge Salomão, Carlos Drummond, Manuel Bandeira com músicas nossas e um espetáculo tão forte que só permitiu duas apresentações: uma em Londrina — ninguém esquecerá o que aconteceu após aquela apresentação, a cidade foi nossa! Que o diga Ricardo Grava Albim e a outra, no Liceu Piaulense, onde

Luis Melodia é de quilate internacional, o nível dele é cósmico. Vejam vocês que ele tem dificuldade de gravar, mas isso não vem ao caso, nem mesmo a babáquice do Sérgio Cabral contra sua ímpar poesia; ele pertence a outras constelações, para não falar em Gil, Tim, Itamar, Adoniran, Caymmi, Clementina, Jorge Ben, Elza Soares, e tantos e tantos. Dentro do trabalho de Itamar existe um grupo "Lira Paulistana" que administra a arte independente de São Paulo e alguns pontos do país, e que a cada dia que passa, ocupa mais espaço, e hoje não acontece nada em arte em sampa que o Lira não esteja no meio. Mais recentemente, foi convidada a assumir a direção artística da Continental e por aí vão, ocupando espaços de quem tem talento está indo cada vez mais longe, não é preciso falar em Telê Spindola, Grupo Rumo, Arrigo e tantos outros que nasceram da mesma safra, como foi o caso da passada: Caetano, Chico, Milton, Paulinho da Viola, Gil, Jorge Ben. Observa-se que há um entrosamento entre os participantes, fortalecendo o grupo, ao ponto de um artista dar força ao trabalho do outro e vice-versa, todos empenhados em gerar novas vozes, novas cores, novas forças e até fazer frente à Globo, porque quem tem talento está acima. Dusek resolveu desbocchar da Globo, porque em pleno festival nacional cantou uma música que não estava no script e sim uma programada por ele para o delírio do público ligado ao vídeo — claramente Pirou os computadores, os jurados, e tudo mais. Temos que ver este pessoal; começou junto com a gente, pela mesma época, 74, e hoje está correndo pelo Brasil os primeiros frutos desta nova geração.

Não conheço nenhum trabalho de arte de algum artista ou de algum grupo que tenta alcançando glória sem antes não ter lutado contra um cerco montado para manter os que estão, e isto está certo, quem sabe, sabe, quem não sabe, sobra, pois este papo de mão beijada é outra conversa, e algum trabalho para se solidificar é preciso conseguir ultrapassar altas temperaturas. Entre nós também há esta trajetória de luta para manter um padrão de qualidade, apesar de muitos contra, contra esta trajetória. Senão vejamos: Nostris resina teve que vencer muitas

não deu para quem quis. Depois houve uma implosão e explosão.

Certa vez fomos a Parnaíba, para uma apresentação de um show de George Mendes e Paulo Batista. Encaramos a coisa como um empreendimento, lá ficamos durante cinco dias e realmente acontecemos, ao ponto de sermos ciceroneados durante o tempo todo por pessoas que não passavam um minuto sem a nossa presença. Praia, colônia do lapec, 1º lugar no festival da Parnaíba, com Agatha interpretada lindamente e única por Pituba, água de coco, peixes, camarões, o próprio calor da cidade — me lembro que Geraldo deu uma canja e considerou este seu melhor show. O astral era tão alto, que não permitiu que nada de ruim nos acontecesse.

Volto a me lembrar de uma coisa que me impressionou bastante e que durou apenas quatro minutos — aparição de Itamar Assumpção no festival de música Shell da rede Globo — Itamar apareceu vestido de preto com duas atrizes-cantoras e uma pequena banda, conseguindo efeitos de TV só comparados também aos de Décio Pignatari no aniversário da Semana de Arte Moderna (60 anos), para isso sou eu que Itamar levou seu câmeraman e seu técnico de som para fazer frente à qualidade técnica da Globo — não deu outra — arrasou! Seu mais recente LP As Próprias Custas, é excelente, veio de Adoniran Barbosa a Wally Salomão, de Arrigo Barnabé a Irene Portella, passa por Getúlio Cortes, mais seu repertório, tudo isso mexido e mostrado com uma dose de humor mas como uma navalha que vai cortando cada nota musical. A Globo como não sabia classificá-lo, classificou-o como Pesquisador musical. Tentam de toda forma aquacarar o trabalho dos outros, para deglutiir mais facilmente. Acontece que o artista tem de ser superior a tudo isto e ir em frente a toda esta situação. O artista não pode ficar ali parado esperando que caia alguma coisa do céu, ele se move em outra direção e outra dimensão e não pode permitir que pessoas menos escaladas possam ocupar este espaço. Temos que ver que nós somos uma nação, e não podemos ficar à mercê de outros. A nação negra é maravilhosa! Não existe no momento nenhuma música mais importante do que a negra do Brasil, como aliás sempre foi.

críticas e barreiras para chegar até Londrina. Foi um verdadeiro cerco, em torno daqueles que faziam o trabalho, ao ponto de alguns professores da UFPI reclamarem que nunca tinham recebido tal quantia em dinheiro para modernizarem suas disciplinas, saia pela boca pequena muita conversa contra as pessoas e o show foi tão forte que não adiantou nada disso, tudo superado, mas também não permitimos interferência de pessoas negativas que queriam participar do espetáculo. Com o Fruto da Terra foi a mesma coisa, todo mundo dizendo que não ia dar certo, porque não tem quem não ia participar, outros achavam determinada pessoa chata e por isso mesmo ia estragar tudo, outros dando palpites e procurando jogar uns contra os outros, outros dificultando até a paula do 4 de Setembro, marcando outro espetáculo no mesmo dia, fizeram tudo para que não acontecesse, mas nada adiantou e hoje, seis anos após, eu não conheço nenhum show que foi mais bem receptivo pelas pessoas e mais bem estruturado e realizado em Teresina — todos deixam a desejar e para ir mais longe eu vejo uma regressão. Este papo de atribuir à crise a não realização de arte é conversa fiada, uma coisa não é consequência da outra. Com respeito ao artista da terra, fizemos um manifesto (Eu, Rubens e Fábio) contra a estrutura estadual da cultura, que relega o ator amador a terceiro plano, quando na realidade é nela que se deve investir. Tudo porque durante o festival de teatro amador marcaram para a mesma data as apresentações de Derci Gonçalves, sem a permissão prévia da Fetapi. Houve uma mobilização da classe artística contra esta estrutura e não permitimos que a sequência natural do festival fosse interrompida e nesse dia a peça a ser apresentada foi de uma energia tão forte que superou as entraves dela própria. Não adianta ficar como baratas tontas, como foi feito recentemente com relação ao Almir e ao Tatá, nem a própria classe estava unida em torno da questão. Outro fato: 1º Projeto Torquato Neto; houve uma movimentação na categoria, porque com a desclassificação de Geraldo Brito que apresentava o show Relativamente Louco, sob a alegação de que o rapaz estava colonizando a província com mui-

cas eletrificadas demais ao gosto de nossos ouvintes, resolveram escutar, na "opinião deles", o que existe de mais ligado a nossas raízes, então nos reunimos e lançamos um manifesto não contra a desclassificação de Geraldo e sim contra toda a ordem vigente em relação à arte num Estado pobre como é o Piauí — resultado: Peubaú é o biscoito fino. Ocupamos o teatro duas vezes apenas, mas o alvorço na triste Teresina foi o maior, todos discutindo, dando opiniões, tentando malhar, afilar, e tudo o mais. Mas enquanto o manifesto recebia adesões e era publicado na capital federal com destaque e ao mesmo tempo convidados a ir ao Planalto para brilhar mais uma vez, os outros ficavam por aqui a engolir mosquitos. Teve mais: fomos cercados e vistoriados em pleno Escândalo, culminando com a prisão injusta do músico Duda Couto, como na Nordestelegria foi pedido explicações a Emilio Terraza. O mais interessante é que o teatrólogo Aci Campelo ficou contra o manifesto por achar melhor manter a conciliação com o poder vigente e tentar daí ocupar pelas brechas. Acontece que a coisa não é bem assim; é — De Olho Na Festa — vejam que este rapaz escreveu o perfil do Teatro Piauiense com esta visão. Pior ainda, são aqueles que não tiveram na época pique para escrever alguma coisa e muito tempo depois vir a público cobrar posições de luta aos Hellotropistas Positivos, quando na realidade nós já tínhamos produzido o "biscoito fino". Os técnicos da Cepro riram do manifesto, mas como eles pesquisam jamais irão entender aquilo lá, é bem diferente e mais profundo do que as pesquisas lá produzidas. Não perdemos a oportunidade e visitamos mais uma vez o poeta. No 2º Projeto Torquato Neto, foi a mesma coisa: Eu e George Mendes para realizar a Torquatália, tivemos que receber críticas do tipo de que uma viagem dos grupos aos bairros da cidade era mais importante, quando na realidade o pessoal no 4 de Setembro com tudo em cima não consegue. Imaginem no Poty e no Parque. Acontece que o pessoal não se toca e não sabe o que significa lançar um livro de Torquato Neto em nível nacional na nossa casa, e ainda por cima, a disposição de todos: Wally, Cícero, Cacaso, Oscar Ramos, Benedito

Nunes e Ana Maria. Uma verdadeira omissão das pessoas e dos artistas, de pessoas ativas, interessadas, todos ausentes espiritualmente, não suportam conviver com tantas estrelas. Como disse Geraldo Brito: "Sempre que algo positivo está acontecendo surge algo para antepor". Acho que sempre será assim e deve ser sempre assim, quem brilha sempre estará refletindo e esta luz às vezes incomoda as pessoas que vivem no escuro. Durante os debates, Cinéas Santos e Paulo Machado ficaram espantados porque foram convidados a debater com os visitantes.

O que ainda podemos fazer. Tudo. Precisamos de mais gente enfocada e informada sobre MPB, sobre questão da indústria cultural num país dependente culturalmente e economicamente, sobre o Brasil e tecnologia. Para acontecer é debaixo de muita batalha, muito amor e muito humor. Deixar esta loucura só porque saliu na lista dos "dez pais" de não falar com os outros; só porque um grupo é tídio como "mandioca" ficar o grupo todo de cara fechada. Tudo é muito delicado, certinho, precisamos quebrar o ritmo das coisas velhas e ver de maneira nova, revigorada e com mais impulso. Numa sociedade como a nossa em que fazer cultura é tido como passatempo, então devemos ir à luta. Quer dizer, nem a pobreza da Jamaica e a força da colonização impediram o brilho de Bob Marley e o reggae, nem o caos dos anos sessenta impediram que Glauber Rocha tornasse um dos maiores cineastas do mundo. Perguntam quem foram? Tiveram que comer o pão que o Diabo amassou, nada de concessões na maneira de criar, se puxar da faca tem de sangrar. Muita malandragem e esperteza, o que aconteceu com o Femip mostra o contrário: os músicos pagaram para fazer o espetáculo e ainda por cima ficaram satisfeitos e felizes, quando devia ter feito um verdadeiro rebuliço. Tudo patrocinado e com ingressos caríssimos, ainda por cima tudo completamente desorganizado e apelativo. Nada justifica a não resonância de nossa música no cenário verde-amarelo. Não foi por falta de participação do Estado, nem mesmo da Secretaria de Cultura, do público. Nada. "Nenhum círculo é vicioso ao ponto de impossibilitar o aparecimento do verde", o importante

são as pessoas. Quem é estrela sempre brilhará! Subdesenvolvimento mental é pior do que subdesenvolvimento econômico. Ir à luta. Senão é a velha ladainha: não consigo fazer nada. O trabalho precisa ter constância, para superar os atropelos. No nosso meio, eu considero os trabalhos mais consistentes os de Maria da Inglaterra e Pierri Baiano. São trabalhos vindos "de baixo do barro do chão". Xote do Peru rodou e João da Cruz são as melhores músicas produzidas por aqui. Todos vão buscar inspiração na fonte, nada de tristeza ou ressentimentos. Tudo com muita

vontade de superar a si mesmo. "Para ver o mundo só custa mesmo os olhos da cara" em João da Cruz e "Coltada de minha sina malvado do avião" em Xote do Peru Rodou. Mostram a inspiração. "Raguei o muro e pulei a página / pra sentir você" em João da Cruz e "Borboleta na parede é sinal de casamento / e as meninas desta terra / são todas de apartamento" em Xote do Peru Rodou. "Quero te encontrar para me acender de luz" em João da Cruz e "As meninas desta terra querem o meu amor" em Xote do Peru Rodou. São músicas que ressoam em qualquer lugar e são daqui — há uma

identidade, pode ser cantada como reggae, baião, trio elétrico, mas é daqui. Precisamos aprender a lição de Milton — "Não pergunte mais donde vai dar a estrada". Acortar e Brilhar. Estamos vivendo muito de recordação e lembranças quando na realidade a única coisa q' e temos, numa retrospectiva rápida, é o disco do FMPBEPI com a presença de Aíssis Davis e a presença genial de Rosinha Lobo no cenário musical brasileiro.

P.S. O melhor está no não institucionalizado.

# BEPOLAR

## ACERTE NO PRESENTE PARA GANHAR NO FUTURO.



Abra sua Caderneta Bepolar  
em qualquer agência do  
Banco do Estado do Piauí.

O investimento é de excepcional retorno. Você terá juros e correções monetárias todos os trimestres, em índices superiores ao de inflação. Até 2.000 IPCs, há isenção total de Imposto de Renda.

Em termos de garantia, não poderia ser mais seguro: além do Governo Federal, BEPOUPAR conta com o respaldo do Sistema Financeiro BEP e do Governo Estadual.

**Bepolar**  
A Caderneta do BEP

Governo  
**HUGO NAPOLEÃO**

**BEPOLAR, TODOS NÓS ESTAMOS GANHANDO.**

# FATOS & NOTÍCIAS

## IX Salão de Artes plásticas

Nova produção da Fundação Cultural do Piauí que conta com o apoio da Sociedade Mineira de Olaria Pábiliana do Estado do Piauí, a Subsecretária Leni Monteiro de Carvalho (o titular se encontrava em Recife) abriu o IX Salão de Artes Plásticas do Piauí, em 20 de setembro, reunindo expressivo número de artistas piauienses, no total de 72 obras entre escultura, desenho, pintura e montagem.

A seleção e premiação ficaram a cargo da professora Teresa Miranda (Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro), pintagista Gerusa Castelo Branco e artista plástico Faíma Campose, sendo premiados Fredo Ramos (desenho), Dini (escultura) e Cornelio (exposito em escultura). Todas as de-



Saiba mais... Leni Monteiro, presidente da FAP, durante a cerimônia de premiação do IX Salão de Artes Plásticas, no auditório da Fundação Cultural.

mai trabalhos, embora não premiados, ficaram em exposição na Galeria do Theatro São Pedro de Setembro até 30 de setembro.

Paralelamente, a FUNARTE, através do INAP, expõe uma coleção de obras de artistas de várias regiões brasileiras, intitulada "Testemunhos

Regionais", patrocinou a apresentação do mago Eduardo Vilhena em solenidade presidida, ontem na Feira Popular de Arte da praça Sarau, o ministro, através do professor Valélio Rodrigues, um curso de desenho e criatividade para os artistas locais e alunos do curso de artes da Universidade



## Academia Parnaibana de Letras

Fundada em 28 de julho último, será oficialmente instalada a Academia Parnaibana de Letras, com a posse a 19 de outubro, das suas 30 membros. Na foto acima, vêem-se os fundadores da APAL (da esquerda para direita, em pé): Auchieta Mendes, Fontes Belajoin e Francisco Mendes e sentados: Alcecer Candeiro Filho, Maria da Penha Fontes e José Pinheiro.

# ENSAIO CRÍTIC

## Poética Faustiniana

Carlos Evandro Eulálio



Mário Faustino

exemplo de artistas que seguem a tradição horaciana, Mário Faustino também alternou a experiência criadora com a atividade reflexiva de crítico. Assim, mergulhado no mistério que preside o ato da criação literária, buscou com pertinácia, através da reflexão e sobre tudo da pesquisa — aliadas à experiência textual — possíveis pistas que pudessem tornar o tema menos complexo, fato ainda para nós tão enigmático. Mas um outro propósito também o animava: impulsionar a produção poética brasileira de seu tempo, carente de renovação, e imersa no "marromismo discursivo-sentimental, apesar dos estímulos de João Cabral e de alguns outros."<sup>1</sup> Alvaro Lise assim definiu a geração que precede Faustino: "Sente-se que os valores e padrões vigorantes há mais de 20 anos na poesia moderna já esgotaram suas potencialidades, já foram suficientemente utilizados pelos poetas que hoje têm 30, 40, 50, 60 anos de idade. Estão assim esgotados, gastos, esgotados, som que hajam sido substituídos por padrões e valores novos."<sup>2</sup> No ensaio "Poesia Concreta e Momento Poético Brasileiro", após fazer um balanço do quadro poético dos anos 50, ocasião em que saída os concretistas, Mário Faustino observa "que a poesia brasileira necessitava, para tirá-la da passividade em que ainda se encontrava, de um movimento de vanguarda sério e vivificante."<sup>3</sup> Com relação à geração do 45, assinala: "il n'existe pas, leur ambience littérature confère une existence — mais d'ailleurs de bons sonets, mais isso não mène à forme: soneto à hors-d'œuvre".

A partir dessas colocações, podemos então delinear a poética de Mário Faustino (aqui entendida, conforme Aristóteles, como reflexão teórica sobre a criação literária), ressaltando em sua produção duas pautas importantes, inter-relacionadas: o desejo de tocar o código, enquanto elemento capaz de representar o real como entidade auto-suficiente e a disposição de inovar a linguagem da poesia, concebendo-a no molde da criação primária ou recitação do objeto que "sob a forma de palavras-realidades se tecem através de todas as conjugações possíveis para formar um complexo, um objeto novo: o poema."<sup>4</sup> Em ambos os casos, seria a criação poética condicionada à primitivização do código, encadeando ao poeta, segundo as teorias de Vico e Croce, nomear o objeto (num estágio original), recinando-o, para em seguida dar-lhe ao leitor ou rocepior. Estariamos então, conforme

Faustino, diante do poema organizado como ser autônomo, na forma de uma nova realidade "sonora, plástico-estética ou plástico-dinâmica"<sup>5</sup>, produto de um exercício seletivo, através do qual projetar-se-ia o perfil socio-cultural do artista. Nesse processo «multídeo», que consiste na percepção, noção e recitação do objeto, o poeta "não atribui uma palavra qualquer a esse objeto, palavra que o assinalasse e que o artista pudesse, a seu bel-prazer, substituir por uma outra. Ao contrário, ele já percebe (e não apenas reflexe) o objeto nomeando-o como pela primeira vez e por isso mesmo, recinando-o em uma palavra, ou em um conjunto de palavras."<sup>6</sup> Conforme ainda o poeta, seria nos termos de Michel Debeau "o símbolo em seu caráter original".

Os conceitos de Mário Faustino podem ser inicialmente aproximados de Jakobson, no modo como o lin-

guista admite o poético na obra literária, ao considerar «alcance de da função poética: a palavra é experimentalizada como palavra e não simples substituto do objeto mediado, nem como explosão deção».<sup>7</sup> Segundo o mesmo conceitualista, Chiklovski,<sup>8</sup> está que a oposição essencial entre a linguagem poética e as da natureza está na perceptibilidade da prima e automatização da segunda; linguagem poética tem estranho ritual, apresentando-o numa forma de percepção nova, num efeito inesperado. O próprio Faustino terá: "o poético não teria de ser presumido e sim percebido."<sup>9</sup> Caráter estranho e surpreendente linguagem poética já aparece logo na *Poética* de Aristóteles XIII:<sup>10</sup> em que este aponta a elevação da poesia como consolação da incorporação de vocalis-

regimos e de todas as palavras que não sejam de uso corrente. Por outro lado, a professora Lucrecia Ferrare, ao explicar o "estranhamento do Chikovani"<sup>11</sup> observa que o objeto da criação artística, produto da arte estranha, "embora autônomo em relação ao referente, dele não se desvincula, no entanto "cria-se, assim, uma sinaxe que gera uma semântica interna ao texto criativo que se reúrgora nas próprias estruturas mediáticas que orde se produzem".<sup>12</sup> Nesse sentido, a autonomia de signos exerce papel relevante na escritura poesmátria que, segundo Barthes, "faz de 'saber uma festa'". As palavras no corpo do poema "não são mais concebidas ilusoriamente como simples instrumentos, são lançadas como projeções, explosões, vibrações, maquinarias, sabores".<sup>13</sup> Dentro dessa perspectiva, nutriríamos dizer que a gênese da criação poética para Mário Faustino estaria na linguagem, enquanto escritura que se organiza transgressivamente no interior da língua, pela primitivização de verbum:

"Apanha estas palavras do chão triste  
onde as deixei cair, fundo e solitário,  
forma delas um poema, um obsequio  
que posso devolver ao teu amor, na  
conta e peso de mundo e a pureza dos amores,  
que tu e eu fizemos entre os muros:  
um imortal poema, que é o eterno." (LXX)

Perfilhado o pensamento de Vico, para quem "no interior da poesia está a origem das linguas,"<sup>15</sup> Mário Faustino confere à palavra poética uma significação primária que por sua vez vai recriar o objeto visado. O objeto, motivo da criação artística, é reenviado através do canto, da celebração e da nomeação. Diante do real, o criador "vê nascerem em sua mente palavras rítmicas que inteiramente novas, insubstituíveis e essencialmente intraduzíveis, que não possam ser abjetos e sim o reciam em um plano verbal, batizando-o de um modo inexploravelmente novo, tirando-o do caos em que parecia encontrar-se e coloquando-o numa ordem nova."<sup>16</sup> Faustino distingue três funções básicas da poesia: pedagógica, catártica e social. Assim, o poema, concebido como fonte de conhecimento, por ser instrumento da experiência artística do poeta, alcançará também o leitor que se beneficiará de sua obra.

"Min poconta é noossa estatua, armada e tão  
Plácida, profana, pura quanto Pallas  
Bordando suas bordadas sem trançar  
Egílio aterradora. Farte, estatua,  
Na terra cur de carne se vivo fomos  
Durm de sangue e suor — um sur humano  
Enunciámos e vencemos obediencia".

Como fruto de seu experimento, a poema será resultante de uma operação que constituirá na possibilidade do vir a ser. Como objeto dinâmico, produto da linguagem primária e reificação, será capaz de inscrever o momento de sua concepção e de registrar a tensão dialógica existente entre o

operar e o seguimento dessa operação:

"Quem fogo desse dia, que me adora?  
Pregá-lo pelo mundo, votos de amor;  
Vermelha de fúria... e só com festim,  
Qu'coloco lá na minha... em palavras.  
Qu'presta... se presta... que... eu... aí... aí... aí..."

Essa tensão dialética refletirá as angústias do ato criador, através de sua tentativa de transpor os limites que separam o signo da realidade:

"Mas já de amanhã eu que se cubre  
Tão curdo ao sonho da Rua — tão nobre  
Ja sou e sou e sou — a morte — a morte.  
De traição foi feita; valeram emboscas?"

*Nos diálogos de Ofélia*, (O Poeta e seu mundo) 19, Mário Faustino, segundo as pugiladas de Paund, descreve o perfil de poeta contemporâneo; enumera suas principais atribuições e deveres como responsável pelos destinos da poesia. Para Faustino, o poeta, além de produtor (fazedor) comporta em si o duplo inspirado/arteiro. O trabalho poético não se restringirá ao momento singular da criação; haverá uma posterior reelaboração, sempre que sua consciência assim o exigir:

"Assim um fazendeiro empunha o seu  
Ornado de serpentes;  
Socina milhas e que foi feito à sua  
Augusta semelhança  
Contrafagão de um gosto mais difícil  
Soninhoso e remoto — soturnidíssimo... 20

A mimese, por si só, é insuficiente para o canto poético. Acerca disso a elia "o gesto mais difícil" e persistente que vai plasmar a figura do poeta artesão; daquele que, egreço da inspiração, transforma-se num obreiro do verbum, no poeta Pigmalião.

<sup>1</sup>En ministerio sacerdotal eu  
Pigmalion, talharem a noiva estrelas  
Estrelas de madeira, elas da noite.

Convicto de que a poesia é uma visão específica do conhecimento — "de quem faz e de quem recebe o poema" — cabe ao poeta zelar por sua integridade cultural da linguagem pura, sem a de todo correta, pois assim estará contribuindo "para o progresso da língua em que escreve, tornando-a, em seu poesia, mais exata, mais flexível, mais ampla e mais inclusiva, mais eficiente, em suma; já que nem uma linguagem eficaz e socialmente bem funcionará sem poesia."<sup>10</sup>

Vai, estás em levo e dividida  
A paz entre palavras confusas.  
Escreve cada infante a discurso  
Estava, só dezo, desconsolado: nem  
Um que podesse te consolar, verbos em  
Te nom, a bole das coisas, andar  
Um por como aquela existência, elas paginas  
Em por como se planteiam e o universo

Atento às necessidades de transformação do quadro literário brasileiro, subretudo no que tange à poesia e aos estudos críticos, o mestre de Mirim

Faustino foi também revolucionário no plano da ensaística moderna, ao denunciar encravadamente o alienamento e a inércia dos estudos críticos até então realizados em nosso meio. Edgard Portela, que posteriormente surgiria como crítico, a esse respeito pronunciou-se: "A chamada geração 45 foi uma geração sem criticos. Seu critico importante, Antônio Cândido, abandonou prematuramente a militância. Os que porventura continuaram a exercer a atividade crítica, nesse momento estavam de tal modo envolvidos que se fizeram inúteis."<sup>24</sup>

Ligado ao fenômeno literário enquanto tal, Mário Faustin defendia a sua abordagem crítica do ponto de vista estritamente estético, por objetivar primacialmente a apreensão de elementos intrínsecos na tacante obra em si mesma e não às circunstâncias que a condicionam. Ciente de que uma das funções da poesia consiste na transmissão de valores culturais, através da sucessão de gerações, proclamava os estudos literários sempre voltados para a tradição, dela retendo algo efêmero que pudesse ajustá-la às necessidades contemporâneas:

Outro aspecto notável que caracteriza a crítica exercida por Mário Faustino diz respeito ao rompimento com as barreiras do bom-médiante econômico, de acento moral ou da artificiosismo alienado. Com relação aos novos, adotava uma postura sincera, misto de societade e rigor. Soube também ser implacável com os valores consagrados, por isso causava inômido, porque chamava as peças às suas responsabilidades, criticando-os, exigindo que se autocríticasem. Exemplo desse fato vamos encontrar no ensaio "Poesia Concreta e momento poético brasileiro"; re-lê-a de Drummond mais participativamente; considera João Cabral mais inventivo que Drummond, embora faça "vanguarda em casa"; exige de Bandeira mais ambição; envia Cecília Meireles a agir com mais eficiácia, no sentido transformador; finalmente, aconselha Vinteuil de actuar "o contemporâneo".

Mário Faustino não só defendeu, mas exerceu uma crítica afastada dos elogios fáceis e da gratuidade, atendendo exclusivamente à reflexão apurada do fenômeno literário. No balanço que faz da poesia brasileira no ano de 1956 observa: "a animado parece ser mesmo um dos principais amigos de todas as formas de cultura em nos

No período entre 1956 e 1958, época de maior efervescência de nossas vanguardas, editou no Suplemento Diário da União do Brasil, em São

gina a que intitulou "Poesia Experimental", tendo ali exercido, como pioneiro entre nós, uma crítica literária de caráter instrumental e didático, dedicada exclusivamente à poesia. Era considerado um dos maiores poetas de sua geração. Para Wilson Martins, a morte de Faustino cortou a trajetória de um poeta cuja obra prometia constituir acontecimento importante em nosso meio. O poeta desapareceu na madrugada de 27 de novembro de 1962, aos 32 anos de idade, quando o avião em que viajava explodiu sobre os Andes, a poucos minutos do Aeroporto de Lima, na paisagem inchada de Coros de Las Cruces.

#### REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS:

- 1 — FAUSTINO, Mário — Poesia Experimental, Perspectiva, São Paulo, 1977, p. 218

- 2 — Apud cit. Alfonso Ribeiro da Sant'Anna in Música popular e moderna poesia brasileira, Vaca, Petrópolis, 1980
- 3 — FAUSTINO, Mário, op. cit., p. 214
- 4 — Idem, p. 65
- 5 — Idem, p. 67
- 6 — Idem, p. 68
- 7 — JAKOBSON, Roman — O que é Poesia, in Círculo Linguístico de Praga, Estruturalismo e semiótica, Globus, P. Alegre, 1980, p. 177
- 8 — CHKLOVSKI, V. — A arte como pensamento, in Teoria Literária, Globo, P. Alegre, 1971, p. 39
- 9 — FAUSTINO, Mário, op. cit., p. 66
- 10 — ARISTÓTELES — Poética, Trad. Edison de Souza, Pensamentos, Ateliê Cultural, São Paulo, 1979
- 11 — FERRARA, Lúcia — Estratégia das signos, Perspectiva, São Paulo, 1990, p. 35
- 12 — BARTHES, Roland — Aula, Galáxia, São Paulo, 1988, p. 21
- 13 — FAUSTINO, Mário — Mensagem, in A poesia de Mário Faustino, Civ. Brasileira, Rio, 1966, p. 15
- 14 — Apud cit. Mário Faustino, Poesia Experimental, p. 39
- 15 — FAUSTINO, Mário — Idem, p. 65
- 16 — FAUSTINO, Mário — O homem e seu horizonte, (poesia-filosofia) in A poesia de Mário Faustino, p. 49
- 17 — FAUSTINO, Mário — Carpe Diem, op. cit., p. 106
- 18 — Idem, p. 165
- 19 — FAUSTINO, Mário, op. cit., p. 48/57
- 20 — FAUSTINO, Mário — Mito in Poesia de Mário Faustino, p. 64
- 21 — Idem, (poesia-filosofia) p. 92
- 22 — FAUSTINO, Mário — Dilemmas de Oficina, in Poesia Experimental, p. 56
- 23 — FAUSTINO, Mário — O homem e seu horizonte, in Poesia de Mário Faustino, p. 94
- 24 — Apud, cit. Alfonso R. da Sant'Anna, op. cit., p. 48
- 25 — FAUSTINO, Mário — Poesia Experimental, p. 280

# GERAIS

## Abordagem crítica do romance Sempreviva, de Antonio Callado

 Com a publicação no início da década de 50 dos romances "Assassínio de Salviano" e "Madona de Caião", a literatura brasileira ganharia um escritor singular: Antonio Callado, pela personalidade marcante de suas obras. "Cidade Assassina" e "Pedro Micó", suas peças para teatro, revelariam a verba literária de Callado também na dramaturgia.

"Quarup", romance publicado em 1967, afirmou ainda mais a presença de Callado no contexto das letras nacionais: Uma narrativa vigorosa, com um plot riquíssimo devido à capacidade inigualável de escritor em se aprofundar na análise psicológica e nas estruturas que embalam a sociedade brasileira.

Como "Sempreviva", a obra a que nos propomos fazer uma pequena análise crítica, outra vez Callado nos revela de modo direto toda a marginalidade e a corrupção do modelo societário brasileiro.

Quando se começa a ler Sempreviva, temos a ideia de que nos deparamos com um romance comum, onde o escritor, logo de início apresenta os problemas que constituirão o enredo, dando-nos uma visão bem nítida do que tratará, inserindo-nos no contexto de temas a ser abordado. Com isso, concluímos facilmente que as personagens serão ótimos instrumentos das mãos do ficcionista, que as ajustará às tramas da urdidura, limitando sua in-

teração aos parâmetros já delineados, moldando suas características físicas, psicológicas e mitológicas aos interesses do desenvolvimento da narrativa.

Todavia, à medida que nos aprofundamos, percebemos que as personagens não são inerte morta. Elas adquirem um aspecto de vida violento e se desdobram no decorrer da narrativa com características próprias também não determinadas pelo autor, mas fruto de sua trajetória no enredo e das influências naturais do meio biopsicossocial em que interagem.

Destarte ter uma narrativa linear, com algumas digressões ao passado decorrentes de intrusões dos personagens, esta não se desenvolve pela planificação do romance, e sim pelo contraponto das personagens que vivem os encontros e desencontros do problema por que passam de forma tão verossímil que transcendem suas emoções ao leitor.

Por isso, o romance envolve, penetra, apegue-se, fazendo com que somos partido, convivendo com os sentimentos das personagens, com, contudo, embaciar o raciocínio crítico, vez que a própria verossimilhança não fará ver as limitações humanas de todos e não esperar nada de excepcional, como o princípio a obra insinua: Quanto voltaria ao Brasil, vingaria a morte de Lucinda e ressuscitaria vitrioso a Lendácea.

As personagens escapam ao domínio do escritor e passam a revelar suas realidades, riquezas e incertezas ao leitor.

po que denunciam as incongruências e a desagregação do modelo societário brasileiro, decadente, putrefato de tanta miséria pela corrupção que se arraigou nas pessoas, mudando seu comportamento, fazendo-as participar no seu processo; tão desagregada estava a estrutura psicológica de Clodomiro Antero Várjão Marques, que se beneficiou da corrupção; como estava a de Vasco-Quincho-Souza, após terem arrependido Lucinda de seus braços e se envolvendo com ela.

Ressalte-se a maestria com que Callado consegue desenvolver toda a desagregação psicológica de Quincho numa obsessão pungente, retratada na visão da imagem de Lucinda em cada forma surgida à sua frente, que só acabaria quando a morte servisse de elo de ligação entre os dois.

Um romance vigoroso, desvendando toda a hipocrisia do homem, do hábito brasileiro, escrito numa língua geral bem próxima da denotação, num tentativo de ser, e bem sucedida de fisionomia, de apresentar também através da fala dos personagens, características inerentes à sua personalidade: observando a sintaxe nervosa e insegura de Quincho; a sintaxe prepotente de Várjão, a sintaxe descontrolada de Jupira, e a sintaxe branda de Palhano, um recurso lingüístico usado por muitos escritores atualmente. Portém, poucos tão subversivos como Callado.

Josémar Neto

**CERVEJA  
NO BRASIL  
SÓ BRAHMA**



Parnaíba — Péricles Rodrigues & Cia. Ltda.  
Rua Dr. João Goulart, 315  
Fone: 322-2184

Campo Maior/Piripiri — Mabel — Mafrense Bebidas Ltda.  
Av. Heróis do Jenipapo, 709  
Campo Maior  
Floriano — Distrib. Bebidas Vale do Parnaíba  
Fone: 522-1626

Oeiras/Picos — Barbosa & Cia.  
Av. Duque de Caxias, 133  
Fone: 462-1261 / 1342

DISTRIBUIDORES NO PIAUÍ  
Teresina — Péricles Rodrigues & Cia. Ltda.  
Av. Maranhão, 71/81-Sul  
Fones: 222-6062 - 222-2673  
Distribuidora Chagas Barreto do Piauí Ltda.  
Alameda Parnaíba, 839  
Fones: 223-4766 / 4767.

**Escritório Regional:**  
**Rua Coelho Rodrigues, 2033**  
**Teresina - PI. Fone: 223-4060**

# Poetas de Ontem, Hoje.

## Seleção e notas de Félix Aires

Considerado cronologicamente o primeiro poeta do Piauí e o primeiro dentro os radicais do Estado de Santa Catarina. Natural da antiga vila de São João da Parnaíba. Nasceu em 1787, e falecido a 11 de junho de 1852, na vila do Piriá, Rio de Janeiro. Poeta e jurisperito.

É um dos primeiros piauienses a migrar para Portugal, como estudante do curso jacialino da Universidade de Coimbra, fazendo parte da Batalhão Acadêmico organizado por ocasião da invasão francesa, entusiasta admirador de Bocage, filiado aos elianistas. Referem-se a ele, além de João Pinheiro, no "Literatura Piauiense", 1937, Alberto Lamego, no "Jornal do Comércio", Rio, 22.10.33; Renaldo de Carvalho, no "Pequena História da Literatura Brasileira", e Mário Bohring, que o classifica dentre "os brasileiros colhentes de 1822"; Oswald de Carvalho, no "Quatro Vates e um Defunto" (os mais antigos poetas do Santa Catarina, Revista — Sul — 2B, 1937). Desembargador aposentado. Bacharel em leis e Opositor aos Lugarões de Letras de 1831, elegendo-se re-

presentante do Piauí às Cortes Constitucionais de Lisboa, mandato que, entretanto, não desempenhou, sendo substituído pelo respectivo suplente, padre Domingos da Conceição. Exerceu diversos cargos na magistratura; Juiz de Fora de Mariana, MG, 1812. Segundo Juiz de Fora de N. S. do Desterro, 1816. Juiz do Crim, do Civil, de Ofícios. Provedor da Fazenda, dos Defuntos, Ausentes, Capelas e Relíquias, com Prédicamento de Corregedoria Ordinária, cabendo-lhe, nas Ordenações do Reino, presidir à Câmara Municipal. Seus livros: "Poemas", Coimbra, 1808; "Ode Plaudífrica e Congratulatória ao Príncipe, a Pátria e a Academia, pela Restauração do Governo Legítimo", 1808; "Narração das Marchas Feitas pelo Corpo Militar Acadêmico", desde 21.3., em que saiu de Coimbra, até 12.5., sua entrada no Porto, 1809; "O Pranto Americano", 1812; "O Patriotismo Acaémico", 1812; "Os Sucessos da Restauração do Porto", 1809; "O Amigo do Rei e da Nação" (publicação semanal), 1821; "Defesa de João Guilherme Radcliffe", publicada com o respectivo processo, 1872; "As San-

dosas Cintas do sr. João do Melo, Visconde de Castro", 1826; "Ao Grande e Heróico Abril de 1831", hino; "Laudide sobre a Legislação Civil e Crimí Império do Brasil", 1837; "Hino de Olímpia e Herculano", 1840.

VIDÉO SARAIVA DE CARVALHO E FILHA, 1787

### SONETO

Fazem um luarzinho triste, e mais triste ainda. Que é setenta dias metido todo o mundo. Mas bem que gosto não seja adiantado. Minha aldeia, afora hei já mil anos.

Além das turmas muitas distâmanas, Homens de meus pais e vós errada, E, contudo unica vez, a Pátria amada. Arrancaram-me eu pais com os amigos.

De onde eu fui me arrependi a vós malda. Da desgraça lezai, o berço forte. E sobre os homens meus o macho grava.

E, se não me engano, vos ouvir... é certa Esta sonetinho com sangue escrito. — "Em breve lutarás com a terra natal

# ***Uma cadeia para a sua liberdade***



O Piauí, confiante no desenvolvimento do turismo interno, está implantando uma cadeia de hotéis para você desfrutar em liberdade, roteiros que você mesmo descobrirá.

A construção do Hotel RIMO, na cidade de CORRENTE, no sul do Estado, já foi iniciada e estão aprovados os projetos para Luiz Correia, Pedro II, Esperantina, Canto do Buriti, S. Raimundo Nonato e Oeiras.

A cadeia RIMO espera recebê-lo em futuro próximo em uma de suas unidades turísticas.

Até breve.

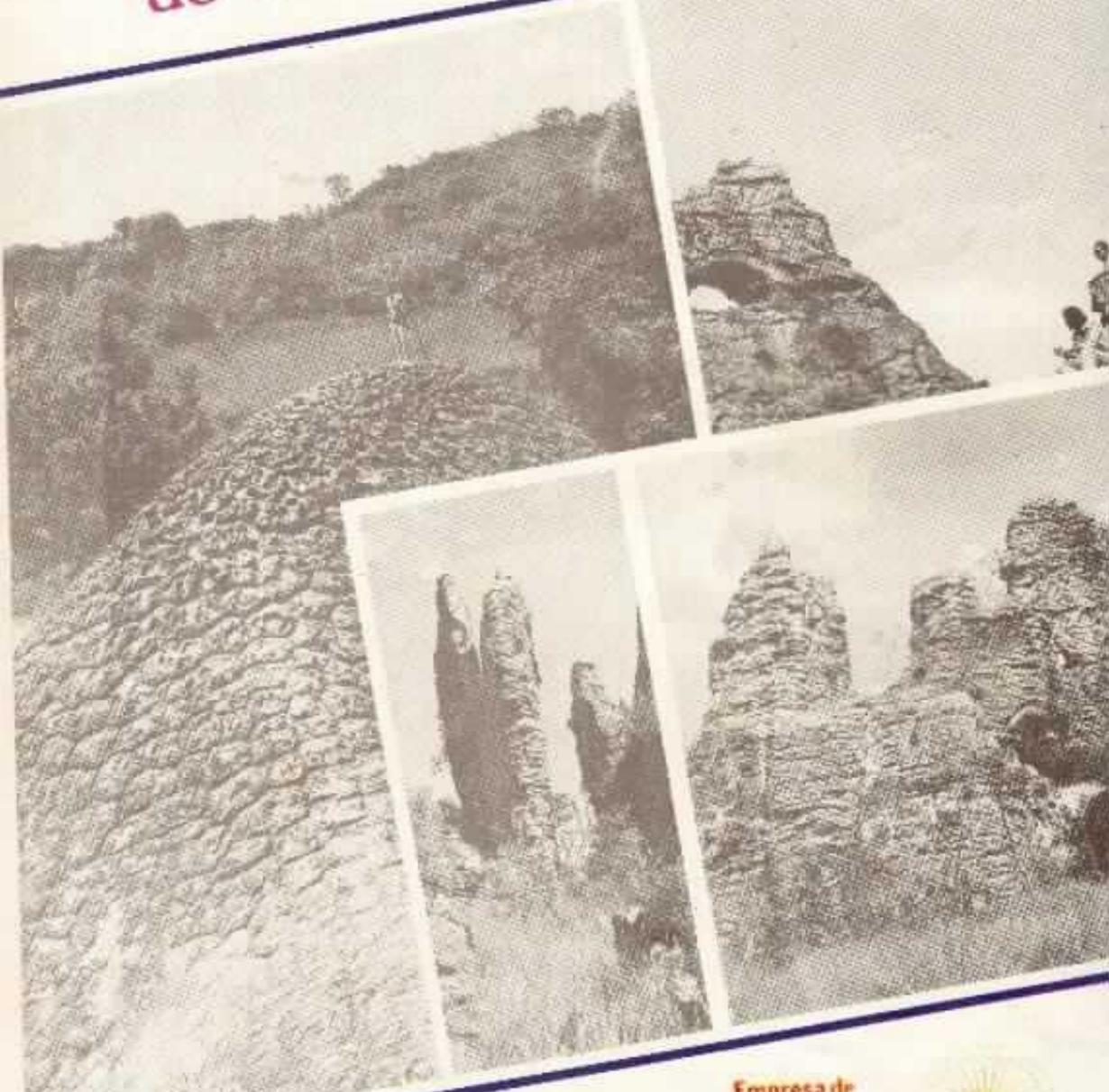


Rede Integrada  
de Hotéis e Motéis  
do Piauí S.A. — RIMO  
Fone: 223-3100  
Teresina - Piauí

Vinculada à Secretaria de Cultura,  
Desportos e Turismo.



# Sete Cidades O Fantástico Encanto do Piauí



Empresa de  
Turismo do Piauí

**PIEMTUR**

Vinculada à Secretaria de  
Cultura, Desportos e Turismo

# *Uma cadeia para a sua liberdade*



O Piauí, confiante no desenvolvimento do turismo interno, está implantando uma cadeia de hotéis para você desfrutar em liberdade, roteiros que você mesmo descobrirá.

A construção do Hotel RIMO, na cidade de CORRENTE, no sul do Estado, já foi iniciada e estão aprovados os projetos para Luiz Correia, Pedro II, Esperantina, Canto do Buriti, S. Raimundo Nonato e Oeiras.

A cadeia RIMO espera recebê-lo em futuro próximo em uma de suas unidades turísticas.

Até breve.

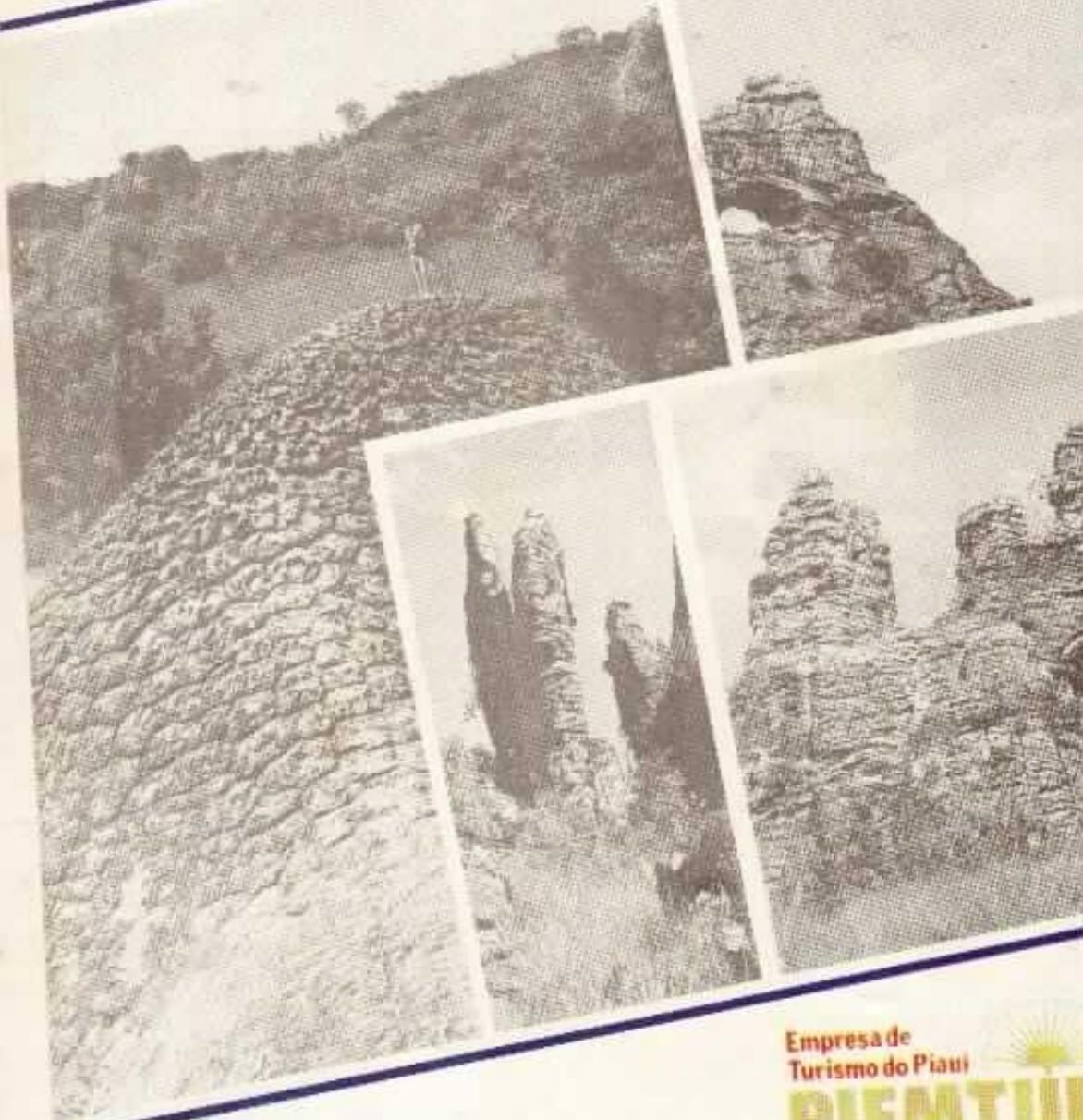


Rede Integrada  
de Hotéis e Motéis  
do Piauí S.A. — RIMO  
Fone: 223-3100  
Teresina - Piauí

Vinculada à Secretaria de Cultura,  
Desportos e Turismo.



# Sete Cidades O Fantástico Encanto do Piauí



Empresa de  
Turismo do Piauí

**PIEMTUR**

Vinculada à Secretaria de  
Cultura, Desportos e Turismo

